

Luís Filipe da Sousa Martins Torres de Carvalho

**Rebeldia e Sensualidade no *Suplemento*  
*Cultural***

(Uma perspectiva da produção literária dos poetas  
"insubmissos")

Tese de Mestrado em Teoria da Literatura

Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Para a obtenção do grau de

Mestre em Teoria da Literatura

Ao Américo pela postura moral e dignidade, ao Filipe pela luta titânica pela vida e à Joana simplesmente por amor.

Agradecimentos ao Professor Alberto Carvalho pelas orientações dadas e à Lupa, Paula e Lélé pela ajuda e motivação.

# Índice

Introdução	
I - Coordenadas socio-culturais e literárias .....	15
1. Contexto social, cultural e literário.....	16
1.1. A sociedade cabo-verdiana.....	16
1.2. Autores e obras.....	18
1.2.1. Biografia.....	18
1.2.2. Os títulos das obras.....	21
1.2.3. Estrutura das obras poéticas.....	22
2. Um pouco de historiografia.....	24
2.1. O <i>Suplemento Cultural</i> .....	34
2.1.1. Uma nova perspectiva ideológica-literária.....	35
2.1.2. Afrocaboverdianidade.....	35
2.1.3. Reivindicação rácico-cultural nos textos poéticos.....	39
2.1.4. anti-evasionismo.....	42
3. Evolução temática.....	44
II - Uma estética e poética da rebeldia e da sensualidade.....	46
1. Dominantes temáticas.....	47
2. O papel da mulher no <i>Suplemento Cultural</i> .....	64
2.1. O amor, a mulher e a terra.....	64
3. O papel da criança.....	70
4. Subjectividade, objectividade e mimesis na poética "suplementista".....	71
III - Campos de Inovação.....	75

1. Linguagem e comunicação.....	76
1.1. Léxico: idiolecto apresentado.....	76
1.2. Simbologia e plurissignificação.....	77
2. Marcas do processo de enunciação e tom dialéctico e coloquial.....	83
2.1. Tempo da enunciação.....	87
2.2. Marcas do discurso e identificação dos interlocutores.....	87
3. O espaço na poética do <i>Suplemento Cultural</i> .....	91
3.1. O espaço geográfico no <i>Suplemento Cultural</i> .....	93
3.2. O espaço da emigração e do exílio.....	94.
4. Personagens.....	94
5. Elocução.....	97
6. Estilo.....	99
7. Estrutura formal.....	101
7.1. Paralelismo.....	101
7.2. Refrão.....	102
7.3. Desenvolvimento circular.....	103
7.4. Enjambement.....	104
7.5. Mordobre e dobre.....	105
8. Recursos morfo-sintácticos.....	105
8.1. Advérbios de modo em -mente.....	105
8.2. As frases imperativas.....	106
8.3. Neologismos.....	108
8.4. Substantivos abstractos.....	108
8.5. Adjectivos.....	109

8.6. Verbos no gerúndio.....	110
8.7. Sintaxe.....	110
8.7.1. Complementos determinativos.....	110
8.7.2. O papel das partículas adversativas.....	111
9. Recursos estilísticos (aspectos fónicos).....	112
9.1. Musicalidade.....	112
9.2. Anáfora e aliteração.....	113
9.3. Recursos de estilísticos (Figuras de estilo e de retórica).....	116
9.3.1. Antítese.....	116
9.3.2. Hipérbole.....	117
9.3.3. Imagem.....	118
9.3.4. Interrogação retórica.....	119
9.3.5 Metáfora.....	120
9.3.6. Enumeração.....	121
9.3.7. Animismo.....	122
10. Diferenças entre os autores do <i>Suplemento Cultural</i> .....	122
Conclusão	

## Convenções

Embora não seja muito vasto o conjunto de obras que vamos citar, consideramos ainda de interesse prático simplificar as referências aos autores e às respectivas obras no decurso do nosso trabalho, pelo que adoptaremos as seguintes abreviaturas:

1. Gabriel Mariano: G.M.; *Ladeira Grande*: L.G.
2. Onésimo Silveira.: O.S.; *Hora Grande*: H.G.
3. Ovídio Martins: O.M.; *Gritarei Berrarei Matarei - Não Vou Para Pasárgada*: G.B.M..

"O teórico da literatura não está apenas interessado em compreender a obra, como simples leitor; a decompô-la nos seus elementos para uma melhor compreensão, como o crítico; a determinar a situação dela num sistema ou contexto histórico, como o historiador de literatura; ou a julgá-la segundo determinadas escalas de valor, como o sociólogo e o filósofo. Visa, sim, extrair dela e de tudo o que com ela se relaciona ideias gerais, elaborá-las e formular uma teoria acerca do que é essencial nos fenómenos literários."

Mário Carmo e M. Carlos Dias, in *Introdução ao Texto Literário*, p.207<sup>1</sup>

## Introdução

Muitos anos de convívio com familiares e amigos oriundos de Cabo Verde ajudaram a solidificar interesse por um estudo sobre literatura cabo-verdiana. Já há muito tempo que nos foi dada a conhecer a terra cabo-verdiana, através de amena conversa quase diária com diversos interlocutores oriundos do Arquipélago. No nosso espírito surgiram ideias e pensamentos que se foram consubstanciando e alterando ao longo dos anos. Posteriormente, travámos contacto, quase acidentalmente, com a literatura: textos de Eugénio Tavares, Baltasar Lopes, G.M. passaram pelos nossos olhos, sem orientação de leitura. Ao parco conhecimento de alguns textos literários juntou-se a experiência que tínhamos já da música, da culinária, do convívio, da fisionomia e da idiossincrasia cabo-verdiana. Uma ideia relativamente ao contexto cabo-verdiano ganhava forma e substância e o interesse foi-se tornando cada vez maior. Por fim, veio a Faculdade, o estudo superficial de literaturas africanas de língua portuguesa em disciplina semestral, culminando com o desejo de saber um pouco mais de Cabo Verde quando se propôs a escolha de um tema para a tese de Mestrado em Teoria da Literatura.

---

<sup>1</sup> Mário Carmo e M. Carlos Dias in *Introdução ao Texto Literário, Noções de linguística e Literariedade*, Didáctica Editora, 3ª edição, s.d., p.207.

Consideramos que é de interesse um estudo da poética do *Suplemento Cultural*, pois vai permitir um investimento no conhecimento de uma literatura que nos é próxima, na sua maior parte redigida em língua portuguesa; e na mensagem literária que lhe é endógena não deixa de se aproximar do contexto português, do ponto de vista histórico-social e cultural. Conhecer a literatura dos povos africanos que estiveram sob domínio colonial português é rescrever uma parte da História de Portugal. A sua literatura é, em parte, espelho do investimento português nessas regiões ao longo dos anos. Observa-se uma constante presença da cultura portuguesa no domínio sócio-cultural desses povos, uma vez que o seu convívio e a sua interação com as gentes lusíadas proporcionaram o emergir de uma nova sociedade e cultura. Uma língua comum torna-se um veículo privilegiado para a acessibilidade à cultura de outros povos e outras realidades, e assim, factor de desenvolvimento intelectual e de novos horizontes de expectativas.

Ao estudarmos a poética da geração do *Suplemento Cultural*, somos obrigados a debruçar-nos sobre a literatura cabo-verdiana, no geral, e ter em conta aspectos ideológicos, sociais, políticos, históricos e culturais do panorama cabo-verdiano.

Pretende contribuir-se para um melhor conhecimento dos "poetas insubmissos" do *Suplemento Cultural*, fazendo o estudo dos seus textos numa perspectiva da teoria literária.

Mostra-se importante a inserção dos autores no panorama literário cabo-verdiano, de forma a melhor compreender qual o seu contributo e qual o seu papel, nesse contexto. Com a análise da obra dos "suplementistas", procura identificar-se os seus elementos alicerçantes, as suas características mais gerais. Para nos referirmos ao estatuto desta poética no seio da literatura cabo-verdiana, tentaremos aludir aos seus

aspectos inovadores, ou seja, aos seus elementos diferenciadores em relação às poéticas antecedentes. São esses elementos que irão sustentar um modo de produção literária dissemelhante, e um estilo coeso e distinto. O contexto histórico-social em que a obra poética destes autores foi materializada representa uma ajuda importante para a análise da mensagem poética. A nosso ver, sem afastar a ideia de que a poesia elaborada pela geração do *Suplemento Cultural* apresenta-se como uma poética de continuidade do projecto literário iniciado pela *Claridade* no respeitante à afirmação regional<sup>2</sup>, consideramos que o contexto político-social e internacional pode ter contribuído de certa forma, além de outros factores relacionados com o contexto regional, para o surgimento do *Suplemento Cultural*. Pensamos que as linhas ideológico-literárias deste grupo literário representa o produto de uma época, tal como acontecia com os outros grupos anteriores. Por isso, diminuámos o empolamento que se tem feito relativamente a algumas discordâncias pontuais e ideológicas entre elementos de gerações literárias diferentes após o advento da *Claridade*. O objectivo comum a todos constava numa literatura onde representar, problematizar e indagar a vida nas ilhas, denunciar a dramática existência das populações, mostrar a intimidade, a epopeia e a idiossincrasia do homem isleno e reafirmar Cabo Verde como região única apresentavam-se como formas e sentidos dos conteúdos textuais. Sobre o conflito geracional diz-nos o Professor Alberto Carvalho: "Embora sem nada de especialmente inovador, estes conflitos são a expressão visível de um fenómeno de circunstâncias em crise de crescimento, motivo suficiente para deverem ser valorizados de acordo com o papel que

---

<sup>2</sup> Ideia aproximada defende Manuel Ferreira em *No Reino de Caliban*, Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa I, Cabo Verde e Guiné-Bissau, organização, selecção, prefácio e notas de Manuel Ferreira, Seara Nova, 1975, Lisboa, p. 156: "Relativamente à *Claridade* e *Certeza* como se situa o *Suplemento*? Por um lado, deverá encarar-se como uma solução de continuidade, por outro, assinalando uma evolução. Um ponto comum as identifica: a revelação da cabo-verdianidade."

lhes cabe desempenhar como marcador historiográfico"<sup>3</sup>. A conflitualidade que surgiu teve a ver com o desacordo relativamente ao caminho a seguir e a perspectivas diferentes quanto à especificidade cabo-verdiana, uma vez que o objectivo primeiro continuava solidamente arraigado.

A nossa metodologia de análise consiste, no essencial, em procurarmos aspectos gerais convergentes na poética citada e organizá-los num sistema coerente. Os autores serão perspectivados como elementos criativos da poética do *Suplemento Cultural*. Pretendemos com isto dizer que eles interessam enquanto entidades que possibilitaram o produto final: a poética da geração do *Suplemento Cultural*, sendo essa a nossa meta. Certos pormenores diferenciadores da sua obra poética só têm pertinência numa lógica de modalidade disjuntiva: ou para justificar regras gerais ou para reiterar que, apesar das convergências, existem igualmente divergências.

Analisar a obra poética do *Suplemento Cultural* numa perspectiva da Teoria da Literatura pressupõe a desconstrução da mesma, até se chegar aos seus componentes de base; estes representam o que obra tem de mais genuíno, e, desta forma, identificam-se as sementes que a germinaram. Elementos base dos textos dos diversos autores são reunidos e procuram-se semelhanças entre eles. Encontrando-as, são reagrupadas e tenta-se sistematizá-las. Apresentam-se como o sustentáculo das obras, clarificando quanto às suas características gerais. Pontos dissemelhantes não entram no processo de estudo. Porém, não basta analisar os textos literários, tendo em conta unicamente os enunciados e as regras que os norteiam, como se a expressão literária bastasse por si só. O policódigo literário apresenta um conjunto de normas necessárias que se deve seguir e respeitar, para que a hermenêutica da mensagem poética tenha o reconhecimento exigido pela comunidade literária. Aquele que realiza a análise deve compreender o

---

<sup>3</sup> Prefácio de Alberto Carvalho, in *Falucho Acorado*, de Manuel Lopes, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. XI.

processo de semiose que incide sobre o sistema modelizante primário, viabilizando o sistema modelizante secundário. Precisa de estar munido de competência linguístico-literária mínima para efectuar, com alguma credibilidade, a análise do módulo textual e do contexto. Competência literária não acaba no estudo dos múltiplos e complexos componentes que interagem e que "habitam" no texto literário<sup>4</sup>.

Resumindo, para conhecermos o conteúdo da mensagem literária é necessário termos em conta o metatexto, o intertexto e o contexto situacional. O co-texto e o contexto são inseparáveis no estudo de textos literários. Portanto, não nos basta verificar as convergências estritamente literárias nos enunciados poéticos dos "suplementistas". Mostra-se importante considerar o momento histórico, social, cultural e literário que vigora por altura da elaboração das obras. Junta-se também o percurso vivencial e ideológico dos autores, além de certos aspectos da sua personalidade e temperamento. Acrescente-se que o percurso diacrónico da evolução do contexto cabo-verdiano também pode dar indicações importantes.

No campo do texto literário em si, como artefacto materializado numa textura, a identificação das dominantes temáticas posiciona-nos sobre os assuntos versados. Estes teriam uma razão de ser que o contexto situacional ou a vivência dos autores pode ajudar a explicar. Tendo em conta a convicção de que os textos poéticos realizados por este grupo se encontram fortemente impregnados de componentes ideológicas, políticas e sociais, torna-se interessante fazer o seu reconhecimento no quadro da análise textual. Conexões entre o mundo empírico e o mundo textual mostram-se necessárias no sentido da compreensão da mensagem textual e das linhas ideológico-literárias que a suportam.

---

<sup>4</sup> A este respeito Aguiar e Silva diz-nos: "O texto literário, (...) como objecto semiótico, não pode ser adequadamente descrito e explicado se se considerar apenas o co-texto e se se atribuir a este uma autonomia e uma auto-suficiência sémico-formais absolutas", in Vítor Manuel Aguiar e Silva in *Teoria da Literatura*, Livraria Almedina, Coimbra, volume I, 8ª edição, 1988, p.295.

O posicionamento político face ao contexto social é um elemento extraliterário que não deixa de intervir como fonte inspiradora na construção dos textos. Elementos extraliterários concorrem para o ideal que alicerça a comunicação literária, e, por isso, consideramos que é necessário integrá-los no processo hermenêutico. A intencionalidade do autor pode, assim, tornar-se visível na mensagem, transformando-se esta no reflexo da perspectiva político-social, se bem que com cariz lírico. Numa primeira abordagem dos textos, a identificação de vocábulos pertencentes ao domínio do social e etnocultural das Ilhas e a presença de verbos enérgicos de cunho e significado revolucionário, a ideia da mudança e de um futuro redentor, conseqüente da redundância de vocábulos com esse sentido, levam-nos a proceder à selecção desses termos e a consubstanciar esse elo entre facto textual e real. Apesar do esforço mimético nessa direcção, não se deixa, porém, de facultar espaço ao lirismo poético. Sendo a poética uma arte de comunicação literária onde está presente a verosimilhança e não a verdade, admite-se que o seu campo de actuação seja invadido pelo lirismo subjectivo. A *mimesis* admite um mundo criado pela poesia, mas também um mundo emocional, individual, subjectivo e imagético.

Recursos estilísticos, identificados através do reconhecimento das figuras de estilo e dos recursos morfo-sintácticos, apontam para o estilo dos autores e estética das obras. A enunciação tem também um papel na identificação do tipo de discurso e de linguagem presentes, sendo neste caso, um veículo importante para o reconhecimento do tom dialéctico e coloquial nos enunciados. Pistas sobre a intensidade discursiva e o sentido e direcção tomados pela linguagem é-nos fornecida pela elocução. No caso da poética do *Suplemento Cultural*, tem relevância, pois notam-se alterações em relação às poéticas precedentes. Para a compreensão dos contornos que a literatura cabo-verdiana

foi adquirindo, a sua evolução e também para o entendimento dos elementos contributivos para o surgimento da poética dos autores "insubmissos", a alusão ao percurso desde o início da modernidade da literatura cabo-verdiana até à altura da reificação da poética do *Suplemento Cultural* é uma prioridade.

Queremos sublinhar que o nosso estudo não vai recair sobre o suplemento da revista *Cabo Verde*, mas na produção poética da chamada geração do *Suplemento Cultural*, enquanto grupo literário. Embora O.S. não tenha publicado no *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, integramo-lo nesta geração devido à proximidade ideológico-literária e à idade.

Pensamos que é defensável a ideia de que o *Suplemento Cultural* obedece a uma poética que tem um projecto de continuidade relativamente ao novo período literário iniciado pelo grupo *Claridade*, mas com uma nova perspectiva da especificidade cabo-verdiana. Uma poética onde se nota uma variante discursiva e ilocutória e que reflecte um estado de espírito da época em que foi produzida. O contexto situacional terá também tido uma cota parte de responsabilidade na sua emergência, influenciando o sentido do projecto "suplementista" para a rebeldia, para o sentimento, sensualidade e amor. São estes os argumentos que procuraremos defender na nossa tese.

# **I**

## **Coordenadas sócio-culturais e literárias**

## **1. Contexto social, cultural e literário**

Em Cabo Verde, o contexto político, social, histórico e literário terá permitido, nos anos 30, a emergência de um novo período de produção literária, não só em termos de dominantes temáticas, como de conteúdos literários e de transformações formais e estéticas. Iniciou-se, assim, uma nova estética literária. Mas a acção do grupo de intelectuais que originou essa mudança, não se limitou só a alterações no domínio literário, mas também no campo ideológico, sociológico, antropológico e etnográfico. Novos ideários e perspectivas sobre Cabo Verde ganharam forma e a produção poética da geração dos anos 50/60 deve muito ao pioneirismo dos pensadores de 30, uma vez que prosseguiu, de certa forma, no caminho que estes tinham desbravado.

*Claridade* foi a revista e o grupo promotor do novo pensamento, tornando-se a cena cultural subsidiária da acção dos seus elementos constituintes. Referência cultural maior no Arquipélago durante algumas décadas, conseguiu fazer passar a ideia de que Cabo Verde era um caso único em termos sócio-culturais, psico-emocionais e de personalidade colectiva. No mesmo caminho de afirmação regional, prossegue a acção ideológico-literária dos poetas "insubmissos" do *Suplemento Cultural*.

### **1.1. A sociedade cabo-verdiana**

Cabo Verde, um arquipélago atlântico, em plena banda tropical, com uma área de 4033 Km<sup>2</sup> e uma população de cerca de 350.000 almas<sup>5</sup>, tem uma sociedade multifacetada, devido às diversas origens dos seus habitantes: em termos de raça, é facilmente verificável a disparidade de origem da população do Arquipélago.

Predominam os indivíduos mestiços, resultado de relações interracialias, promovidas pelo tipo de povoamento efectuado. Grupos populacionais oriundos da Europa, esmagadoramente portugueses, mas também alguns indivíduos catalães e genoveses, deslocaram-se para habitar o Arquipélago, no século XVI. Cedo verificaram a falta de recursos e as adversidades climáticas e da Natureza, o que fez com que muitos regressassem à sua terra natal<sup>6</sup>. Mais tarde, por imperativo de domínio efectivo, a coroa portuguesa considerou que só a força de mão-de-obra escrava poderia minimizar a agressividade natural e permitir o surgimento civilizacional das Ilhas<sup>7</sup>. Com a vinda de povos africanos, os habitantes tiveram de interagir e de se adaptar a novos estilos de vida, personalidades e temperamentos e a um estranho meio físico e climático. Esta situação provocada pelas condicionantes das Ilhas e pelo povoamento ilustra a génese da sociedade cabo-verdiana: o caldeamento entre culturas africanas e europeia. Na nossa opinião, a especificidade cabo-verdiana não distingue uma raça, mas uma etnia<sup>8</sup> (note-se que a língua oficial é a portuguesa e a civilização<sup>9</sup> é a cabo-verdiana). O facto da população cabo-verdiana ser maioritariamente mestiça, demonstra que teve lugar um relacionamento e convívio entre diferentes raças. Estar a valorizar uma em detrimento de outra seria promover a fragmentação e desvirtualização relativamente à unidade crioula. Forte representante da cultura lusíada no Arquipélago é a língua portuguesa,

---

<sup>5</sup> Veja-se *Alamanaque*, São Paulo, Editora Abril, Abril de 1978, p. 519.

<sup>6</sup> "A euforia dos colonizadores bem depressa desapareceu ao verificarem a escassez de chuva, as epidemias de malária e a inospitalidade do clima para os principais produtos europeus.", in Federico Cerrone, *Cabo Verde, Cruzamento do Atlântico Sul*, Edição Rádio Nova, Mindelo, S. Vicente, Outubro de 1998, p. 28.

<sup>7</sup> "Em 1466, o rei, para encorajar os colonizadores, concedeu-lhes o privilégio exclusivo de conseguirem pelos seus próprios meios a mão de obra gratuita, recolhendo escravos no continente limítrofe.", in Cerrone, Federico, *Cabo Verde, Cruzamento do Atlântico Sul*, Edição Rádio Nova, Mindelo, S. Vicente, Outubro de 1998;

<sup>8</sup> Entendendo-se por etnia, como exemplifica o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de J. Almeida da Costa e de A. Sampaio Melo, da Porto Editora, 6ª edição, p. 708, como o "conjunto de indivíduos que, podendo pertencer a raças e a nações diferentes estão unidos por uma civilização e, particularmente, por uma língua comuns".

<sup>9</sup> Entendendo-se como o "conjunto das instituições, técnicas, costumes, crenças, etc., que caracterizam uma sociedade ou um grupo de sociedades determinadas", in *Dicionário da Língua Portuguesa*, de J. Almeida da Costa e A. Sampaio Melo, "Dicionários Editora, 6ª edição, p. 364.;

tendo-se tornado língua oficial do território, após a independência, reconhecendo-se, desta forma, a importância da cultura portuguesa por parte dos cabo-verdianos.

## **1.2. Autores e obras**

### **1.2.1. Biografia<sup>10</sup>**

Dos três poetas da geração da *Suplemento Cultural* que consideramos mais representativos, um é oriundo da ilha de S. Nicolau e os outros dois da de S. Vicente. José Gabriel Lopes da Silva Mariano nasceu na Vila da Ribeira Brava, ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, no dia 18 de Maio de 1928 e faleceu em Lisboa, vítima de doença prolongada, no ano de 2002. O.S. nasceu no Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde, em 16 de Fevereiro de 1935. Ovídio de Sousa Martins nasceu no Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde, em 17 de Setembro de 1928 e faleceu em Lisboa em 1999, vítima de doença prolongada, não cumprindo, (tal como G.M.) um dos seus maiores desejos: morrer em Cabo Verde. Os estudos primários e secundários foram realizados nas ilhas. Mais tarde, todos quiseram prosseguir os estudos em universidades fora do Arquipélago Só O.M. não completou a sua licenciatura, por motivos de doença, se bem que tenha frequentado o segundo ano de Direito na Faculdade de Direito de Lisboa. O.S. doutorou-se na Suécia e actualmente é embaixador de Cabo Verde em Portugal. G.M. licenciou-se em Direito e tornou-se juiz na comarca de Queluz. O.M. fez trabalho administrativo em empresas portuguesas. Mais tarde, dirigiu o Instituto Cabo-verdiano do Livro. A personalidade destes autores reflectiu-se obviamente na sua obra.

---

<sup>10</sup> Grande parte dos dados biográficos presentes foram retirados da biografia presente na obra Manuel Ferreira, *50 poetas africanos* de Manuel Ferreira Ferreira, Lisboa, Plátano Editora, 1ª edição, 1989;. Acrescentámos algumas referências que apurámos junto de muitos outros testemunhos.

Sensíveis aos problemas sociais dos cabo-verdianos, os três foram influenciados por ideologias revolucionárias que tinham grande força na época (referimo-nos à ideologia marxista-leninista). As suas personalidades e idiossincrasias, porém, eram diferentes, o que originou com que dissemelhante fosse também a sua estética e produção literárias. G.M. tinha uma atitude mais conciliadora e compreensiva em relação àqueles que não corroboravam com o seu ideário, sendo o seu discurso literário e ideológico mais repousado, se bem que fortemente inovador. Perante os antecessores literários, mostrava tolerância e admiração, apesar de algumas divergências de pontos de vista<sup>11</sup>. O.S. é o ideólogo do grupo quanto à questão entendida como afrocaboverdianidade. Valorizava, tal como G.M., o elemento negro na génese do contexto sócio-cultural cabo-verdiano, tendo extremado posições quando defendeu, num ensaio crítico, a inclusão do Arquipélago no paradigma africano. G.M., por seu lado, preocupava-se em destacar o papel determinante do mestiço na sociedade cabo-verdiana. A posição do primeiro pode dever-se a questões de ordem política (como militante do P.A.I.G.C., uma posição que defendesse Cabo Verde como um caso de regionalismo africano fortalecia a ideia de uma futura unidade entre a Guiné, região tipicamente africana, e Cabo Verde, região híbrida em que os elementos africanos, europeus e tropicais conviviam activamente numa simbiose interactiva) ou mesmo emocional (O.S., dos três, em termos físicos é o que se aproxima mais do modelo africano, pois G.M., como ele próprio se intitulava, era "um mestiço de cabelos lisos" e O.M. era de raça branca). O.M. está próximo de O.S. no que diz respeito à questão do

---

<sup>11</sup> Russel Hamilton afirma que: "...os contos de Gabriel Mariano representam uma espécie de ponte filosófica e conciliadora entre a perspectivação emocional-ideológica dos «claridosos» e a das sucessivas gerações.", in *Literaturas Africanas Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau*, São Tomé e Príncipe, Lisboa, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 166. A nosso ver esta situação também se aplica à sua produção poética.

anti-evasionismo, a que nos reportaremos em capítulo sobre o assunto. O.S., com uma personalidade original, inquieta, desejosa de transformações, percorre diversas regiões do globo, caracterizadas por contextos sociais e políticos diferentes: S. Tomé, Angola, França, China, Suécia, Estados Unidos, Portugal. Vivendo a experiência destas realidades distintas, a sua perspectiva revolucionária vai-se alterando, passando, cada vez mais, a adoptar uma postura ideológico-política original, não filiada em correntes políticas tradicionais, mas com grandes preocupações de ordem de justiça social. É dos primeiros a criticar a unidade entre Guiné e Cabo Verde, proposta pelo P.A.I.G.C., e outras posições que o partido, entretanto, tomara. Depois da independência e após a instalação de uma democracia pluralista, levanta a voz para reprovar situações de corrupção no Arquipélago. No campo literário, foi dos poucos que ousou pôr em cheque certos pressupostos ideológicos inerentes à produção literária do grupo *Claridade*.

G.M. não foi tão militante do ponto de vista da intervenção política, como os outros dois poetas "insubmissos", contudo, nunca deixou de fazer a diferença, dando sempre a entender a sua posição sobre a situação cabo-verdiana, o que lhe valeu o exílio compulsivo para a ilha de Moçambique. Mostrou-se o mais dedicado dos três em termos literários, diversificando a sua produção: romance, ensaio crítico, investigação, poesia. Tornou-se numa das maiores referências intelectuais cabo-verdianas.

O.M. foi o mais militante dos três. A sua postura revolucionária extravasou para a poesia, dando ao verbo a energia da revolta. Por acreditar que só através da revolução se podia modificar o destino desfavorável dos povos oprimidos, a sua acção, em todos os campos, foi de comprometimento político-ideológico. Por esse motivo, prejudicou a saúde, o investimento profissional, e deu ao discurso literário um cariz enérgico e combativo. Curiosamente, embora O.M. apresente um discurso mais contundente dos

que os outros autores, a linguagem dos seus enunciados revela uma intensa sensualidade. Não é pois de estranhar que termos pertencentes ao campo semântico do amor e da valorização do corpo ocorram frequentemente.

As obras dos autores foram as seguintes:

O.S. tem escassa produção dispersa e figura em antologias de poesia. Estreou-se em livro com *Toda a gente fala: sim senhor* (novela e três poemas) (1960); *H.G.* (1962) e *Consciencialização na literatura caboverdiana* (1963).

G.M. publicou *O rapaz doente* (conto,1963); *Uma introdução à poesia de Jorge Barbosa* (1964); *12 poemas de circunstância* (1965); *Amor e partida na poesia crioula de Eugénio Tavares* (1984); *Vida e morte de João Cabafume* (conto,1986), *L.G.* (1993), entre outras obras.

O.M. publicou *Caminhada* (1962); *Tchutchinha* (1962); *G.B.M.* (1973), *Independência* (1983).

### **1.2.2. Os títulos das obras**

Os títulos das obras poéticas são significativos: *Caminhada* representaria o percurso que era preciso fazer, ou que se estaria a fazer, para se atingir o objectivo desejado; Com o mesmo significado, surge *L.G.*. A ladeira é uma inclinação do relevo que é difícil de percorrer. Se ela for grande, o trajecto ainda se torna mais árduo. A vida dos cabo-verdianos era e continua a ser difícil. A *L.G.* representaria a vida agreste do povo crioulo. *G.B.M.* conteria implícita a ideia da necessidade de permanência nas Ilhas, de anti-evasionismo, um título que, apesar das intenções de ordem política, visaria também enfatizar o confronto ideológico com a *Clairidade*. *H.G.* é um título que remete

para um indicador temporal. A hora era grande porque seria a altura adequada para agir, "... de levantar os braços algemados contra a prepotência"<sup>12</sup>.

### 1.2..3. Estrutura das obras poéticas

As três obras poéticas mais representativas que se vão estudar são: *Hora Grande*, de O.S., *Ladeira Grande*, de G.M. e *Gritarei Berrarei Matarei Não Vou Para Pasárgada*, de Ovídio Martins.

*L.G.* divide-se em três partes, tendo a primeira como título: "Tempo de Catacumba", a segunda: "Vela do Exílio" e a terceira: "Viagens na família". Catacumbas eram escavações subterrâneas onde os cristãos se reuniam para trocarem impressões e fugirem à ira dos que os queriam aniquilar. O título "Tempo de Catacumba" significaria que é tempo dos cabo-verdianos irem para as "catacumbas" para organizarem a revolta contra a exploração. Assim, através de uma situação analógica histórica, o autor daria sentido ao título escolhido. No que diz respeito ao segundo, "Velas do Exílio", este encabeça um conjunto de poemas onde é tratado o drama da emigração ou de situações comuns ligadas ao mar. As velas representariam os barcos; são símbolos do exílio porque as embarcações vão para longe, rumo a São Tomé, ou para qualquer outra parte, longe do solo pátrio. Perante esta ideia, as velas teriam uma função metonímica, representativas de uma situação mais ampla. Relativamente ao terceiro título, "Viagens na família", revela-se a viagem do sujeito poético em direcção à sua experiência individual e vivencial, dando-se, portanto, a um discurso intimista. Mas a viagem não é só ao seu contexto familiar, mas também cultural e regional. E isso explica o autor ter englobado nesta segunda parte textos

---

<sup>12</sup> Expressão do poema "Lema" de O.S. in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 41

como: "Lembrança de Ambrósio"<sup>13</sup> ou "Louvação da Claridade"<sup>14</sup>, coabitando com outros enunciados poéticos, estritamente do foro familiar: "Casa"<sup>15</sup>, "Mãe"<sup>16</sup>, "Fotografia"<sup>17</sup>, "Aniversário"<sup>18</sup>.

Na obra *H.G.*, encontramos duas divisões. O autor não lhes deu nome, mas simplesmente numerou-as: I e II. Relativamente à primeira parte, parece-nos caracterizada por um lirismo simples, em que o poeta expressa o seu sentir de uma forma clara, mas lírico-emocional, não recorrendo a termos revolucionários e de revolta. Trata-se mais de um retrato da sua terra, actualizado numa perspectiva contemplativa. No entanto, já aparece a figura do serviçal em "Ausência"<sup>19</sup>. Na descrição da sua terra, o poeta não deixa de tocar os problemas sociais, considerando que estes fazem parte do contexto geral envolvente do Arquipélago. Não dissocia a questão social de todo o resto. Na segunda parte, a intensidade do discurso cresce, com a presença de termos de significado mais enérgico e o sentido da ideia de repúdio pela situação difícil em que vive o povo. Nela estão inseridos os poemas mais expressivos, do ponto de vista da rebeldia: "A Jornada"<sup>20</sup>, "Um poema diferente"<sup>21</sup> ou "Hora Grande - 2"<sup>22</sup> (um texto que nos dá uma visão sorridente do futuro, como acontece em muitos enunciados poéticos dos autores "suplementistas").

*G.B.M.*, de O.M., é uma obra que está dividida em três partes. A primeira foi intitulada "Caminho andado", a segunda, "Caminho da perdição, e a terceira "Camin

---

<sup>13</sup> G.M. " Lembrança de Ambrósio", in *Ladeira Grande*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, Lisboa, 1993, p. 98

<sup>14</sup> G.M., "Louvação da Claridade", in *Ladeira Grande*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, Lisboa, 1993, p.105

<sup>15</sup> G.M., "Casa", in *Ladeira Grande*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, Lisboa, 1993, p. 84

<sup>16</sup> G.M., "Mãe", in *Ladeira Grande*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, Lisboa, 1993, p. 85

<sup>17</sup> G.M., "Fotografia", in *Ladeira Grande*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, Lisboa, 1993, p. 86

<sup>18</sup> G.M., "Aniversário", in *Ladeira Grande*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, Lisboa, 1993, p. 87

<sup>19</sup> O.S., "Ausência", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p. 10.

<sup>20</sup> O.S. in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p.33.

<sup>21</sup> O.S. in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p. 34

<sup>22</sup> O.S. in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p. 43

criol". Na primeira parte, o poeta fala-nos num futuro redentor que há-de vir, do sofrimento do povo, dos problemas endémicos do Arquipélago, do caminho a seguir para que a mudança se concretize, do amor pela mulher amada. O título que lhe foi atribuído poderá referir-se ao caminho que os cabo-verdianos já percorreram, ao sofrimento que já suportaram, mas também às certezas que o futuro trará. A segunda parte, trabalha principalmente a temática da emigração para S. Tomé e as suas consequências, passando este trajecto a ser o "Caminho da perdição". Na última parte, fala-se da terra cabo-verdiana e de aspectos etnoculturais desta região. Existe, quanto a nós, a tentativa de afirmação regional através da inclusão do crioulo na obra em questão. Daí, o título "Camin criol".

## 2. Um pouco de historiografia

O conhecimento profundo da literatura brasileira terá contribuído para dar pistas fundamentais aos intelectuais promotores da revista *Claridade*, no sentido do implemento do caminho literário a percorrer no caso cabo-verdiano. Baltasar Lopes, um dos ideólogos da revista *Claridade*, confirma a importância de certas obras do modernismo e neo-realismo brasileiro no espírito dos intelectuais cabo-verdianos, afirmando, em *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, que "Ora acontece que por aquelas alturas, nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais *pro domo nostra*"<sup>23</sup>, e cita autores e obras. Para que este projecto ideológico-literário (mas também científico, sociológico, antropológico e de afirmação etnocultural) tivesse lugar, foi necessário o rompimento

---

<sup>23</sup> Baltasar Lopes, in *Cabo Verde Visto Por Gilberto Freyre*, apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento, Praia, Imprensa Nacional, divisão de propaganda, 1956, p. 5.

com os arquétipos do passado. Elucidando-nos sobre este facto, Alberto Carvalho sustenta que se estabeleceu "uma nítida relação de corte e antagonismo com a tradição, gostos e hábitos convencionais" que os antigos "vinham assegurando"<sup>24</sup>. As motivações deste grupo emergente teriam a ver com a consciência de que o Arquipélago era uma realidade única, com uma especificidade própria no domínio social e cultural e com a crescente necessidade do implemento de um novo pensamento para o Arquipélago. Urgia inovar em todos os campos, e o literário era um óptimo pretexto, devido à sua capacidade única de incrementar um novo ideário. Ganhava pertinência demonstrar a autonomia da literatura cabo-verdiana, trabalhando temas nitidamente relacionados com o Arquipélago. Considerando que Cabo Verde era um caso de regionalismo singular, seria importante que a literatura produzida pelos autores cabo-verdianos fosse espelho também da emancipação em relação à literatura portuguesa<sup>25</sup> e se relacionasse intimamente com a região de onde provinha, cedendo referências ao romance e à poética cabo-verdiana. Manuel Ferreira afirmava que os sinais da mudança foram vários: "O abandono dos temas obrigatoriamente europeus, (...) a renúncia das estruturas poéticas tradicionais, (...) e a penetração definitiva no contexto humano do Arquipélago"<sup>26</sup>. Estas inovações não seriam intencionais, mas intuitivas<sup>27</sup>. Não seriam previamente pensadas e delineadas, como forma de afastamento da cultura portuguesa, mas resultavam, somente, das preocupações, em trazer para a literatura o contexto cabo-verdiano que funcionaria como pano de fundo para a poética e prosa literária dos

---

<sup>24</sup> Prefácio de Alberto Carvalho, in Manuel Lopes, *Falucho Ancorado*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. XI.

<sup>25</sup> O Professor Alberto Carvalho, a este respeito, diz-nos: "Outras razões se podem acrescentar a tal preferência como p. ex., a marcação de independência formal em relação às dominantes literárias portuguesas, maneira de reforçar a nacionalidade literária própria, facto aliás conotado pela rasura absoluta da componente portuguesa nas obras destes autores", Prefácio de Alberto Carvalho, in Manuel Lopes, *Falucho ancorado*, pp. XXXII e XXXIII;

<sup>26</sup> Manuel Ferreira, in *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume 1, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986.

<sup>27</sup> Diz-nos Alberto Carvalho que: "Tanto a atitude estética do grupo «Claridade» como a orientação da sua poética não tinham por objectivo explícito a exploração de conteúdos que pudessem demarcar, demonstrar e justificar, por

"claridosos". Baltasar Lopes e Manuel Lopes esclareciam que o seu objectivo era "pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde"<sup>28</sup> e de "fincar os pés na terra"<sup>29</sup>.

Nos anos 30, Portugal Continental vivia sob um regime autoritário que pretendia consolidar o seu poder colonial através de uma política aglutinadora e ultra-nacionalista<sup>30</sup>. Cabo Verde estava sob domínio político da metrópole<sup>31</sup>, tendo o estatuto de colónia ou de província ultramarina<sup>32</sup>. Porém, a singularidade do contexto cabo-verdiano permitiu a ascensão do mestiço que veio a assenhorear-se da "máquina administrativa" do território e a reiterar a sua presença em todos os domínios da sociedade cabo-verdiana. Porque a região era agreste e apresentava poucos recursos económicos, o branco, detentor do poder, foi abandonando-a, tendo vindo a ser substituído gradualmente pelo mestiço. G.M. defendeu que o processo de afirmação do mestiço cabo-verdiano vem já de longe, pois as populações "desde muito cedo (...) ficaram entregues a si próprias. Resolvendo por si problemas de vária ordem: de comércio, de cultivo da terra, de defesa contra a pirataria, de fixação e de criação de núcleos populacionais no interior das ilhas"<sup>33</sup>. E mais adiante, diz-nos: "Para esta sociedade crioula passaram as terras, o comércio e a agricultura; ela apossou-se também

---

diferença em relação ao «outro», a substância cultural do seu *ethos*; prefácio de Alberto Carvalho, in Manuel Lopes, *Falucho Ancorado*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. XII.

<sup>28</sup> Baltasar Lopes, *Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre*, Praia, Imprensa Nacional, 1956;

<sup>29</sup> "O programa da "Claridade" era fincar os pés na terra cabo-verdiana", in *Diário Ilustrado*, Lisboa, 22 de Agosto de 1959, p. 3.

<sup>30</sup> A este respeito diz-nos Oliveira Marques: "O Acto colonial de 1930, (...) acrescentado, mais tarde, como apêndice à própria Constituição de 1933, introduzia algumas características ultra-nacionalistas, tão caras ao espírito de Salazar", A. H. Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas editores, 1976, p. 363.

<sup>31</sup> "A política de autonomia colonial chegou ao seu termo com o advento do «Estado Novo». A tendência para a descentralização inverteu-se, e um sistema mais centralizado, semelhante ao vigorava antes de 1914, voltou a aparecer." A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Volume II, Palas Editores, 1976, p. 363.

<sup>32</sup> "Na Constituição de 1911, e em muitos outros textos oficiais, a palavra «colónia» aparecia juntamente com a palavra «província», obviamente com sentidos idênticos", A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Volume II, Palas Editores, 1976, p. 361.

<sup>33</sup> G.M., "A Mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana", in revista *Claridade*, nº 9, São Vicente, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960, p. 11.

do funcionalismo público."<sup>34</sup> . Como resultado do "acasalamento de povos e culturas transportados para Cabo Verde"<sup>35</sup> , apontava o mestiço.

O povoamento e a maneira como foi efectuado terão sido o embrião para o irromper de uma cultura diferente, de uma sociedade singular. Quando os portugueses chegaram às ilhas desertas, sentiram a necessidade de as povoar. Pensa-se que o povoamento terá sido efectuado com populações de Portugal Continental, e povos do Senegal, Sudão, Guiné, Angola, Martinica e outros<sup>36</sup> . Existia, portanto, uma grande diversidade étnica no Arquipélago. No que diz respeito aos colonizadores portugueses, a heterogeneidade em termos sócio-económicos era maior do que entre os povos africanos<sup>37</sup> . Estes, conforme já foi referido, eram oriundos de muitos e variegados lugares do continente africano. Cada etnia trazia a sua "bagagem cultural" e, por esse motivo, nos seus primórdios, Cabo Verde apresentava-se um mosaico incaracterístico no domínio do sócio-cultural. Os povos que habitavam as ilhas tiveram de interagir e de se adaptar ao estilo e maneira de viver de cada grupo para que pudessem sobreviver. Além disso, o panorama que os povoadores encontraram no Arquipélago era bastante adverso: solo estéril (consequência do vento, da falta de chuvas e da inexistência de água)<sup>38</sup> , vegetação nua e grandes montanhas. O clima também era muito desfavorável sem chuva e muitos ventos (com as famosas brisas que tanto prejudicavam a

---

<sup>34</sup> G.M., "A Mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana", in revista *Claridade*, nº 9, São Vicente, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960, p. 12..

<sup>35</sup> G.M., "A Mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana", in revista *Claridade*, nº 9, São Vicente, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960, p. 11.

<sup>36</sup> G.M., "A Mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana", in revista *Claridade*, nº 9, São Vicente, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960, p. 13.

<sup>37</sup> A este respeito diz-nos Russel Hamilton em *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 93: "(e note-se que o grupo europeu era social e economicamente mais heterogéneo do que o africano)".

<sup>38</sup> Cf . José Osório de Oliveira, *As Ilhas Portuguesas de Cabo Verde*, Porto, Oficinas da Imprensa Portuguesa, Colecção Educativa, série E, número 3, pp. 37, 38 e 43.

agricultura)<sup>39</sup>. Tudo isto tiveram os povoadores de enfrentar para conseguirem sobreviver. Assim, podemos dizer que a implementação da sociedade crioula foi uma luta titânica contra factores multifacetados.

Os povoadores portugueses tiveram um papel de liderança no processo de colonização. A cultura portuguesa, por ser a cultura do povo colonizador, por se apresentar como mais poderosa do ponto de vista do domínio da tecnologia, relativamente ao conhecimentos para o cultivo de um solo desfavorável à prática da agricultura, por proporcionar ao homem melhor bem-estar, não teve dificuldade em se impor. Tanto africanos como europeus estavam a enfrentar um novo meio físico<sup>40</sup>, porém, os negros tinham sido desenraizados do seu meio familiar e social o que terá contribuído, em muitos casos, para uma mais fácil adaptação. A insularidade e o isolamento, associados a uma situação de transplantação de povos para uma região desconhecida e com uma Natureza e clima adversos, terão favorecido um processo de aculturação mais rápido<sup>41</sup>. Estes dados ajudaram a lançar as sementes de uma sociedade diferente, ou seja, uma sociedade marcada por uma singularidade única, onde a língua e as instituições do grupo dominante prevaleceram. A sociedade cabo-verdiana, resultado do caldeamento de povos europeus e africanos e das suas respectivas culturas, ter-se-á transformado numa "sociedade unitária e homogénea"<sup>42</sup> e a isso não terá sido alheio "um contínuo alargamento da área ou do campo de propagação do mestiço"<sup>43</sup>. Antes de

---

<sup>39</sup> Cf. José Osório de Oliveira, *As Ilhas Portuguesas de Cabo Verde*, Porto, Oficinas da Imprensa Portuguesa, Coleção Educativa, série E, número 3, p. 43.

<sup>40</sup> Cf. Russel Hamilton, *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p.93.

<sup>41</sup> "mas o desenraizamento e a transplantação dos povos que constituíram a preponderância numérica da população do arquipélago não puderam deixar de resultar num processo de aculturação mais rápido e mais profundo em Cabo Verde do que nas colónias situadas no continente africano", Russel Hamilton, em *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 93.

<sup>42</sup> G.M., "A mestiçagem: seu papel na sociedade caboverdiana", in Suplemento Cultural, Boletim de Propaganda e Informação, Praia, publicação da Imprensa Nacional, Outubro de 1958, p 11.

<sup>43</sup> G.M., "A mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana", in *Suplemento Cultural*, Boletim de Propaganda e Informação, Praia, publicação da Imprensa Nacional, Outubro de 1958, p . 11.

surgir a revista *Claridade*, em 1936, Jorge Barbosa escreveu *Arquipélago*<sup>44</sup>, e neste texto já se observa que algo mudou na literatura produzida em Cabo Verde. Foi a obra que iniciou a modernidade e o realismo nas Ilhas<sup>45</sup>. Este poema, num tom de lamento, denuncia alguns problemas endémicos da região: a estiagem, a fome e as dificuldades por que passavam os cabo-verdianos: "- Ai o drama da chuva, / ai o desalento, / o tormento / da estiagem! / - Ai a voragem / da fome / levando vidas! / (... a tristeza das sementeiras perdidas...)"<sup>46</sup>. Em termos temáticos, nota-se uma transformação relativamente aos predecessores: a preocupação do autor em trabalhar aspectos relacionados com o drama real dos cabo-verdianos. Não se quer dizer com isso que o chamado período romântico da literatura cabo-verdiana não se preocupasse com a realidade do contexto cabo-verdiano. Por exemplo, em "Triste regresso"<sup>47</sup>, Eugénio Tavares, poeta desse tempo, fala-nos da estiagem, se bem que de uma forma romântica: "E, pois que as nuvens vão / Fugindo na amplidão / Sem que uma gota de água enviem lá de cima, / Darei à tua sede o pranto - oh minha Ilha! - / Dos tristes olhos meus.". Elementos da Natureza do contexto cabo-verdiano marcam presença na literatura dessa época. Pedro Cardoso revela-se o poeta do bilinguismo. A referência a aspectos etnoculturais crioulos tornou-se um facto. Contudo, os autores desse período estavam condicionados por uma formação clássica europeia, por isso não é estranho que em termos de estrutura formal e relativamente ao tom presente nos seus enunciados poéticos, se pudesse inferir o estigma marcante do modelo implementado pelo classicismo literário europeu. A temática dos seus textos dizia respeito não só à

---

<sup>44</sup> Jorge Barbosa, *Arquipélago*, S. Vicente, Editorial Claridade, 1935.

<sup>45</sup> Segundo Manuel Ferreira, com *Arquipélago* Jorge Barbosa "abre a estrada larga do realismo cabo-verdiano", in *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume 1, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986, p. 38.

<sup>46</sup> Jorge Barbosa, *Arquipélago*, S. Vicente, Editorial Claridade, 1935, p. 24.

<sup>47</sup> Eugénio Tavares, "Triste regresso", Brava, 1900, in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Lisboa, Plátano Editora, 1ª edição, s.d., p. 145.

realidade cabo-verdiana, perspectivada de uma forma romântica, mas também a outras realidades próximas, exógenas ao contexto das Ilhas. Aliás, os próprios autores referem-se à cultura portuguesa com entusiasmo, considerando-se, mesmo, como cidadãos portugueses. Alguns, inclusive, aludem a autores lusos como seus mestres. É o caso de José Lopes em "A João de Deus"<sup>48</sup> quando em dado passo escreve: "Grande Mestre: Permite ao africano / Vir a teus pés saudar o teu talento", "Viva o teu génio que um tesouro encerra! / Viva o teu génio! Viva!"; apesar da reverência no elogio, note-se o assumir do autor como "africano". Este sintagma pode ser mais uma acha na fogueira para aqueles que se têm preocupado com a caracterização do Arquipélago como tropical, próximo do continente europeu ou também para outros que o perspectivam como pertencente ao paradigma africano, polémica essa a que nos vamos referir em capítulo adiante. Pedro Cardoso, outro poeta do período clássico/romântico, assume-se como português e faz a apologia da idiosincrasia lusa em *Lírios e Cravos*, VII: "Portugal, ninho de águias e de condores! / Berço de heróis, poetas e mareantes! / Ó Pátria minha, exsurge como de antes, / Convoca dos Hermínios os pastores!"<sup>49</sup>. As influências de Luís de Camões no poeta Eugénio Tavares em termos de discurso e no cultivo de formas poéticas são também uma realidade.

Com o advento da *Claridade* esta situação modifica-se e Cabo Verde passa assim a ser motivo constante da literatura produzida nas ilhas<sup>50</sup>. Uma tomada de consciência regional apodera-se dos autores "claridosos", reflectindo-se na sua obra.

---

<sup>48</sup> José Lopes, *Hesperitanas*, 1933, in Manuel Ferreira, *50 poetas Africanos*, Lisboa, Plátano Editora, 1ª edição, s.d., p. 152.

<sup>49</sup> Pedro Cardoso, *Lírios e Cravos*, 1951, in Manuel Ferreira, *50 poetas Africanos*, Lisboa, Plátano Editora, 1ª edição, s.d., p. 164.

<sup>50</sup> Manuel Ferreira, relativamente a este facto, informa-nos: "*Claridade*, como se deixou dito, apontava, essencialmente, às raízes crioulas. O ponto de partida era a redescoberta da realidade social e psicológica das ilhas. Os seus componentes não perfilhavam uma ideologia comum. (...) A sua ideologia, fundamentalmente, relevava de uma única ideia: a cabo-verdianidade. A revelação da sua terra. E da sua gente. Uma reacção contra a subserviência europeia dos modelos, dos temas, dos processos.", in Manuel Ferreira, *No Reino de Caliban*, Antologia panorâmica

Porque existiam semelhanças nas realidades cabo-verdiana e brasileira<sup>51</sup>, os intelectuais de 30 seguiram com interesse o percurso literário dos autores nordestinos e neo-realistas brasileiros, encontrando "pistas" para a literatura que pretendiam produzir e para as ideias que desejavam promover. Propósitos comuns transparecem da sua produção literária e ideológica, como sejam: o amor pela terra e pelas coisas da terra e a perspectiva que tinham sobre a formação da sociedade crioula.. A realidade cabo-verdiana aparece ficcionada, pela perspectiva dos autores, pois consideramos que a expressão num texto literário caminha para uma «ficção» criada na própria linguagem e não para uma realidade externa"<sup>52</sup>A *mimesis* é, assim, um processo actualizado, se bem que não obste a criatividade dos autores, produto da sua subjectividade e liberdade de pensamento. Existe uma tentativa de imitação do contexto social e humano, se bem que haja também lugar para a criatividade e para a fuga a esse espaço. Podemos, assim, falar de afirmação etnocultural na literatura cabo-verdiana com o advento da *Claridade*. Convém acrescentar que a linguagem utilizada nas obras dos "claridosos" foi igualmente inovadora<sup>53</sup>. Foi na linha das preocupações que assolavam a população e o território, a exposição de usos, costumes, geografia, clima, sentimentos gerais das populações das ilhas de Cabo Verde, que a produção literária prosseguiu. Os autores e grupos literários que se seguiram à *Claridade* desenvolveram as ideias implícitas na literatura da geração de 30, reiterando uma linha conduta literária de afirmação regional,

---

da poesia africana de expressão portuguesa I, Cabo Verde e Guiné-Bissau, organização, selecção, prefácio e notas de Manuel Ferreira, Lisboa, Seara Nova, 1975, p.127.

<sup>51</sup> "... quando em Paris se iniciavam as intervenções que lançaram o movimento de "Negritude" e no Brasil se consolidava o realismo nordestino. A essa largueza de contactos se deve a adopção das sugestões temáticas oferecidas pela experiência regionalista brasileira, em razão das várias afinidades de contextualização geográfica de fundo tropical e histórico-colonial." - Prefácio de Alberto Carvalho, in Manuel Lopes, *Falucho Ancorado*, Lisboa, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. XXXII.

<sup>52</sup> Cf. o capítulo 9.10 de *Teoria da Literatura*, de Vítor Manuel Aguiar e Silva, Coimbra, Livraria Almedina, 8ª edição, 1988, pp. 639-654.

<sup>53</sup> A este respeito diz-nos Manuel Ferreira: "Ou pode até admitir-se, também, a influência da *Presença* no que nela se propunha de libertação da linguagem." In *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume 1, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986, p. 37.

ficando a dever aos precedentes os alicerces das obras que entretanto produziram, demonstrando-se, assim, a sua importância inequívoca e o pioneirismo na literatura e cultura cabo-verdianas. Jorge Barbosa, Manuel Lopes e Baltasar Lopes foram os intelectuais e literatos desta geração que mais se destacaram.

Segue-se ao projecto *Claridade* a revista *Certeza*. Prosseguiu-se o empreendimento de continuar a trabalhar a literatura com os fundamentos lançados pela *Claridade*, tomando-se como matéria-prima da sua criação literária o paradigma cabo-verdiano. Com a Segunda Guerra Mundial, assomaram novas perspectivas dos problemas da Humanidade, e os elementos que colaboraram com a revista *Certeza* trabalhavam temáticas gerais, sem, contudo, descurem os problemas endémicos e sociais de Cabo Verde. Novas formulações ideológicas, exigidas pelo período pós-guerra, irromperam e os autores cabo-verdianos falavam de guerra, mas também de paz que, naquela altura, significaria um estado conquistado e legitimado após a batalha travada, vencida, mas necessária para que se atingissem os objectivos desejados. Manuel Ferreira afirmava que naquela época "exigir a paz era combater a opressão"<sup>54</sup>. Segundo este estudioso, conotados com a ideologia marxista<sup>55</sup>, os elementos do grupo *Certeza* intensificaram nos seus textos a ideia de drama social. Consequentemente, o discurso apresenta-se mais enérgico, e a selecção de vocábulos relacionados com a guerra torna-se constante nos enunciados desse tempo. Observemos um passo de um poema de Guilherme Rocheteau: "Ao longe / na distância da manhã por vir, / na indecisão das camuflagens / e do rumor da guerra, / há agonias esbatidas no negro-fumo / da pólvora / dos homens que se batem. / Aquem, é a luta na rectaguarda!"<sup>56</sup>. Aludindo

---

<sup>54</sup> In *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume 1, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986, p. 46.

<sup>55</sup> Cf. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume 1, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986, p. 45.

<sup>56</sup> Guilherme Rocheteau, "Panorama", in *Certeza*, nº1, 1944.

à guerra e seus efeitos, utilizando expressões sugestivas de um constante movimento e frenesim, demonstrava-se o desejo imperioso de mudar algo, numa região em que a estabilidade e a apatia de uma vida rotineira, mas de sofrimento, continuavam a reinar. A linguagem tornou-se mais enérgica e menos sentimentalista e melancólica do que a apresentada pela *Claridade*. *Certeza* não deixou de ter um importante papel na prossecução de uma nova identidade literária para Cabo Verde. Como base ideológica da *Certeza* e da *Claridade* irrompia a especificidade cabo-verdiana, contudo, "o tom politicamente rebelde da revista era o prelúdio de um descontentamento crescente."<sup>57</sup>.

António Nunes refere o problema do colonizado/colonizador no "Poema de amanhã"<sup>58</sup>. No seguinte passo diz-nos: "sonho que, um dia, / estas leiras de terra que se estendem, / quer seja Mato Engenho, Dàcabalaio ou Santana, / filhas do nosso esforço, frutos do nosso suor, / serão nossas.". A referência implícita a um "outro" sugere a presença de um proprietário que se exclui do grupo hierárquico social a que o sujeito poético considera pertencer. E noutro poema, "Ritmo de Pilão"<sup>59</sup>, o autor "constrói" um contexto africano onde é referido o problema do "sofrimento secular do negro"<sup>60</sup>.

Guilherme Rochetau, Tomaz Martins, Nuno Miranda, Arnaldo França, António Nunes, Manuel Ferreira foram os principais nomes da geração da *Certeza*.

O *Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes* foi uma publicação que se seguiu à *Certeza* e contribuiu para o enraizamento da nova poesia de vertente regionalista. Alguns autores que iriam ser figuras gradas da literatura cabo-verdiana escreveram nesta publicação, como Corsino Fortes ou O.S.. Era cada vez mais notório um

---

<sup>57</sup> Russel G., Hamilton, *Literaturas Africanas Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 126.

<sup>58</sup> Poema incluído no nº 2 da revista *Certeza*, António Nunes, *Poemas de Longe*, Lisboa, 1945, p.32.

<sup>59</sup> António Nunes, "Ritmo de Pilão", Manuel Ferreira in *No Reino de Caliban*, Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa I, Cabo Verde e Guiné-Bissau, organização, selecção, prefácio e notas de Manuel Ferreira, Seara Nova, 1975, Lisboa, p. 131.

acréscimo de intensidade protestatória na comunicação literária. Só um número saiu desta publicação. Corsino Fortes, num dos seus poemas, "Mindelo",<sup>61</sup> fala-nos de aspectos etnoculturais, num enunciado que do ponto de vista estético-ideológico pretenderia fazer a afirmação regional, num contexto de "escuridão" e de "silêncio da noite". Estas expressões representariam simbolicamente o pesadelo da situação dramática vivida pelas populações em Cabo Verde. A preocupação da localização do espaço é feita através de elementos etnoculturais como a "morna" e o "violão", ou com o topónimo "Mindelo".

### **2.1. O Suplemento Cultural.**

No panorama da literatura cabo-verdiana, surge o *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, no ano de 1958. Os seus colaboradores contribuem para uma nova estética literária, actualizando uma poesia de intenção realista, mas enriquecida por elementos modernistas e simbólicos. Influenciados pela situação político-ideológica de reivindicação regional e social, o discurso literário tornou-se mais enérgico e protestatório. Neste panorama, as obras poéticas mais representativas da poética do *Suplemento Cultural* traduzem linhas de força essenciais na poesia elaborada nos anos cinquenta e sessenta, através da apresentação do tema da emigração, da exploração do homem pelo homem, da crítica social, dos problemas endémicos que assaltam o Arquipélago, num discurso caracterizado pelo tom dialéctico e pela clareza. Pontos essenciais de aspectos sociais, políticos, históricos e etnoculturais emergem num discurso de denúncia e revolta. Para lá do fatalismo a que o povo é votado, surge um discurso de esperança e de certeza no

---

<sup>60</sup> Russel G., Hamilton, *Literaturas Africanas Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 145.

futuro de uma sociedade que precisa de ser reinventada. Um lirismo sentimental e amoroso converge com a mensagem literária de rebeldia, indicando os dois tópicos fundamentais da poética da geração de 50/60. Os poetas G.M., O.S. e O.M. destacam-se dos outros autores pela sua atitude literária-ideológica e pela sua insubmissão.

### **2.1.1. Uma nova perspectiva ideológica-literária**

#### **2.1.2. Afrocaboverdianidade**

Com o grupo da geração do *Suplemento Cultural*, inicia-se um processo de re-interpretação da especificidade cabo-verdiana. O.S. é aquele que, de forma directa e clara, através do seu ensaio *Consciencialização na Literatura Caboverdiana*, defende a inclusão do contexto cabo-verdiano no paradigma africano<sup>62</sup>. Já alguns, anteriormente, tinham feito a conexão entre estas duas realidades (a africana e a cabo-verdiana). Pedro Cardoso, um autor pertencente a uma geração literária anterior à da *Claridade*, sendo conhecida a época literária em que escreveu como período romântico da literatura cabo-verdiana, escreveu no *Almanaque Luso-Brasileiro*, um poema denominado "Jardim das Hespérides"<sup>63</sup>, onde alude à liberdade que outrora vigorou em África e utiliza o termo afectivo "minha", estabelecendo um grau de proximidade entre o continente africano e o sujeito poético. A expressão "das Esfinges berço" poderá estar relacionada com a identificação das origens africanas de Cabo Verde. Nos anos 40, António Nunes faz a aproximação de novo entre as ilhas e o continente africano, através de textos que nos falam da problemática dos anseios dos negros escravos, da ancestralidade africana onde se apresentam termos que se relacionam com a cultura africana<sup>64</sup>. Mais tarde, o sociólogo e literato brasileiro Gilberto Freyre vai afirmar num dos seus ensaios que "no

---

<sup>61</sup> Corsino Fortes, in *Boletim dos alunos do Liceu Gil Eanes*, nº 7, 1959, p. 4.

<sup>62</sup> Cf. O.S., *Consciencialização na Literatura Caboverdiana*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963.

<sup>63</sup> Pedro Cardoso, *Jardim das Hespérides*, 1926, p. 11.

<sup>64</sup> Textos como "Poema de Amanhã" e "Ritmo de Pilão", in *Poemas de Longe*, Lisboa, 1945.

grosso da população vem-se mantendo o elemento de origem africana"<sup>65</sup> (referindo-se à ilha de Santiago, mas que noutras ilhas também se verificava essa situação).

O.S. no seu ensaio sublinha a importância de certos elementos etnoculturais que, segundo sua opinião, têm origem africana, e acusa a elite cabo-verdiana de se estar a esquecer das suas origens<sup>66</sup>.

A questão das origens dos componentes socio-culturais cabo-verdianos preocupou os intelectuais desde finais do século XIX, até aos nossos dias. A relativa pacificação interracial no contexto do Arquipélago ganha contornos mais emotivos aquando da discussão desta temática. Tem existido por parte dos intervenientes no estudo das origens da identidade cabo-verdiana uma busca de indicadores de valor científico que demonstrem a proveniência deste ou daquele elemento etnocultural. E os resultados são tão diversos que as conclusões não podem nem devem ser definitivas. Eis um exemplo entre muitos: para alguns, um dos elementos identificadores da especificidade cabo-verdiana, a morna, tem a sua origem no fado. Outros, contudo, defendem que a morna tem a sua procedência no landau brasileiro. João Condé, de nacionalidade brasileira, fala-nos do samba como a componente musical que motivou o surgimento da morna. Existem, ainda, outros que se referem à bégúine cubana para explicar o surgimento da morna. Alguns vêem nitidamente tonalidades de música europeia na morna. Mas também há quem detecte nela ritmos africanos<sup>67</sup>. Como resultado das investigações sobre um mesmo objecto, obteve-se uma multiplicidade de conclusões. Mas esta situação provavelmente também aconteceria se se tivesse como objecto de estudo um outro elemento etnocultural. O que se pretende dizer é que não

---

<sup>65</sup> Gilberto Freyre, *Aventura e Rotina*, Lisboa, Livros do Brasil, 1952, p. 239.

<sup>66</sup> Cf. Onésimo Silveira, *Consciencialização na Literatura Caboverdiana*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963.

<sup>67</sup> Cf. Russel G. Hamilton, *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p.99.

será a forma mais correcta apresentar-se o resultado de um estudo sobre conjunto de elementos etnoculturais com a mesma origem, procurando, posteriormente, alargar-se as conclusões a todo o complexo contexto cabo-verdiano. Fala-se de complexidade devido à amálgama de povos que participaram no povoamento e ao contributo que deram à sociedade e à cultura cabo-verdianas. Esses elementos devem ser perspectivados num sistema alargado e fidedigno, pois só assim é que se podem obter respostas credíveis quanto às origens. Nesta linha de pensamento, restringir-se o estudo a elementos que ocorrem numa só ilha também não seria o meio que mais eficácia científica traria para um estudo que se pretenda que seja de todo o Arquipélago. Um trabalho apurado sobre a importância da cultura africana no panorama sócio-cultural cabo-verdiano não terá ainda sido convenientemente realizado. Parece-nos pertinente que uma região que foi povoada por povos oriundos da Europa e de África, tendo eles trazido a sua "bagagem cultural", presente no seu panorama sócio-cultural, nos elementos etnoculturais, na sua componente humana, aspectos inerentes a esses dois tipos de cultura. Porém, é nossa convicção de que o povo colonizador iniciou com sucesso um processo de aculturação do negro, devido à superioridade dos seus conhecimentos tecnológicos que possibilitavam enfrentar com mais sucesso as dificuldades que vinham surgindo, mas também por razões de ordem social (o negro estava a tentar adaptar-se a um novo meio físico, assim como o branco, contudo, tinha a desvantagem de estar mais isolado, porque a realidade da terra natal tinha desaparecido com a desagregação do seu clã, família e sociedade. Assim, foi mais fácil ao branco impor a sua cultura.). Porém, não nos parece viável que a influência da cultura africana tenha sido por completo obliterada da realidade das Ilhas. Julgamos que ela permanece no substrato sócio-cultural e, muitas vezes, não é observável, pois já faz parte da estrutura profunda da idiosincrasia cabo-

verdiana. Eis um exemplo do que acabámos de dizer: a relação que o cabo-verdiano tem com a música assemelha-se à do africano. A música tem um poder que diríamos quase mágico junto dos africanos. Ela surge em todo o contexto: momentos de lazer e divertimento, manifestações públicas e religiosas, funerais, trabalho, etc. Nas festas populares, o cabo-verdiano dança como o africano, num menear corporal sensual ou frenético, conforme o ritmo da música.

G.M. é outro elemento do *Suplemento Cultural* que procura provar a importância de elementos da África Negra na cultura e sociedade cabo-verdianas. Cite-se uma ideia que parece interessante neste domínio, expressa no seu ensaio "A mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana": "Ao que suponho, o processo de formação social do caboverdiano operou-se mais por uma africanização do europeu do que por uma europeização do africano"<sup>68</sup>. A sua posição parece-nos, contudo, mais moderada do que a de Onésimo. Este último, era militante desde os primórdios do PAIGC. A união política entre as regiões da Guiné e Cabo Verde era um dos objectivos do movimento. As ideias negritudianas e a agitação que se fazia sentir, não só em África, como em todo o mundo, protagonizada por aqueles que reivindicavam a igualdade entre raças e a autonomia para os territórios colonizados, poderá ter inspirado o poeta no sentido de adaptar para o caso cabo-verdiano as exigências que se punham para o paradigma africano. O facto de existir, na altura, um regime explorador da força de mão-de-obra cabo-verdiana em que se cometiam excessos, desrespeitando a dignidade humana e por Cabo Verde ter um estatuto de colónia, terão contribuído para fazer a conexão entre a reivindicação dos cabo-verdianos com a de outros povos africanos em vias de

---

<sup>68</sup> G.M., "A mestiçagem: seu papel na sociedade caboverdiana", in *Suplemento Cultural*, de Cabo Verde, *Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, publicação da Imprensa Nacional, Outubro de 1958, p. 13.

libertação. Deste modo, sente-se a questão da afrocaboverdianidade mais como um imperativo de ordem política do que como uma convicção do pensador.

As preocupações de G.M. seriam mais no sentido de demonstrar a singularidade de Cabo Verde do que reiterar a superioridade do elemento negro sobre o europeu. No entanto, fá-lo, se bem que consideremos que não tinha uma intenção militante como O.S.. Tanto um como outro tinham como objectivo primeiro a preocupação em demonstrar a originalidade do contexto do Arquipélago. E assim, inevitavelmente, há uma aproximação efectiva com o pensamento "claridoso". A poética do *Suplemento Cultural*, ficaria a dever muito à *Claridade*, uma vez que deu continuidade ao projecto delineado por estes no sentido de trazer para a literatura a perspectiva que tinham sobre a realidade crioula. *Suplemento Cultural* seria uma variante literária, estilística, ideológica e humana do projecto de afirmação regional incrementado pelos intelectuais de 30<sup>69</sup>.

### 2.1.3. Reivindicação rácico-cultural nos textos poéticos

Se tivermos em linha de conta que O.S. foi o teorizador e o autor de *Consciencialização na Literatura Caboverdiana*<sup>70</sup>, causa-nos estranheza o facto de a maioria dos seus textos apresentarem uma linguagem suave e inesperada, mais no tom de lamento e denúncia do que de protesto enérgico (se bem que a denúncia seja também uma forma de protesto...). Apesar da sua defesa em relação à valorização do substrato africano na cultura cabo-verdiana, muitas são as marcas da presença da cultura

---

<sup>69</sup> A este respeito Osvaldo Osório afirmava: "é facto que em nenhum dos dois movimentos literários posteriores à *Claridade* - *Certeza* e *Suplemento Cultural* - há divórcio ideológico nem franca oposição à geração anterior, in *Sêlô*, *Notícias de Cabo Verde*, nº321, Maio de 1962, p. 8.

<sup>70</sup> Onésimo Silveira, *Consciencialização na Literatura Caboverdiana*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963.

portuguesa nos seus enunciados poéticos. Podemos salientar o facto de a maior parte da sua obra poética ser escrita em língua portuguesa, embora também se tenha expressado em crioulo; todavia, os textos em que tal acontece são marcados pelo bilinguismo<sup>71</sup>, sendo a grande maioria dos vocábulos portugueses. Há uma convivência salutar entre as duas línguas que interagem na construção da mensagem poética. Apesar de destacar e valorizar o elemento africano no contexto cabo-verdiano, no seu discurso teórico não despreza a influência da cultura portuguesa no Arquipélago. "Um poema diferente"<sup>72</sup> é um texto que nos fala de elementos conotados com o paradigma africano<sup>73</sup>: o "batuque", a "tchabéta" e o "marfim". Pode interpretar-se o "saracoteio de ancas" como a forma peculiar das mulheres africanas de menear o corpo, consequência do ritmo extasiante do batuque. A referência à alcunha dos habitantes de Santa Catarina, "badios", segundo Hamilton, "refere a suposta vadiagem dos escravos libertados"<sup>74</sup>. Assim, a seiva que nasce "no coração da ORIGEM", poderá ser interpretada como a consciência crescente do povo cabo-verdiano em relação à sua raiz africana. Note-se o termo "ORIGEM" que aparece registado com maiúsculas.

G.M. é outro autor que teoriza sobre a importância do elemento africano no contexto sócio-cultural das Ilhas. Conforme já foi reiterado acima, em "A mestiçagem: o seu papel na formação da sociedade caboverdiana" e em "Negritude e Caboverdianidade"<sup>75</sup> expõe a ideia da singularidade do Arquipélago, sendo importante, para explicá-la, a ascensão social do mestiço e o seu comportamento social. Não

---

<sup>71</sup> Tal acontece, por exemplo, em "Mantenha", "Manhe", "Tristéza" e "Um poema diferente", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, pp. 17, 19, 27 e 34.

<sup>72</sup> "Um poema diferente", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 34.

<sup>73</sup> A este respeito leia-se, por exemplo, Félix Monteiro, "Cantigas de Ana Procópio", in revista *Claridade*, Praia, Cabo Verde, nº 9, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960, p. ou revista *Cultura*, Praia, Cabo Verde, ano I, nº 1, Setembro de 1997, pp. 7-17.

<sup>74</sup> Russel Hamilton, *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 144.

obstante, não deixa de sublinhar o papel do negro para que tal situação viesse a ocorrer: "Ao africano coube o maior quinhão nessa especialização tropical da cultura lusíada"<sup>76</sup>; "O negro, e não só o clima, teria respondido às necessidades profundas da acomodação cultural e ecológica do homem português às novas regiões tropicais."<sup>77</sup>. "Elegia em sol maior"<sup>78</sup> é um texto onde G.M. faz o elogio a Samora Machel. Este é visto como um elemento da "África porvindoura"; a sua identificação com África é grande, pois o sujeito poético afirma que "a África ritmava / o ritmo do teu sonho.". E no mesmo texto acrescenta: "Ancestral e próxima". Com certeza, referir-se-ia à proximidade e ancestralidade com a terra cabo-verdiana. Até porque a proximidade entre Samora Machel e o sujeito poético é exposta no passo: "E eu, neste coração crioulo e solidário, habitavas tu".

O.M. escreve "meditação"<sup>79</sup>. Neste texto, escreve o sujeito poético a dado passo: "Africa protêgê / terra de nós sodade". O apelo personificado ao destinatário "Africa" seria a defesa, por parte do poeta, da integração de Cabo Verde no paradigma africano, interpretando-se "terra de nós sodade" como as Ilhas crioulas. A protecção recairia também na preservação dos elementos etnoculturais africanos (possivelmente no pensamento dos poetas "suplementistas" como os mais genuínos no contexto cabo-verdiano).

---

<sup>75</sup> G.M., "Negritude e Caboverdianidade", in *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, Cabo Verde, nº 104, 1958.

<sup>76</sup> G.M., "A mestiçagem: seu papel na sociedade caboverdiana", in *Suplemento Cultural de Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, publicação da Imprensa Nacional, Outubro de 1958, p. 13.

<sup>77</sup> G.M., "A mestiçagem: seu papel na sociedade caboverdiana", in *Suplemento Cultural*, da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, publicação da Imprensa Nacional, Outubro de 1958, p. 14.

<sup>78</sup> G.M., "Elegia em sol maior", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 94.

#### 2.1.4. anti-evasionismo

A população emigrada cabo-verdiana é superior à que vive no arquipélago de Cabo Verde, razão pela qual a emigração nos séculos XIX e XX foi sempre um factor marcante na vida das ilhas<sup>80</sup>. Aspectos de ordem histórica, social, geográfica e económica tiveram grande importância para o desencadear desta situação. O facto de os cabo-verdianos possuírem poucos recursos económicos, obrigou-os a emigrar para tentarem uma nova vida noutros países estrangeiros. Estados Unidos, Brasil, Holanda, Portugal, Venezuela, Argentina foram os locais de destino mais representativos da emigração cabo-verdiana. Mas um outro tipo de emigração para S. Tomé e Angola também foi realizado. A emigração para os Estados Unidos e para os outros países supracitados "prometia uma modalidade ascendente para o caboverdiano"<sup>81</sup>. A emigração para as antigas províncias ultramarinas de S. Tomé e Angola tinha um cunho negativo, devido ao estatuto de serviçal do trabalhador cabo-verdiano<sup>82</sup>.

A temática da produção literária do *Suplemento Cultural* passou a integrar o problema da emigração para S. Tomé. Já anteriormente Baltasar Lopes tinha escrito sobre este assunto no seu *Romanceiro de S. Tomé*<sup>83</sup>. O que se pode interpretar, contudo, da análise desses textos é a amargura do sujeito poético em relação à situação do serviçal nas roças. Seria mais uma manifestação de pesar por este contexto desfavorável

---

<sup>79</sup> O.M., "meditação", *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p.104.

<sup>80</sup> *Almanaque*, São Paulo, Brasil, Editora Abril, 1978, p. 520. Sobre este assunto é também interessante a leitura do artigo de Félix Monteiro, "Cantigas de Ana Procópio", in revista *Claridade*, Praia, Cabo Verde, nº 9, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960, p. 18.

<sup>81</sup> Russel Hamilton, in *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 142.

<sup>82</sup> A este respeito diz-nos o Professor Oliveira Marques: "Deixava assim de haver escravos em teoria, mas tornava-se necessário encontrar qualquer meio para satisfazer as procuras de mão de obra. A lei de 1869, como já vários outros diplomas a partir de 1854, mantinha os ex-escravos na condição de libertos, obrigados à prestação de serviços aos seus antigos senhores até 1878. Este prazo foi, mais tarde, reduzido para 1874 no arquipélago de Cabo Verde e para 1876 em todos os demais territórios. Contudo, se os libertos desapareceram, surgiram em seu lugar os serviçais de acordo com o novo código de trabalho indígena, promulgado em 1875 e regulamentado três anos mais tarde. Entre escravos, libertos e serviçais havia, sem dúvida, diferenças, mas em pequeno grau", A. H. Oliveira Marques in *História de Portugal*, volume II, Lisboa, Palas editores, 1976, p. 138.

do trabalhador cabo-verdiano do que um grito de revolta. No entanto, só pelo facto de se fazer referência à situação, está implícita uma denúncia do problema.

Uma análise ideológica de textos literários produzidos pelos "claridosos" levou O.S. a atribuir-lhes um cunho "evasionista", em que a solução onírica, presente nos seus textos, tinha como consequência a fuga aos problemas reais do contexto cabo-verdiano, e ao seu "distanciamento das massas", e "afastamento do povo"<sup>84</sup>. Estamos aqui perante um problema relativo à função social da literatura. Segundo o Professor Alberto Carvalho, a posição da geração de 50/60 não seria a mais correcta, uma vez que houve uma preocupação maior com questões de ordem ideológica e sociológica, não se obedecendo às regras que se impõem aos estudos literários. Centrar-se só nestes aspectos num ensaio de crítica literária, não seria o caminho mais adequado<sup>85</sup>. A atitude dos autores "suplementistas" relativamente ao evasionismo deve ser observada em termos de militância e não como realidade efectiva, pois se estivesse em jogo o segundo caso, seria uma contradição insanável o facto de serem os promotores do anti-evasionismo e todos se terem apartado da sua terra. A ideia de Amílcar Cabral, líder do P.A.I.G.C., no sentido da necessidade do surgimento de uma nova literatura para ilhas<sup>86</sup> pode ter motivado o surgimento de uma literatura mais empenhada numa perspectiva política. Aliás, Aguinaldo Fonseca, outro autor que escreveu no *Suplemento Cultural*,

---

<sup>83</sup> Baltasar Lopes, "Romanceiro de S. Tomé", *Claridade*, nº 8, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, 1958.

<sup>84</sup> Onésimo Silveira, *Consciencialização na literatura caboverdiana*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 9.

<sup>85</sup> Segundo este estudioso, seria errado ver nas obras "o reflexo linear das realidades, como se fosse de sua natureza funcionarem à maneira de espelho documentalista da vida comum"; Uma perspectiva crítica desta forma seria "uma espécie de quantificador de efeitos perversos. Na medida em que, com exclusão de todas as demais pistas de leitura, apenas promove a valorização da componente comum, sociológica e ideológica, dos textos", Prefácio de Alberto Carvalho, in Manuel Lopes, *Falucho ancorado*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. XV.

<sup>86</sup> Russel Hamilton in *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 140.

faz um poema que dedica a Cabral<sup>87</sup> e este a designá-lo como o precursor de uma nova literatura<sup>88</sup>.

Neste panorama, não é de estranhar o surgimento do poema "anti-evasão"<sup>89</sup> de O.M. que, utilizando verbos de grande significado energético recusa a ida para Pasárgada e defende a permanência na terra amada.

### 3. Evolução temática

O discurso lírico de comprometimento político recuperado pelos poetas "insubmissos" do intertexto revolucionário e amoroso, conduz inevitavelmente a uma poética com outras direcções temáticas e estéticas. Mais à frente, em capítulo destinado à inovação, referir-se-ão as diferenças operadas no domínio do estético e das ideias. Por agora, indicar-se-á somente as novas temáticas que consubstanciaram as metas ideológicas-literárias da produção dos "suplementistas". Empenhando-se na solidariedade com o povo das Ilhas, o sujeito poético, sensível aos problemas mais prementes do seu povo, torna-se porta-voz das suas emoções e tristezas. Mas a sua voz não é só de denúncia dos problemas ou de apoio perante as desventuras do povo, tem, igualmente, função pedagógica quando mostra o caminho a percorrer, e, por esta razão, a discursividade da linguagem ganha outras formas, e novas temáticas irrompem no panorama literário: a emigração, para S. Tomé, as movimentações de massas em torno de um objectivo, a emergência de uma atitude colectiva no sentido de transformação do *status quo*, a certeza num futuro risonho. Conjuntamente com estes assuntos, apresenta-se o lado sentimental e amoroso, típico do homem cabo-verdiano: o amor pelo seu

---

<sup>87</sup> Trata-se do poema "Nova Poesia", in *Linha do Horizonte*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1951.

<sup>88</sup> Russel Hamilton, em *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 142.

<sup>89</sup> O.M., "anti-evasão", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 25.

povo, terra e costumes, como se vinha verificando com os autores anteriores desde o período romântico da literatura cabo-verdiana, mas, inovando a trajectória discursiva da linguagem poética, o amor direccionado de um "eu" enunciador a um "tu", destinatário do seu afecto, onde o corpo é valorizado, mesmo erotizado, não se excluindo a sensibilidade pelo contexto circundante que concorre para a efectivação do sentimento. Existe, assim, como que um amor panteísta, uma presença quase divina situacional em todo o processo amoroso.

O texto poético, enquanto unidade semântica, tem três dimensões: a semântica, a pragmática e a sintáctica. Naturalmente que a inovação temática, motivada pela singularidade da personalidade do autor, a sua idiossincrasia e as linhas ideológicas que o norteiam requerem a utilização adequada destas dimensões, na elaboração de uma nova estética literária.

## **II**

### **Uma estética e poética da rebeldia e sensualidade**

"Cabo Verde, para nós, é uma realidade muito viva; queremos, por isso mesmo, expressá-la com fidelidade, na Poesia, na Ficção, no Ensaio, do mesmo modo que diligenciaremos contribuir para o seu progresso cultural."

Carlos Alberto Monteiro Leite (Nota de abertura do *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, ano de 1958)

## 1. Dominantes temáticas:

Verifica-se um estilo distinto entre os autores do *Suplemento Cultural*. Conceptualizando, o estilo, este pode e deve ser visto como um desvio e coesão textual. Desvio do modelo de linguagem quotidiana e do discurso de poéticas anteriores e coesão de um conjunto de elementos característicos a uma dada literatura. Existem, contudo, alguns aspectos que se podem generalizar, pois são comuns a todos os elementos deste grupo. Pode exemplificar-se com a temática abordada pelos autores. O tema da emigração é explorado por esta geração de poetas "insubmissos". É um assunto que preocupa o intelectual cabo-verdiano, pois ele é sintoma de questões político-sociais graves. No entanto, o cabo-verdiano tem no seu espírito o desejo de partir para outras terras em busca de um futuro risonho, mas, ao mesmo tempo, a vontade de permanecer no território ("querer ficar / ter que partir", como diziam os literatos "claridosos")<sup>90</sup>, motivado pelo facto de a sua região ser pobre, com um solo estéril, não sendo, por isso, propensa à agricultura. No entanto, José O. Oliveira afirmava que: "sempre que há água, o homem plantou mandioca, feijão, milho, cana de açúcar, cafeeiros, bananeiras, árvores de fruto tropicais como a mangueira, e laranjeiras (que dão óptimos frutos), até videiras, como no Fogo, no sítio do Mosteiro." e acrescenta, "tudo isso se deve ao amor que o Cabo-Verdiano tem pela sua terra e à sua resistência

---

<sup>90</sup> Russel Hamilton, in *Literatura Africana Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p.124.

aos fados adversos."<sup>91</sup>. Aproveitando ao máximo os escassos recursos que possuíam, os cabo-verdianos nunca deixaram de semear o que era possível semear. Contudo, tudo isto era insuficiente. Por esse motivo, viraram-se para o mar. Observavam o mar como o caminho a percorrer para se atingir o sonho de um dia se ter uma vida sem dificuldades. A geografia das Ilhas teve o seu contributo para a aventura da emigração. Símbolo do apelo de partida em busca da realização pessoal do cabo-verdiano, o mar assemelhava-se a uma janela aberta para o desconhecido. No século XX, vários foram os países de destino. Entre eles distinguiram-se os Estados Unidos da América. Nasceu, então o sonho americano na mente dos habitantes das Ilhas. Como consequência deste facto, surgiu a materialização do sonho que apresentava a emigração como um processo direccionado ao pleno sucesso, em que o cabo-verdiano partia pobre e regressava rico. Alguns enviavam fotos dos Estados Unidos, exibindo bens exteriores de riqueza. E a observação dessas fotos, adicionada a certos relatos de aquisição de grande prosperidade, fazia com que despertasse entre os residentes no Arquipélago, uma torrente de pensamentos positivos, associados à ideia da emigração. Porém, na realidade, muitas vezes a ambição de conseguir uma melhor condição de vida no estrangeiro tornava-se um pesadelo. Muitos nunca mais regressaram, envergonhados com a falta de sucesso, ou por não possuírem condições monetárias, psíquicas ou anímicas para o retorno. Contudo, o sucesso de alguns e a falta de condições económicas para promover o emprego levavam as populações a partir.

Mas o tipo de emigração de que os "suplementistas" falam com mais frequência é para as roças de S. Tomé. As características desta emigração faz nascer o estatuto de serviçal em Cabo Verde. Vítimas de promessas falsas de um emprego estabilizador e

---

<sup>91</sup> José O. Oliveira, in *As Ilhas Portuguesas de Cabo Verde*, Porto, Oficinas da Imprensa Portuguesa, Colecção Educativa, série E, número 3, pp. 38 e 39.

bem remunerado, os trabalhadores cabo-verdianos, depois de sediados em São Tomé, viviam num regime de quase escravatura. Ficavam impossibilitados de retornar a casa devido ao pouco dinheiro que lhes era cedido. Fustigados pela doença que grassava nas roças, a miséria física, psíquica e anímica apoderava-se ainda mais dos homens.

Não se atribui pioneirismo aos "suplementistas" quando trataram a temática da emigração para S. Tomé, uma vez que, conforme já foi mencionado, esta já tinha sido incluída em textos anteriores. Singularidade foi terem trazido este assunto com frequência para a literatura, adicionando ao discurso um tom de denúncia mais enérgico. Desta forma, não se coibiram de pôr o dedo na ferida e apontar directamente o que consideravam a causa maior deste problema: a falta de respeito pela dignidade humana, através da exploração impiedosa da força de trabalho do filho-da-terra. Pondo o acento tónico no drama social, o sujeito poético conclama: "Terra-longe tem roça / Roça tem desespero"<sup>92</sup>

O.S. fala-nos igualmente do flagelo da emigração em "Ausência"<sup>93</sup>. No entanto, à semelhança de G.M., limita-se a apontar o contexto de miséria que acompanha esta situação, abstraindo-se de anunciar um futuro redentor, como faz O.M. Na tecitura semântico-pragmática os adjectivos de significação fragmentária e opressora moldam um quadro que tem de ser obrigatoriamente perspectivado de forma negativa: "palavras manietadas", "corações despedaçados", "homens bipartidos". Este último, expressando o dilema épico da realidade do cabo-verdiano, prosseguindo na linha de pensamento da dicotomia avançada pelos "claridosos": "querer partir / ter de ficar". Em relação à emigração, a poética "suplementista" posicionava-se de forma crítica e desapontada,

---

<sup>92</sup> O.M., "alerta", in *G. B. M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 50.

<sup>93</sup> O. S., "Ausência", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 10.

clarificada no poema "Quadro"<sup>94</sup>, através do comportamento de "Nhô Cacai", pois este caminhava: "Acenando a sua desilusão / De todos os continentes".

Se a expressão "Terra-longe"<sup>95</sup> simboliza as roças de S. Tomé, outras também têm este sentido. Referimo-nos a "caminho longe"<sup>96</sup>, ou "ladeira"<sup>97</sup>. Contudo, nem sempre isso acontece, "Terra-longe" pode significar Cabo Verde<sup>98</sup>, quando o sujeito poético está exilado e "ladeira"<sup>99</sup> as dificuldades da vida do cabo-verdiano e o caminho que tem de percorrer para a sua sobrevivência. A discursividade nas poéticas de O.M. e G.M., relativamente a esta temática, mostra-se distinta, apoiando-se o primeiro na certeza da mudança, abrindo-se uma porta à esperança. Não deixa de mostrar a intensidade do drama colectivo das ilhas, a linguagem presente no segundo, se bem que sejam reduzidos os componentes sémicos que sustentam a ideia de mudança do *status quo*; uma excepção, contudo, no final do poema "De noite alguém chora"<sup>100</sup> em que se salienta um ensinamento: "De noite alguém chora. / Choro de noite é caminho", e esse caminho é, evidentemente, o da revolta, aquele que porá fim à exploração. Observe-se a ideia, tão característica dos conteúdos poéticos da mensagem desta geração literária, da necessidade de sofrimento para que se possa consubstanciar a revolta e, como veremos mais à frente noutros poemas, a felicidade futura.

"Chorar de amigo"<sup>101</sup>, "Boi não canta"<sup>102</sup>, "Eclipse"<sup>103</sup>, "Subitamente a saudade"<sup>104</sup>, "Caminho longe"<sup>105</sup>, "Carta de Longe"<sup>106</sup>, "Reprende a maré vazante"<sup>107</sup>,

---

<sup>94</sup> O. S., "Quadro", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 29.

<sup>95</sup> O.M., "alerta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição Março de 1998, p. 50.

<sup>96</sup> O.M., "caminho longe", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição Março de 1998, p. 49.

<sup>97</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 73.

<sup>98</sup> G.M., "Vela do exílio-III", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 64.

<sup>99</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 73. Repare-se no significado que atribuímos ao título da obra de G.M.

<sup>100</sup> G.M., "De noite alguém chora", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 70.

<sup>101</sup> G.M., "Chorar de amigo", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 31.

<sup>102</sup> G.M., "Boi não canta", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 33.

<sup>103</sup> G.M., "Eclipse", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 34.

<sup>104</sup> G.M., "Subitamente a saudade", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 110.

<sup>105</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 73.

"Maré submersa"<sup>108</sup>, são alguns dos poemas que tratam este assunto em *L.G.* Ao tema geral da emigração surge associado o da saudade, de que são exemplos flagrantes: "Vela de Exílio-I"<sup>109</sup>, "Vela do Exílio-II, o banco de ourim"<sup>110</sup>, "Vela do exílio-III"<sup>111</sup>, "Vela do exílio-IV"<sup>112</sup>. O contexto vivencial do serviçal nas roças de S. Tomé é enformado por vocábulos pertencentes ao campo semântico da dor e do sofrimento. O advérbio "terralonginquamente"<sup>113</sup> é de grande expressividade, e aproxima-se na sua morfologia e significação da expressão "Terra-longe".

*G.B.M.* está dividida em três partes. "caminho da perdição" é o título da segunda, e os poemas que estão nela inseridos põem, precisamente, o acento tónico na questão da emigração para São Tomé e na situação do serviçal, o problema do contrato, a falsidade dos engajadores, o sofrimento dos filhos do povo.

"emigração"<sup>114</sup> é um poema que nos fala do outro lado da emigração: o lado clandestino legitimado. Clandestino e legitimado, porque a situação era de tal forma obscura que o poder político não tinha a coragem de a apresentar abertamente a todos. As pessoas eram ludibriadas pelo discurso persuasivo dos engajadores, e a falta de possibilidades profissionais nas ilhas concorriam para a sua decisão. Na mesma linha temática irrompem: "caminho longe"<sup>115</sup>, "alerta"<sup>116</sup>, "consolância"<sup>117</sup>, "serviçal"<sup>118</sup>, "canta amigo"<sup>119</sup>, "voltarás serviçal"<sup>120</sup>, "a noite de s. tomé"<sup>121</sup>, "queixume"<sup>122</sup>,

---

<sup>106</sup> G.M., "Carta de Longe", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 71.

<sup>107</sup> G.M., "Reprende a maré vazante", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 66.

<sup>108</sup> G.M., "Maré submersa", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 75.

<sup>109</sup> G.M., "Vela de Exílio-I", "Vela do exílio-IV"<sup>109</sup>, in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 60.

<sup>110</sup> G.M., "Vela do Exílio-II, o banco de ourim", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 62.

<sup>111</sup> G.M., "Vela do exílio-III", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 64.

<sup>112</sup> G.M., "Vela do exílio-IV" in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 65.

<sup>113</sup> G.M., "Única dádiva", *50 poetas africanos*, Lisboa, Plátano Editora, s.d., p. 218.

<sup>114</sup> O.M., "emigração", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 56.

<sup>115</sup> O.M., "caminho longe", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 49.

<sup>116</sup> O.M., "alerta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 50.

<sup>117</sup> O.M., "consolância", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 52.

<sup>118</sup> O.M., "serviçal", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 51.

<sup>119</sup> O.M., "canta amigo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 53.

documentando a presença deste assunto na poética de O.M.. Para construir a sua mensagem, o autor selecciona vocábulos bem representativos, e que ganham um forte grau simbólico. "Terra-longe", como vimos acima, que simboliza S. Tomé, é um vocábulo composto por justaposição e não deixa possuir uma grande intensidade expressiva, uma vez que nele está o sentido de angústia, de tristeza e de saudade, pois a distância representa um obstáculo para aqueles que gostariam de retornar às Ilhas amadas. Ilustrando o contexto vivencial do trabalho serviçal nas ilhas de S. Tomé; os vocábulos: "Choram", "perigos", "ameaças", "punhais", "lágrimas" foram criteriosamente escolhidos pelo autor e inseridos na mensagem poética com o intuito de a valorizar. Alertando os compatriotas, relativamente ao ludíbrio das vantagens da emigração para S. Tomé: "Cuidado Companheiro / não te percas nos acenos da Terra-longe"<sup>123</sup>, o sujeito poético compromete-se na luta pela dignidade do homem crioulo e num lampejo solidário remata: "Meu e teu / é o poema que soluças"<sup>124</sup>, apelando à coragem: "Não deixes que tuas pálpebras / amortecem na dor"<sup>125</sup> e sublinhando a certeza de um futuro mais feliz: "... voltarás /( ...) / ... num dia de sol quente"<sup>126</sup>.

Na poética do *Suplemento Cultural*, a estiagem e a exploração têm uma relação de causa-efeito com a fome. Neste capítulo, existe inovação, uma vez que, de forma mais clara do que acontecia nas poéticas anteriores, a problemática explorado/explorador é reiterada. A estiagem é um fenómeno que, presente no espírito do cabo-verdiano, condicionou a idiosincrasia deste povo, pois penetrou na vida do

---

<sup>120</sup> O.M., "voltarás serviçal", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 54.

<sup>121</sup> O.M., "a noite de s. tomé", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 55.

<sup>122</sup> O.M., "queixume", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 58.

<sup>123</sup> O.M., "alerta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 50.

<sup>124</sup> O.M., "serviçal", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 51.

<sup>125</sup> O.M., "voltarás serviçal", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 54.

Arquipélago, tendo ajudado a moldar a personalidade geral da sociedade crioula. Associada à estiagem surge a fome. Esta apresentar-se-ia perspectivada de uma forma dicotómica, pois teria duas origens, sendo a primeira resultado das mazelas provocadas pela seca e por outras adversidades climáticas (os ventos e as brisas), originando a esterilidade dos solos com consequências na agricultura e nos fracos recursos económicos, e a segunda, a exploração das populações, protagonizada pelo poder instituído, não só pelo branco colonialista, como pelos próprios cabo-verdianos (na sua maioria mestiços) pertencentes às elites dominantes, na área económica, social e até política<sup>127</sup>. Aliás, a ascensão e influência da mestiçagem na estrutura da sociedade cabo-verdiana, tornou a realidade do território *sui generis*, contrastando com a situação das outras colónias pertencentes ao império colonial português, onde terá ocorrido uma justaposição de culturas e raças e não um processo sincrético.

Os efeitos da seca são devastadores: "árvores / de ramos arreganhados / a pingarem suor e lágrimas"<sup>128</sup> "Milho que não medras"<sup>129</sup>. E a estiagem aparece animizada lesando todo o contexto cabo-verdiano: "Mas a seca / a seca que eu não pensava, na minha cama sonhando; / a seca que arrasa e queima; / a seca das ventas ardentes / que lambe devasta e queima / e devolve os sonhos sonhados; / a seca que eu não pensava - / - esta sim, esta veio. E secou tudo. / (...)" ( Penetrou as narinas o fio dos cabelos / (...) / Fundiu o ventre das mulheres grávidas / (...) / fendeu o riso a alma o flanco das alimárias do campo / (...) / penetrou secou tudo."<sup>130</sup>. Não é de estranhar que a agonia penetre nos corações das gentes: "Os homens incorporam nos olhos / a boca

---

<sup>126</sup> *Idem.*

<sup>127</sup> A ideia de ascensão do mestiço e consequente domínio do poder administrativo está presente em G.M., "A mestiçagem: seu papel na formação sociedade cabo-verdiana", in *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, nº 109, Outubro de 1958, p. 11-24.

<sup>128</sup> G.M., in "seca" *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 19.

<sup>129</sup> G.M., in "Seca terra e pobre" *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 21.

<sup>130</sup> G.M., in "Pluviómetro" *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 11.

ansiante de um pluviómetro"<sup>131</sup> e que o desejo de rápidas chuvas se torne uma espera angustiante. E um certo abandono por parte do poder colonial em relação às ilhas, ou a presença de um destino insolidário pode ser interpretado nestes versos de G.M.: "Quem nos alimenta? / Quem não vem de longe? / Quem não mora perto?"<sup>132</sup>. Esta situação provoca um grito de protesto e desespero que eclode do interior do povo sofredor: "Ta c'fome na Cabverde"<sup>133</sup>. E a fome, algumas vezes, originava a sublevação. Daí a referência histórica a Ambrósio e à sua liderança na revolta que culminou com o assalto ao armazém de víveres, referida no poema "Capitão Ambrósio"<sup>134</sup>. "Mulato Ambrósio" caminhava na frente. E na frente estava a bandeira, "clara bandeira da fome". Repare-se na referência racial como elemento de especificidade da sociedade crioula. Fome era factor de miséria humana, que alastrava no espaço das Ilhas, atingindo de forma irredutível o homem crioulo e, ainda mais grave, a criança, de que é documento "o menino largado no mundo" do poema "Nha terra"<sup>135</sup>.

Problemas endémicos e preocupações sociais, a vida nas ilhas, circunscreviam os conteúdos poéticos dos autores do *Suplemento Cultural*. A descrição social é um processo utilizado na reconstrução verbalizada do "quadro" ilhéu, promovendo a verosimilhança e o realismo em literatura, sem, contudo, impedir a autonomia textual e a liberdade de processos imagéticos arquitectados pelos textos. A verdade objectiva factual da realidade empírica não coincide com a presente no contexto literário, demonstrando-se a independência dos dois mundos. Na maioria das vezes, o "quadro" exposto na poética em estudo é negativo, pois revela-se condicionado pela estiagem, pela fome, pela miséria humana, pela exploração do homem pelo homem, pela

---

<sup>131</sup> G.M., in "Pluviómetro" L.G., Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 11.

<sup>132</sup> G.M., in "Seca terra e pobre" L.G., Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 21.

<sup>133</sup> O.M., "fome na cabverde", in G.B.M., São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 118.

<sup>134</sup> G.M., in "Capitão Ambrósio" L.G., Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 51.

emigração voluntária ou forçada, etc. Mesclando-se com o seu povo, o sujeito da enunciação é, por vezes, a voz singular que se metamorfoseia-se na voz colectiva e solidária. Seguindo esta linha de ideias, o sujeito poético sublinha: "Nós somos os flagelados do vento-leste / a nosso favor não houve campanhas de solidariedade / não se abriram os lares para nos abrigar / E não houve mãos estendidas fraternalmente para nós"<sup>136</sup>.

Em "Denúncia elementar"<sup>137</sup>, o sujeito enunciador aponta em discurso directo, as forças exploradoras que "... já chegaram." e que "Dez, vinte, trinta, / depois quarenta, / depois mais. / E nas outras ilhas aturdidadas / abriram sucursais.". E fizeram-no pois é "Terra boa a terra que não dá. / Fome boa, a fome que se come. / E com pesos e régua e balanças / o povo foi pesado e foi medido.". O explorador age desta forma porque "tem a visão / mono-ocular do cifrão". E, no entanto: "Ninguém / pedia fome / ninguém / esperava choro - / (...) / Ninguém / pensava escravos / ninguém / pensou ladrões"<sup>138</sup>. Nesta expressão estão condensados os problemas endémicos, sociais e políticos relacionados com o Arquipélago. Não é só a estiagem e as brisas que condicionam a sobrevivência do cabo-verdiano, impossibilitando a fertilidade dos solos, é também o drama de uma situação de exploração da força de trabalho do serviçal e de desrespeito pelo homem. Pela voz do sujeito poético, o povo rejeita o seu destino trágico e acusa: "A fome que vimos / gramando / século de riba de século / não foi a estiagem / que pariu"<sup>139</sup>.

---

<sup>135</sup> O. S., "Nha Terra", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 9.

<sup>136</sup> O.M., "flagelados do vento-leste", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 13.

<sup>137</sup> G.M., in "Denúncia elementar" *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 17.

<sup>138</sup> G.M., in "Ninguém pedia nada" *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 20.

<sup>139</sup> O.M., "processo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 113.

Nefastas são as consequências de um mar rebelde para a vida do Arquipélago. Em "nôs morte"<sup>140</sup> o "eu" enunciador sublinha: "Nôs tude Morrê um c'zinha", quando alguém perece, vítima deste elemento. Desta forma, o mar ganha o significado de morte. Os naufrágios, a árdua actividade piscatória, o trabalho dos catraeiros, e a emigração para longe faz com que muitos cabo-verdianos desapareçam de vez do contexto das Ilhas. E daí a fraternidade expressa em voz solidária e colectiva. Enfrentar o mar é uma tarefa que incumbe a todos, a dura realidade a que obriga a sobrevivência.

Para a mulher crioula, por vezes muito jovem, um dos seus tristes destinos é a prostituição. E, por isso, o sujeito poético recorda que "Augusta" "com treze anos / já era menina-de-vida"<sup>141</sup> e quando um barco americano entrava no porto "Augusta ficava contente / como todas as outras meninas-de-vida / (o estômago de Augusta sorria)", pois o navio trazia-lhe a possibilidade de continuar a viver. A resignação era a forma que encontrava para justificar o seu fado adverso: "Ê dstine!". O sujeito poético compadece-se com a sua situação e espanta-se com a sua ataraxia. Mas o destino da mulher não é só o da prostituição, carrega também o duro fardo de ir trabalhar para as roças. E esta situação provoca desassossego ao sujeito enunciador que apela aos companheiros da "Estrela da Marinha": "Vamos levar todas as nossas lágrimas ao mar / Para que as roças nos devolvam Têêia..."<sup>142</sup>. Perante a fortuna infausta, ela sonha com um futuro melhor, forma inteligente de iludir a sua dura realidade: "E teu coração bateu um pouco mais forte / Quando o barco americano entrou no porto..."<sup>143</sup>. Como terapia anestésica da dor sofrida no dia-a-dia do povo irrompe o imaginário. Trataremos mais à frente de forma mais pormenorizada o papel da mulher na sociedade crioula.

---

<sup>140</sup> O.M., "nôs morte", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 62.

<sup>141</sup> O.M., "lembrança de augusta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 91.

<sup>142</sup> O. S., "Têêia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 35.

Este processo de minimizar a dor é também utilizado pela sabedoria colhida na experiência do mundo real por "Nhô Cacai" quando ele, para acalmar a fome dos seus filhos, conta-lhes histórias das farturas das Américas e "Os seus filhos acreditam nas Américas / E sabem dormir com fome..."<sup>144</sup>. "Nhô Cacai" tem o estatuto de contador de histórias tão característico em Cabo Verde, e que está presente em grande parte da literatura do Arquipélago, através de personagens populares; lembramo-nos, por exemplo, de Nhâ Rosa Calita de *Chiquinho*, "Grande contadeira de histórias era nha Rosa Calita, velha pretona a quem os rapazes chamavam Camões"<sup>145</sup>. Os contos populares do *Lobo e do Chibinho* e *João-que-mamou-na-burra* serão reflexo dessa veia de contadores de histórias.

Por vezes, o pessimismo que se exala de alguns textos não é consentâneo com a ideologia do *Suplemento Cultural*, porque os "poetas insubmissos" defendiam uma poética de luta, de não abdicação dos direitos da população em sofrimento, numa clara aposta no futuro, num futuro que traria as certezas na resolução dos problemas do povo das ilhas. A ausência da esperança parece-nos uma contradição para os autores que criticaram a literatura da *Claridade* (referimo-nos a O.S. e O.M., mas não a Gabriel Mariano)<sup>146</sup> por considerarem que a linguagem presente neste movimento possuía um tom melancólico e resignado quando trabalhava assuntos dramáticos da realidade cabo-verdiana. Porém, a justificação pode ter a ver única e exclusivamente com a apresentação de uma realidade social desfavorável, para depois, em outros poemas, sublinhar-se a necessidade imperiosa de mudança. Explica-se, assim, um quadro

---

<sup>143</sup> Yolanda Morazzo, poetisa cabo-verdiana que escreveu no *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, nº 109, 1958, redigiu o poema "a uma qualquer", p. 10.

<sup>144</sup> O. S., "Quadro", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 29.

<sup>145</sup> Baltasar Lopes, *Chiquinho*, Lisboa, Círculo dos Leitores, s.d.

<sup>146</sup> Russel Hamilton afirma que: "... Mariano é um elo entre a consciência colectiva dos "claridosos" e a dos escritores mais novos", in *Literaturas Africanas Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, , Edições 70, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984, p. 166.

horrendo de uma "noite longa / de cadáveres / se arrastando / (...) / de barrigas fartas de misérias / (...) / de meninos arrebatados / em esquinas alucinadas"<sup>147</sup>. E a sensibilidade do sujeito poético perante este quadro é grande e, por isso, afirma: "Choro a noite longa". Mas o calvário que experimenta a população não diz respeito somente aos adultos; martiriza igualmente as crianças: "A sua boca não ri" porque "(Nunca soube / Que uma boca de criança / Foi feita para rir) / Os seus olhos não choram / (Não há lágrimas para além do desespero)"<sup>148</sup>. E o sujeito poético lamenta-se, pois sente-se manietado: "Também minha revolta / Com cadeados nos pulsos"<sup>149</sup>.

Um discurso personalizado serve também interesses de crítica social, onde as pessoas citadas são representativas da vida que flui no Arquipélago, como mais à frente veremos. Mas as personagens colectivas estão também presentes. Aludindo-se a profissões, dá-se uma imagem da estrutura social e da actividade económica. Referidas são: o "catraeiro", os "marinheiros mondrongos", os "comerciantes", as "prostitutas", o "carregador de cais", os "colegas da escola primária", as "crianças sub-alimentadas", os "padres sobre-alimentados", os "estivadores", os "remadores", os "mergulhadores", os "operários", os "camponeses", os "pescadores", os "serviçais", os "funcionários", o "Gerente", o "tesoureiro", o "guarda-livros". Dois propósitos servem as personagens que são individualizadas: a apresentação, por parte do poeta, de uma personagem inserida num determinado grupo social e o destaque que ela merece devido ao seu comportamento singular, ou seja, a sua evidência por acção considerada pedagógica. Estamos, portanto, perante um elemento de função moralizadora, o seu comportamento é distinguido com intuitos persuasivos. Por isso, alude-se ao "Capitão Ambrózio"<sup>150</sup>,

---

<sup>147</sup> O.M., "noite longa", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 117.

<sup>148</sup> O.M., "para além do desespero", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 41.

<sup>149</sup> *Idem.*

<sup>150</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 51.

"Tiegs"<sup>151</sup>, "Dáss"<sup>152</sup>, "João Cabafume"<sup>153</sup>, representantes, aos olhos dos poetas, do inconformismo e da revolta perante o *status quo* político-social. Não se tratava de personagens fictícias, mas de pessoas que na realidade viveram no Arquipélago. Tinham origem humilde, e a sua acção serviu de referência nos conteúdos textuais, por se considerar que o seu exemplo servia os objectivos a que a poética "suplementista" se propunha: lançar as sementes do inconformismo no espírito do receptor da mensagem. Outras vezes, vem à baila o nome de personalidades internacionalmente conhecidas, expoentes máximos da luta revolucionária dos povos, como Che Guevara<sup>154</sup> ou Samora Machel<sup>155</sup>. Porém, é raro isto ocorrer. Para os autores, o importante é a poética se centralizar no "quadro" das ilhas. E se o seu espírito rebelde os obriga a utilizar este tipo de personagens, outras são apresentadas como vítimas das circunstâncias desfavoráveis existentes. É o caso de "Jul Antône"<sup>156</sup> e "Belarmino"<sup>157</sup>, desaparecidos no mar, "Manuel"<sup>158</sup>, "Nhô Cacai"<sup>159</sup> e sua família, vítimas da fome, "Têêtia"<sup>160</sup> e "Candinha"<sup>161</sup>, serviçais em São Tomé ...

A "consciência da necessidade"<sup>162</sup> leva o sujeito poético a falar de rebeldia, de esperança de mudança e de um futuro redentor. E por isso avisa: "Logo virão os ventos"<sup>163</sup>, os ventos da mudança, os ventos da catarse regeneradora, os ventos de uma

---

<sup>151</sup> O.M., "reis da baía", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 87 .

<sup>152</sup> O.M., "reis da baía", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 87 .

<sup>153</sup> O.M., "reis da baía", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 87 .

<sup>154</sup> O.M., "um poema ardente", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 122.

<sup>155</sup> G.M., "Elegia em sol maior", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 94.

<sup>156</sup> G.M., " Jul Antône ou o naufrágio ", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 77.

<sup>157</sup> O.M., "in memoriam de belarmino de nhô talef", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 46.

<sup>158</sup> G.M., " Manuel filho de Raul", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 24.

<sup>159</sup> O. S., "Quadro", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 29.

<sup>160</sup> O. S., "Têêtia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>161</sup> O. S., "Um só poema nos seus olhos", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 38.

<sup>162</sup> O.M., "flagelados do vento-leste", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 13.

<sup>163</sup> G.M., "Logo virão os ventos", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 28.

sociedade mais justa e, conseqüentemente, "Amanhã cantarei"<sup>164</sup>. Porém, para que chegue a transformação é necessário percorrer todo um trajecto de combate e sacrifícios, e a morte dos que se rebelam é perspectivada como o preço que se tem de pagar para o florescimento de uma realidade diferente<sup>165</sup>. Ela é um elemento catártico, necessário para o bem de todos e, por esse motivo, os poetas "saudarão a morte lúcida"<sup>166</sup> e então apelam: "Zomba da morte / quando dobrares a esquina / Há uma nota musical / no teu gesto / Distribui e liberta-te"<sup>167</sup>. E a certeza de que o texto poético pode ser aproveitado como arma no processo que leva à mudança, possibilita a formação de enunciados, onde estão fortemente representados vocábulos do campo semântico da luta: "Um acto de violência / e a madrugada / se encherá / de estrelas vermelhas"<sup>168</sup> porque "a paz é certa / onde é certa a luta"<sup>169</sup> e assim é necessário caminhar para o local "onde as ondas / terão um perfume / de metralhas"<sup>170</sup>. Da iminência da revolta, cresce a convicção da vitória expressa de forma absoluta: "Todos os muros cederão / à fúria dos nossos pés"<sup>171</sup> e "pelas ondas do mar / Sabará passará"<sup>172</sup>. Predisposto para o combate que se vai travar, o sujeito poético utiliza um discurso caracterizado pela clareza: "Não falo da paz perdida / mas da guerra que em mim nasce. / (...) / não vos dou a paz perdida / mas a guerra que em mim nasce."<sup>173</sup>. E quando chegar a hora da mudança, o filho pedirá: "Meu pai: manda o povo cantar / Manda o povo cantar na madrugada limpa

---

<sup>164</sup> G.M., "Amanhã cantarei", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 11.

<sup>165</sup> Cf. O.M., "Caminha saudade", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 81.

<sup>166</sup> O.M., "Caminha saudade", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 81.

<sup>167</sup> O.M., "desafio", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 38.

<sup>168</sup> O.M., "um acto de violência", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 120.

<sup>169</sup> *Idem.*

<sup>170</sup> O.M., "caminha saudade", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 81.

<sup>171</sup> O. S., "A jornada", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 33.

<sup>172</sup> G.M., "Sabará passará", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 74.

<sup>173</sup> G.M., "Balada da paz perdida", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 35.

/ Manda o povo cantar com tambores e búzios / Quando Ambrózio chegar."<sup>174</sup>. O futuro apresenta-se redentor num quadro favorável em que "As crianças serão as crianças! / Negras e loiras e brancas / Serão pétalas da mesma flor..."<sup>175</sup> e o Sol dissipará "as sombras difusas da noite"<sup>176</sup>.

Exigência da rebeldia é que se anuncie o caminho a percorrer, aconselhando o poeta: "Zomba da morte "<sup>177</sup>. E acrescenta: "Nôs camim certe ê dor e sangue"<sup>178</sup>, pois é "Camim drete pa sol"<sup>179</sup>, e este só será percorrido "quando o Ambrózio chegar"<sup>180</sup>.

Uma das temáticas da produção da geração do *Suplemento Cultural* desvenda-se na ideia de comunhão entre o povo cabo-verdiano e os poetas que o cantam. Essa ideia aparece reiterada pelo sujeito enunciador que anuncia: "Chamar-te irmão, amigo ou companheiro / é sentir-me por dentro. / Ramos da mesma árvore, entrelaçadas, / onde acaba a tua, a minha não começa"<sup>181</sup>. Identifica-se a solidariedade como um propósito unificador entre poeta e povo, advindo daí a necessidade de fazer a utilização da poesia como uma arma. Lamentando-se, o sujeito enunciador elucida-nos: "Poesia: armas abandonóde / de nós poeta"<sup>182</sup>. Ergue-se então a necessidade de produzir "Um poema ardente / moda raiva de guerrilha"<sup>183</sup>. Elemento condicionador da agressividade no discurso literário é o contexto situacional que impele ao grito de protesto revolucionário.

---

<sup>174</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 51.

<sup>175</sup> O. S., "Hora grande - 2", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 43.

<sup>176</sup> O. S., "Lombo", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 21.

<sup>177</sup> O.M., "desafio", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 38.

<sup>178</sup> O.M., "nôs camim certe", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 98.

<sup>179</sup> *Idem.*

<sup>180</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 51.

<sup>181</sup> G.M., "Comunhão", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 27.

<sup>182</sup> O.M., "Um acto de violência", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 120.

<sup>183</sup> O.M., "Um poema ardente", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 122.

Tema fundamental na poética do *Suplemento Cultural* é o amor. Perspectivado a vários níveis, resulta da paixão entre homem e mulher, filho e mãe, indivíduo e sua família, mas também está presente na relação que o sujeito poético mantém com o seu povo, a sua terra, e tudo o que o liga a Cabo Verde. Caldeados, estes sentimentos de afecto perpassam na poética desta geração, reafirmando o apego etnocultural. Por esse motivo, muitas vezes o sujeito enunciador individual passa a colectivo. Na descrição de certas personagens cabo-verdianas, observamos, muitas vezes, o entrecruzar de características humanas com elementos da Natureza, formando-se uma só identidade, ao mesmo tempo homogénea e heterogénea. Fica-se com uma ideia da profunda ligação psico-emocional que une os diversos componentes que intervêm na especificidade e no *ethos* cabo-verdiano.

Bem característica da literatura ocidental é a ambiguidade provocada por sentimentos amorosos<sup>184</sup>. O intertexto adquire substância no confronto de ideias antitéticas, materializadas através da presença de vocábulos de significação contrária que permitem o desenvolvimento de uma mensagem que se vai estruturando e sofrendo um processo de semiose, exigindo a intervenção activa e complexa das dimensões semânticas, sintácticas e pragmáticas, sem as quais a comunicação literária não é possível. Assim, morte, por um lado, e amor e vida, por outro, surgem frequentemente conectados numa relação de aproximação/rejeição, de apetência/afastamento, como símbolos díspares intrínsecos a um sentimento tão profundo como é o amor. O discurso antitético e até paradoxal faz lembrar o grande vate português, por exemplo, nestes versos de O.M.: "Dás-me vida para retardar a morte / E se vivo a morte cada instante / Nos beijos letais da tua boca / E que é vida a morte que me trazes / E é morte a vida que

---

<sup>184</sup> Lembramo-nos, por exemplo, de Camões, Bocage ou Almeida Garret onde é bem elucidativa esta situação de ambiguidade.

me ofertas"<sup>185</sup>. Também G.M. nos faz lembrar o grande autor português quando nos fala de "A eterna primavera do teu amor"<sup>186</sup>, utilizando, inclusivamente, uma estrutura formal que diz respeito àquela época: o soneto. Assemelha-se em termos formais e técnico-compositivos aos sonetos de Camões ou Bocage, nomeadamente, em termos de sintaxe apresentada, da anástrofe, da frase interrogativa e das condicionais. Mas o amor homem/mulher também surge levemente sugerido nas pessoas de outrem, passando o sujeito enunciador para um papel de mero observador deleitado e sensível, como quando nos fala de "Lulucha", a rainha do Carnaval, que goza "a sabura da noite / Nos braços de Djósa, sê cretchêu; / (...) / No peito de Djósa / Na boca de Djósa / No corpo de Djósa"<sup>187</sup>. A sensualidade da mulher está ligada à valorização do corpo, presente no discurso poético. A metonímia tem aqui um papel de relevância, pelo percurso realizado pelo veículo sígnico em direcção à sua referência. Ou seja, a alusão a pormenores do corpo e a comportamentos ligados ao panorama sensual pretendem representar uma realidade maior, como seja, a relação afectiva e efectiva entre homem e mulher, tanto no plano do prazer, como no do próprio amor. Assim, surgem as expressões: "vera beleza", "se, do teu amor, o corpo é o limite?"<sup>188</sup>, "Bonitóna e desaforada"<sup>189</sup>, "luxenta e dançadêra"<sup>190</sup>, "o corpo nu"<sup>191</sup>, "Nos beijos letais da tua boca"<sup>192</sup>, "E elas sabinhas / dão com as cadeiras / dão com as cadeiras / dão com as cadeiras"<sup>193</sup>.

---

<sup>185</sup> O.M., "da vida e da morte dos teus beijos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 27.

<sup>186</sup> G.M., "A eterna primavera do teu amor", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 90.

<sup>187</sup> O. S., "Rainha", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 24.

<sup>188</sup> G.M., "A eterna primavera do teu amor", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 90

<sup>189</sup> O. S., "Têêia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>190</sup> O. S., "Têêia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>191</sup> O.M., "da vida e da morte dos teus beijos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 27.

<sup>192</sup> *Idem.*

<sup>193</sup> O.M., "chuva em cabo verde", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 45.

A ideia de harmonia Homem/Natureza percorre toda a poética do *Suplemento Cultural*: "Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos / e as vozes solidárias que temos sempre escutado / são as vozes do mar que nos salgou o sangue / são as vozes do vento que nos entranhou o ritmo de equilíbrio / e são as vozes das nossas montanhas / estranha e silenciosamente musicais"<sup>194</sup>. No universo poético "suplementista", a Natureza é um elemento que pertence à unidade cabo-verdiana, sendo não rara a vez em que aparece combinada com as personagens referidas. Resultado deste processo, o sujeito poético referindo-se a João Cabafume interroga-se: "como pode uma borboleta / ou uma rosa / ou um pardal jardinol / ter dores no peito e sofrer"<sup>195</sup>, "E o menino que germinou / No chão quente da sua carne / Floriu no ramo dos seus braços"<sup>196</sup>. Mas quando não aparece caldeada, nem assim se aparta das personagens: "Onda de mar / na cintura de bô corpe / Aga de tchuva / na bôs oi de pecóde"<sup>197</sup>. Tão grande é o comprometimento entre homem e Natureza que esta apresenta-se, muitas vezes, animizada: "Nascendo da barriga negra da terra..."<sup>198</sup>, "e voaremos nas asas do Sol"<sup>199</sup>.

## **2. O papel da mulher no *Suplemento Cultural***

### **2.1. O amor, a mulher e a terra**

Impregnado da veia lírica e amorosa, o discurso ético dos autores da geração do *Suplemento Cultural* justifica a dupla vertente caracterizadora da sua mensagem: a rebeldia, em primeiro lugar, e a sensualidade amorosa, em segundo. Típico do

---

<sup>194</sup> O.M., "flagelados do vento-leste", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 13.

<sup>195</sup> G.M., "João Cabafume", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 91.

<sup>196</sup> O. S., "Manhe", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 19.

<sup>197</sup> O.M., "poema", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 86.

<sup>198</sup> O. S., "Hora grande 1", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 42.

<sup>199</sup> O. S., "Hora grande 2", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 43.

temperamento do cabo-verdiano, mas também do africano, é o sentimento amoroso erotizado, valorizando o pormenor do corpo e do gesto. O sujeito poético extasia-se com a sensualidade da mulher mestiça e canta os seus movimentos sensuais. Só que o amor pela crioula que os poetas do *Suplemento Cultural* experimentam, muitas vezes, confunde-se com o da terra que tanto amam. Terra, mulher, Natureza pertencem a um mesmo eixo da unidade cabo-verdiana. Como tema da poética do *Suplemento Cultural*, o elemento feminino suscita a indagação se não existe uma abordagem romântica, no sentido ideológico-literário, relativamente a esta questão. Numa primeira abordagem, pode verificar-se que a mulher crioula não aparece divinizada e espiritualizada, como acontecia com as personagens femininas do período romântico. Ou seja, não surge uma mulher singular que tenha atributos tão significativos e imaculados, que mereça destaque com isso. Individualmente, mostram-se mulheres como "Candinha"<sup>200</sup> ou "Têtiã"<sup>201</sup>, pertencentes ao povo, mas que estão retratadas numa perspectiva colectiva (são personagens tipo, porque representativas de outras mulheres que têm uma situação existencial semelhante, estando ambas inseridas na dicotomia mulher/elementos da região que perfazem a já referida unidade indecomponível). Na poética de O.M., apresentam-se também grandes paixões que condicionam o sujeito poético, provocando uma torrente de sentimentos opostos, de dor e prazer, de morte e de vida<sup>202</sup>.

Veja-se, então, outras questões que podemos observar: "Candinha", "Têtiã", ou as jovens mulheres que festejam nas ruas a vinda da chuva<sup>203</sup> são figuras populares,

---

<sup>200</sup> O. S., "Um só poema nos seus olhos", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 38.

<sup>201</sup> O. S., "Têtiã", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>202</sup> Os títulos de alguns destes poemas são: "tua ausência", "da vida e da morte dos teus beijos", "minha dor", "dstine", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural Março de 1998, pp. 15, 27, 36 e 71.

<sup>203</sup> O.M., "chuva em cabo verde", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 44.

muito provavelmente sem instrução. A Joanhinha das *Viagens na Minha Terra*<sup>204</sup> (obra que é o expoente máximo da manifestação literária do romantismo em Portugal) é uma rapariga simples, pura e rural. Destaca-se das personagens femininas do *Suplemento Cultural* por ter instrução e por ser vista como objecto de um amor à maneira platónica; ou seja, há um desejo ascético/emocional da parte de Carlos em relação a ela. Contudo, há referências físicas na sua descrição que colaboram num retrato perfeito da personagem. Apesar da perspectiva espiritual da mulher amada, estava também convenientemente retratada num quadro onde a beleza física pontificava (não nos esqueçamos dos seus belos olhos verdes), com o intuito de construção de uma imagem globalmente perfeita. Assim, Almeida Garrett criou uma personagem marcada por valores morais irrepreensíveis a que juntou características de grande beleza física, e na conjugação destes dois elementos, tornou-a impoluta, sem mácula. Ora, o que acontece com as personagens femininas do *Suplemento Cultural* não é a mesma coisa. Estas têm uma sensualidade intrínseca que provoca o desejo físico, são fisicamente sensuais e a beleza comportamental-psicológica é apenas levemente sugerida, através da reacção que provocam nos homens quando estes as observam. Todo o seu movimento faz eclodir o desejo, quando dançam sensualmente, acompanhando o ritmo das violas, ou quando o fazem por altura do Carnaval. Ela sofre um processo de erotização, sendo um dos expoentes máximos das coisas da terra e da unidade cabo-verdiana a que pertencem. Daí surgir, muitas vezes, associada à terra. E nisto existe também ideologia do Romantismo implícita. Conforme se sabe, a corrente romântica defendia a presença das coisas nacionais na literatura e promovia o amor pela terra. Assim, os autores românticos faziam a afirmação da cultura, dos usos, costumes, arte, arquitectura e tudo

---

<sup>204</sup> Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, Coimbra, introdução, selecção, notas e glossário de Ofélia Milheiro Caldas, Colecção Literária Atlântida, Volumes I e II, 1960.

que estivesse relacionado às regiões onde habitavam, transmitindo um sentimento de apego pela sua terra. Da mesma forma, os "suplementistas" reiteravam a ligação sentimental a Cabo Verde. A sua necessidade nesse sentido ainda era maior, uma vez que era imprescindível passar a mensagem da singularidade sócio-cultural cabo-verdiana e demonstrá-la, de forma a legitimar a sua autonomia e independência. Por isso, dizemos que a ideologia inerente ao romantismo literário também está presente na poética em estudo. Não queremos transferir esta questão para a linguagem utilizada (o facto de o romantismo defender a livre expressão para expor o que passa na alma do literato). Responsável por um novo ciclo em termos de linguagem literária, esta corrente literária, artística e ideológica promoveu um grande desenvolvimento nessa área. Consequência das sementes libertadoras iniciadas no Romantismo, não só em termos de conteúdo, como de linguagem literária, revelou-se o modernismo<sup>205</sup>. A linguagem presente na poética "suplementista" obedece ao modelo modernista, no respeitante a duas vertentes: a emancipação em relação a estruturas formais do passado (não se refere às poéticas da *Claridade* e *Certeza*, pois estas já se tinham iniciado na nova estética discursiva, promovendo um processo de continuidade, também em termos de linguagem), e a liberdade de expressão literária, muitas vezes sustentada por um forte simbolismo, através de selecção cuidada de vocábulos que na tecitura poética têm um papel determinante na construção da mensagem.

Debruçando-se sobre a situação social da mulher, a poética "suplementista" mostra-a não só como emigrante para São Tomé ou para outro país, como "Candinha" ou "Tetêia", mas também como prostituta, como nos diz o poema "lembança de

---

<sup>205</sup> Jacinto. P. Coelho fala-nos de «novos caminhos, quer no descobrimento do mundo interior quer na exploração das virtualidades da linguagem», *Problemática da História Literária*, Lisboa, Edições Ática, 1961; p.247;

augusta"<sup>206</sup>. Este poema tem semelhanças com o texto "a uma qualquer"<sup>207</sup>, de Yolanda Morazzo que também colaborou no *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde*; o contexto espacial é o mesmo: o cais, onde está atracado um barco americano. Ambas as personagens são femininas e a observação do navio levam-nas a sonhar positivamente por razões diferentes. No poema de O.M. estão implícitas as vantagens económicas. No de Yolanda Morazzo, o desejo de partir, típico da personalidade cabo-verdiana, como atrás já foi referido.

Enquanto personagem, a mulher desempenha variados papéis: ela é vítima sofredora, como os homens, de uma situação cruel de exploração e tem o estatuto ímpar de mãe, tão importante em todas as sociedades. No discurso poético em estudo, a mãe metamorfoseia-se na própria terra, por isso, é vulgar a expressão "mãe-terra"<sup>208</sup>. Devido à sua sensualidade, desperta o desejo do homem ilhéu, não deixando ninguém ficar indiferente.

Há uma presença feminina na geração do *Suplemento Cultural*. Trata-se da poetisa Yolanda Morazzo. Nos seus enunciados nota-se o gosto por certas figuras de estilo tão características da poética do *Suplemento Cultural*, nomeadamente, a anáfora. A anaforização do discurso é uma das marcas mais preponderantes nos textos desta geração. Não é por mero acaso que tal acontece, resultando da necessidade de reiterar uma ideia, de enfatizá-la com subterfúgios, para que a mensagem poética ganhe a força pretendida. No entanto, nota-se um maior atrevimento no discurso, a utilização de

---

<sup>206</sup> O.M., "lembrança de augusta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 91.

<sup>207</sup> Yolanda Morazzo, "a uma qualquer", in *Suplemento Cultural*, Boletim de propaganda e Informação da revista *Cabo Verde*, 1958, p. 15.

<sup>208</sup> O.M., "Iprofecia", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 110, e "adiado o tempo para amar", O.M., "adiado o tempo para amar", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 96.

vocábulos e expressões perlocutoriamente mais incisivas ("Farei a guerra"<sup>209</sup>, "Camaradas! / Venham comigo! / Tragam também as foices e o arado"<sup>210</sup>, etc.) que contribuíram para levar à aceleração da morte da publicação.

A poetisa exorta para a sublevação no poema "Colheita"<sup>211</sup>. Apela para que se abandone a apatia e se inicie um novo ciclo: "Tirem as mãos dos bolsos / E deixem esse ar de interrogar as nuvens. / é tempo de começar / E eu preciso da vossa ajuda. / Camaradas! Venham comigo! / Tragam também as foices e o arado / E vamos.". E através deste poema, presente no primeiro e único número do *Suplemento Cultural*, podemos inferir que a poesia de Yolanda Morazzo contrasta com a poética da *Claridade*, principalmente pela frontalidade, pela energia dos seus vocábulos. Utilizando vocábulos do intertexto revolucionário como "camaradas" e "foices", tendo em conta que estes tinham um alto teor revolucionário na altura, o discurso terá tomado conexões políticas intensas e terá perturbado as forças do poder político. O percurso desde a *Claridade* até ao *Suplemento Cultural* é um trajecto de endurecimento de intensidade vocabular, reflectindo-se na semântica, e de postura política-ideológica. E os versos de Yolanda Morazzo são documento disso.

O poema "a uma qualquer"<sup>212</sup> tem como génese a condição feminina da cabo-verdiana (ou de um certo sector feminino cabo-verdiano). O barco americano que atraca no porto não representa a aquisição de bens materiais ou uma melhoria fugaz de vida para o destinatário da mensagem (como representaria para muitas companheiras). Simboliza o desejo intrínseco do cabo-verdiano de partir, o wanderlust. Esse desejo tem

---

<sup>209</sup> Yolanda Morazzo, "Procura", in *Suplemento Cultural*, Boletim de propaganda e Informação da revista *Cabo Verde*, Praia, Outubro de 1958, p. 8.

<sup>210</sup> Yolanda Morazzo, "Colheita", in *Suplemento Cultural*, Boletim de propaganda e Informação da revista *Cabo Verde*, 1958, p. 9.

<sup>211</sup> *Idem.*

<sup>212</sup> Yolanda Morazzo, "a uma qualquer", in *Suplemento Cultural*, Boletim de propaganda e Informação da revista *Cabo Verde*, 1958, p. 15.

duas motivações: não só a emigração como forma de fugir à miséria, como simplesmente a vontade de partir, de escapar ao peso da insularidade. Mais uma vez, a anaforização do discurso tem lugar e pela negativa: a utilização do advérbio de negação "não" ou da conjunção também com significado negativo "nem". Estes sublinham o que o sujeito poético diz que o destinatário do seu poema não quer, e assim, o que pretende irrompe com mais força. Os vocábulos "jóias" e "vestido de seda" levam à interpretação de que se trata de uma mulher. A presença do barco americano poderá representar para outras soluções do ponto de vista económico, pois pode significar aquisição de produtos mais baratos, comércio com os tripulantes ou simplesmente uma intensificação da prostituição. Porém, a protagonista tem uma atitude sonhadora perante a presença do barco e o discurso na negativa prova que ela tem outros objectivos para além dos aspectos materiais. O enunciado em tom coloquial dá expressividade ao poema e reflecte a irmandade e a solidariedade entre sujeito da enunciação e destinatário. Aliás, o tom coloquial e dialéctico é um recurso que ocorre em muitos textos dos autores da geração do *Suplemento Cultural*. Assim, e desde já, podemos falar de dois aspectos estilísticos na génese da produção literária deste grupo: o constante uso da anáfora e o discurso em tom coloquial.

## **2. O papel da criança**

Na poética do *Suplemento Cultural*, a criança tem um estatuto diversificado. Representa a capacidade imagística em bruto e sem mácula: "O que diria o meu eu-

adulto / ao meu eu - criança / - o único afinal - que sabe viver em sonho e poesia?"<sup>213</sup>. Ela é a vítima inocente dos desmandos do homem, sendo o seu sofrimento inconcebível e, assim, o poeta afirma que é uma situação "para além do desespero". Caracterizada pela sua pureza, aparece quase divinizada, pois Deus não ficou de braços cruzados perante a observação de um quadro onde se destacava o sofrimento infantil: "Mas quando na noite de fome / a criancinha gemeu / e empalideceu / desesperos sem nome / Deus não quis mais ser Deus / Humildemente / desceu à terra / e pediu perdão / aos homens da Sua criação..."<sup>214</sup>.

Imaginação, pureza, liberdade, liberdade artística em conexão com liberdade infantil, são ideias que estão bem expressas na mensagem poética avançada no texto "não me aprisionem os gestos"<sup>215</sup>, de O.M.. Também é exposta como exemplo da unidade entre os homens e aposta num futuro mais propício. É um passo da poética de O.S. é bem elucidativo do que estamos a afirmar: "As crianças nascerão sem metas nos olhos / E as suas mãos sujar-se-ão / Do mel do nosso olhar... / As crianças serão as crianças! / Negras e loiras e brancas / Serão pétalas da mesma flor..."<sup>216</sup>. Observada como fonte de inspiração poética.<sup>217</sup>, revela-se como um elemento com função catártica, mas é também a entidade que possui a imaginação. Esta qualidade só existe na criança e no poeta. São, por isso, personalidades privilegiadas. A sua felicidade é a certeza de que a injustiça findou ("As crianças nascerão sem metas nos olhos / ... / As crianças serão as crianças! / Negras e loiras e brancas / Serão pétalas da mesma flor...")<sup>218</sup>.

---

<sup>213</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>214</sup> O.M., "pedido de perdão divino", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 28.

<sup>215</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>216</sup> O. S., "Hora grande - 2", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 43.

<sup>217</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>218</sup> O.M., "Hora grande - 2", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 43.

### 3. Subjectividade, objectividade e *mimesis* na poética "suplementista"

Elementos etnoculturais e sociais do panorama cabo-verdiano servem de referência ao contexto textual na poética do *Suplemento Cultural*. Ao transportá-los, na forma linguística, para o texto poético, o autor cria uma isotopia de espaço crioulo que contribuirá para a elaboração dos alicerces de um contexto ficcional, de um mundo possível contra-factual. Apoiado num sistema linguístico, o texto literário comporta mecanismos sémico-formais e pragmáticos que não existem neste. Assim, a literatura não pode apresentar a realidade, pois o signo linguístico, quando se refere a um objecto pertencente ao mundo objectivo, não passa de um seu sinal convencional<sup>219</sup>. Desta forma, o mundo textual é um mundo único, com as suas próprias regras. O autor, ao criar o sujeito poético, liberta-o num mundo que não é o seu, e não se pode identificar com ele, uma vez que se está a movimentar num espaço desconhecido. Consequentemente, sujeito poético e mundo textual são entidades autónomas de autor e mundo real. Naturalmente que as referências textuais ao mundo exterior ao texto são fundamentais, pois só desta forma o texto se pode tornar inteligível aos olhos do leitor. Com a projecção da ideia do contexto cabo-verdiano no contexto poético "suplementista", os autores deixaram transparecer motivações de ordem regional e emocional. Nesta perspectiva, seguem a ideologia implícita na produção do grupo *Claridade*. No caso cabo-verdiano, pretender criar o contexto do Arquipélago é citar a estiagem, a morna, a mulher mulata, a emigração, o mar, etc. Esses vocábulos

---

<sup>219</sup> O signo linguístico "é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum vínculo natural na realidade". Ferdinand de Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1972, p. 75-77.

representativos da especificidade cabo-verdiana estão presentes na produção poética da geração do *Suplemento Cultural*. O mundo que os poetas procuraram criar é uma imitação do mundo real cabo-verdiano contemporâneo dos poetas. A aproximação ficção/realidade é a mais estreita possível e obedece às regras da modernidade e do realismo em literatura. Ou seja, fala-se de objectos do mundo empírico, estando estes presentes simbolicamente através do signo linguístico, e não na realidade, obedecendo às regras do sistema semiótico literário, criando-se, desta forma, um mundo ficcional assimétrico do mundo real, mas, ao mesmo tempo, semelhante a este. Como é impossível transpor a realidade para a literatura, há a tentativa de registar, através da perspectiva subjectiva do poeta a imagem que tem desse real para um contexto muito peculiar e autónomo, que é a literatura.

Como vimos acima, há referências à Natureza: o mar, a terra, os ventos, as montanhas, as pedras, etc. O estatuto geográfico é também invocado, utilizando-se termos como ilhas ou arquipélago, o nome de lugares, vilas, cidade, topónimos vários. Formas de tratamento também são típicas do Arquipélago: "nhô" ou "nhâ". Certos componentes sociais são aludidos com frequência: o panorama da situação vivencial das populações (a fome, a miséria, as dificuldades, a emigração, a exploração do homem pelo homem), comportamentos sociais (as festas, a religião, o trabalho), elementos etnoculturais (o crioulo, a culinária, a música), indicadores de ordem política, como a exploração humana, referências estatísticas de acção política, o comportamento das forças coloniais, etc., situação económica, a alusão à precariedade dos recursos, a emigração como consequência desta situação, as referências a profissões e ao mundo do trabalho.

Verifiquemos, num quadro sinóptico, alguns vocábulos alusivos ao mundo do trabalho e às profissões no Arquipélago:

<b>Profissões</b>	<b>Alguns poemas onde estão mencionadas</b>
Engajadores	"Única dádiva"
Serviçal	"emigração"
Catraeiro	"reis da baía", "Têêia",
Carregador de cais	"reis da baía"
Comerciantes	"reis da baía"
Funcionários	"reis da baía"
Prostitutas	"reis da baía"
Vendedora de cuscus	"Têêia"
Estivadores	"ontem hoje amanhã"
Mergulhadores	"ontem hoje amanhã"
Remadores	"ontem hoje amanhã"
Capitão de navio	Jul Ântone, ou o naufrágio"
Pescador	"pescador"
Vendedeira	"Chiquinha ponche e canela"
Operários	"ontem hoje amanhã"
Camponeses	"ontem hoje amanhã"
Padre	"ontem hoje amanhã"
Juiz	"A fonte"
Trabalhador contratado	"Ausência"

# **III**

## **Campos de Inovação**

## **1. Linguagem e comunicação**

### **1.1. Léxico: idiolecto apresentado**

Naturalmente que, devido às motivações políticas, regionalistas e sentimentais dos autores, estes terão escolhido vocábulos respeitantes aos campos semânticos da revolta, do combate, da exploração humana e suas consequências, do amor pela mulher, pela família e pela sua terra. Assim, notamos a presença redundante de termos do intertexto lírico-sentimental, do combate, do contexto etnocultural e social, geográfico-climático. De cariz enérgico na sua dupla vertente: rebelde e sensual, a poética da geração do *Suplemento Cultural* revela alterações em relação às gerações literárias anteriores. Terá condicionado a selecção dos vocábulos adequados e mais representativos aos propósitos definidos a intencionalidade dos autores que tinham como objectivos prioritários transmitir uma mensagem em que a rebeldia e a sensualidade ganhavam destaque. Citam-se alguns deles que consideramos mais representativos nas obras dos três autores que decidimos estudar.

Na sua forma substantiva, ou em termos da mesma família, mas com classificação gramatical diferente, ou ainda em expressões, os vocábulos ou sintagmas

mais aludidos são os que passamos a expor: "sangue", "caminho longe", "terra-longe", "emigração", "desespero", "dor", "serviçal", "morte", "fome", "choro", "lágrimas", "noite", "sombras", pertencentes ao campo semântico da opressão, da dor, da emigração e da injustiça social; "estiagem", "seca", "chuva", "águas", "ventos", referentes ao campo semântico dos problemas endémicos de Cabo Verde; "povo", "amigo", "cabo-verdiano", como vocábulos referenciadores do destinatário ou agente da mensagem; o "sonho" e a "esperança", como factores de motivação para a ideia da transformação situacional; a "liberdade", reflectindo o desejo de romper as amarras da opressão; o "mar", as "montanhas", elementos característicos da Natureza cabo-verdiana; o "combate" e a "luta", pertencentes ao campo semântico da rebeldia; no domínio do amor e da sensibilidade: o "amor", o "corpo", e o "beijo".

### **3.1. Simbologia e plurissignificação.**

O neologismo "terra-longe"<sup>220</sup>, formado pelo processo de justaposição, representaria as ilhas de S.Tomé, o local para onde os trabalhadores cabo-verdianos emigravam para trabalhar nas roças com o estatuto de serviçal. Teria, portanto, uma conotação negativa, pois os autores consideravam que as condições de trabalho eram tão deploráveis que se assemelhavam a uma nova escravatura ("ó lenta agonia / Caminho sem dia / caminho sem fé / Roças de s. Tomé")<sup>221</sup>. A escolha do neologismo teria tido razão de ser pelo facto de os cabo-verdianos irem trabalhar para longe da sua terra, e assim estarem distantes do coração e da vista daqueles que os amam. Porém, no poema de G.M.: " Vela do exílio - III", a acepção deste termo relacionar-se-ia com o cabo-

---

<sup>220</sup> O.M., in "alerta", *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 50.

<sup>221</sup> O.M., "caminho longe", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 49 .

verdiano que está exilado, e assim, "terra-longe" ganhava outro sentido, seria a terra cabo-verdiana, a terra amada e saudosa, apartada geograficamente do sujeito poético cabo-verdiano (E possa enxergar de novo / o perfil austero e solene / do teu corpo imperial erguido / em basalto negro, / minha terra-longe.)<sup>222</sup>, no entanto, sempre presente em espírito e coração. Por esta razão, o termo revela ambiguidade de sentido, ou melhor, está-se perante um caso de plurissignificação terminológica. Não se pode fazer uma interpretação dos significados numa perspectiva denotativa, mas relacionando o vocábulo com o módulo textual e aspectos extraliterários. São os dois em conjunto que vão determinar o sentido.

Em alguns poemas, a expressão "ladeira grande" terá significado similar à de "terra-longe", cuja referência estava ligada às ilhas de S. Tomé e Príncipe (Caminho / caminho longe / ladeira de S. Tomé)<sup>223</sup>. A escolha destes vocábulos terá eventualmente sido reificada pelo facto de as ladeiras serem difíceis de subir, e se fossem grandes essa acção seria ainda mais penosa. Assim, o trabalho dos emigrantes cabo-verdianos seria tortuoso e desgastante.

Com o significado de opressão e obscurantismo político e social, surge o vocábulo "noite". A noite provoca nos homens a amargura e impede-o, devido à sua opacidade, de distinguir melhor o que há a observar. À noite são associadas as trevas e as sombras, ou seja, o mal. Opondo-se à noite, surge a "madrugada". Esta põe fim à noite e clareia o dia que se vai levantando e as mentalidades do homem crioulo. Representa o período da satisfação pelo fim do obscurantismo, a esperança que se consolida, os sonhos que se tornam realidade.

---

<sup>222</sup> G.M., "Vela do exílio – III", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 64.

<sup>223</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 73.

A tarefa "esperança" seria nunca deixar de pôr de lado a vontade de mudar, conservando o pensamento positivo na adversidade, motivando para a confiança de que um dia se irá operar a transformação do contexto inditoso que se vive no momento presente. Contudo, a esperança pode ter a ver com duas situações: uma relacionada com a reacção dinâmica, outra com a apatia. No primeiro caso, a "esperança" é um instrumento positivo, pois tem a utilidade de aguardar a mudança de forma ativa, contribuindo, o seu agente, inclusive, para que o objectivo se venha a concretizar. No segundo, o portador da esperança não é agente, aguarda passivamente a mudança originada por outra entidade. Na poética do *Suplemento Cultural* estão presentes estes dois conceitos de esperança, através da inclusão frequente deste termo.

Com a preocupação de representação verbalizada da realidade de Cabo Verde, o discurso mostra-se impregnado de referências a elementos da Natureza: o mar, as montanhas, o vento; o "mar" é dos termos mais redundantes na poética do *Suplemento Cultural* e surge em muitos textos com funções diferentes. Por vezes, é um elemento que circunscreve o ambiente que é relatado, ou seja, tem o papel de cenário. Outras vezes, é a materialização da desgraça do pescador ou do catraeiro, fazendo naufragar os barcos destes. Tanto é perspectivado como caminho para a emigração, com resultados positivos e negativos, como observado de forma positiva como recurso económico, fornecendo o peixe para a alimentação das gentes das Ilhas. A presença constante do vocábulo "mar" espelha o peso que a insularidade tem na literatura cabo-verdiana, representando a vontade de partir, a insularidade, a grandeza nostálgica, o fatalismo, o recurso económico. Os ventos sempre presentes no panorama cabo-verdiano, representam a mudança que se sente no ar ("Um vento forte que vente / Um vento que vente e que a gente / Ouvindo o forte ventar / Com tanta raiva soprando / Com força

tanta correndo / Que a gente ouvindo assim tanto / A gente grite cantando / Capitão Ambrózio chegou!")<sup>224</sup>: por outro lado, são apresentadas as montanhas que se erguem com grande imponência no relevo das Ilhas. A conjugação destes elementos deixam transparecer uma certa harmonia ("as nossas montanhas / estranha e silenciosamente musicais")<sup>225</sup>. A Natureza representa o ambiente físico que baliza a terra amada. Ocorrência frequente na linguagem poética é a "flor", simbolizando a recompensa pela paz alcançada. Porém, para que ela emerja no contexto textual, é necessário que se realize a tempestuosa e necessária guerra e que se jorre o "sangue", consequência do sofrimento do povo, mas também simbolizando o sacrifício que é preciso fazer para se atingir a felicidade. Só a partir desse momento é que ela é justificável à luz da poética "suplementista". "poesia", "poema", "poeta" são outras palavras que se repetem nos enunciados dos autores rebeldes. Parece-nos que existe uma preocupação grande em definir o papel do poeta na sociedade, ou simplesmente, explicar o que é a poesia. E a função do poeta é agir como a criança, dando largas à imaginação e usufruindo da liberdade que lhe está associada. É um dom quase mágico, pois até Deus<sup>226</sup> e a evidência<sup>227</sup> reconhecem à criança e ao poeta um papel único. Mas ao poeta não se lhe incumbe só a tarefa de sonhar e escrever o que sonha. Sua obrigação é também falar da sua terra e do seu povo, entrar em sintonia com o sentimento colectivo da sua gente, cantar as suas alegrias, mas também as suas dificuldades e tristezas. Perante um panorama negativo, deverá iniciar os primeiros passos da revolta, através de um discurso mais enérgico, mostrar o caminho possível da transformação, solidarizar-se

---

<sup>224</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 51.

<sup>225</sup> O.M., "flagelados do vento-leste", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 13.

<sup>226</sup> O.M., "perdido de perdão divino", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 28.

com o seu povo e transformar o discurso numa arma de arremesso contra a opressão. Representando o obscurantismo, a repressão, o pesadelo, surge o vocábulo "noite", com forte conotação política. Ela é gerada pela falta de vontade política, pela exploração e opressão. ("Quem é que vai sabotar /as luas da noite falsa?")<sup>228</sup>; o brilho de um metal, a esperança de que algo de iminente está para acontecer: "A espada do gladiador / de novo nas mãos cintila"<sup>229</sup>. Associadas estão "fome" e "estiagem". Origens destes males são: a falta de recursos económicos, mas também a exploração indigna. É um problema que aflige grande parte da população e, por isso, este facto é focado com redundância. Caminho para fugir à árdua realidade é o "sonho". Contudo, manifesta-se como a forma de solidificar a esperança de um dia melhor, tornando-se um dos instrumentos de incrementação da imaginação necessária. Diversas representações tem o "amor", ocorrendo como o processo de um relacionamento do sujeito poético com a sua amada, do sujeito poético com o seu povo e a sua terra. No primeiro caso, ele vem associado à sensualidade, à valorização do corpo, à sensibilidade, e, por isso, vem-lhe apenas a expressão e vocábulos: "corpo nu", "os beijos", os "seios", as "carícias", o tratamento amoroso, como o vocábulo "cretcheu", simbolizando o sentimento forte, a sensualidade, o desejo, mas também a sensibilidade. Retratada através de elementos que lhe estão conectados (a "dança", a "morna", o "violino" o "violão") está a música. Grande é a empatia entre o cabo-verdiano e a música, que está sempre presente no dia-a-dia do contexto crioulo. Daí a repetição destes termos ao longo dos textos. Sucedendo-se às "noites", "trevas" e "sombras", aparecem as "madrugadas" e "manhãs". Irrompem do longo obscurantismo e trazem consigo a claridade e limpidez de uma nova vida, cheia

---

<sup>227</sup> O.M., "o único impossível", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 11.

<sup>228</sup> G.M., "Cantiga da minha ilha", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Lisboa, Plátano Editora, p. 221.

<sup>229</sup> G.M., "Filho de Spartacus", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 50.

de "esperança" e "certezas", de felicidade. Uma "vida" onde as "flores" e a "liberdade" serão uma realidade. A "morte" é um dos termos mais correntes. No contexto textual, mas também no contexto referencial, a "fome", a "estiagem", a exploração são factores que conduzem à morte. A "estiagem" é um problema que está embrenhado no contexto cabo-verdiano de tal forma que é pressentida na idiossincrasia dos habitantes das Ilhas. A necessidade de "água" e "chuva" é tão grande que se compreende que estes vocábulos ocorram com frequência, reflectindo a preocupação dos seus autores. Com a redundância do vocábulo "olhos", os autores reiteram a importância do mundo objectivo, do mundo circundante, parte irreduzível do contexto apresentado. Todavia, eles também são o veículo para se ver mais claro, ou seja, metaforicamente representam a consciência<sup>230</sup>. Porém, é também a voz colectiva, a voz que grita a sua revolta. Daí os autores mencionarem a "boca", que é o órgão principal do aparelho fonador, aquele que produz a voz ("Capitão / é a voz / esta voz somos nós")<sup>231</sup>. Também desponta individualizada ("Uma voz rouca e chorosa / Espanta o sono das almas abandonadas...")<sup>232</sup>. Essa individualização conduz à ideia de grupo, a "voz" de um pode representar a "voz" de muitos. Símbolo da sensibilidade e da emotividade, desde há muito, o "coração" tem igualmente representação nesta poética. Como interioridade mais profunda e genuína do ser humano, a "alma" reflecte a dor colectiva de um povo em condições de vida dramáticas. Reivindicando o direito à existência, o "homem" surge com frequência, reflectindo a necessidade de afirmação, num discurso onde as preocupações sociais são evidentes. O "homem" é um elemento metonímico, porque faz parte de um colectivo, que se pretende reiterar, por isso, é também natural que nos

---

<sup>230</sup> Teixeira de Sousa dizia que "Cultura, longe de ser ornamento, é, antes de mais, consciência", "Homens de Hoje", in *Certeza*, nº3, Janeiro de 1945, p.3 (número retido na tipografia pela censura).

<sup>231</sup> G.M., "Capitão Ambrósio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 51.

<sup>232</sup> O.S., "Lombo", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano Editora, Lisboa, s.d., p. 254.

enunciados ocorram vocábulos ou expressões de cariz etnocultural ou afectivo como "caboverdiano", "minha gente", "povo", "amigo". Relativamente a este último, note-se que não só é um tratamento para as pessoas do povo em quem o autor se revê, através de uma atitude de solidariedade, como também é utilizado para o explorador. Esta atitude discursiva pode ser explicável através da ironia, ou da necessidade de observar as falhas do comportamento humano como um aspecto a corrigir, uma vez que a origem de todos é a mesma. As "flores" e as "estrelas" são a recompensa por um mundo melhor. Parte fundamental do panorama crioulo é a "mulher". Ela também sofre, pois é vítima dos problemas sociais e da exploração. O termo "mulata" aparece-lhe associado. "braços", "pés", "mãos" são vocábulos redundantes, simbolizando a necessidade de agir para modificar o contexto. Uma das ideias força dos textos dos "poetas insubmissos" é que só através da acção se pode transformar o drama social nas Ilhas; e agir significa combater. Com esse fim, o povo mune-se de armas justificando um "acto de violência"<sup>233</sup>: a "espada", a "metralhadora", a "bala" e hiperbolicamente uma "bomba atómica de raiva". "S. Tomé" é o destino amargo dos cabo-verdianos emigrados, o local onde o "serviçal" trabalha, onde a saudade de "Cabo Verde" é tanta e o "regresso" muitas vezes impossível. "Cabo Verde" é a terra amada, por isso, é tantas vezes citada, algumas vezes através do neologismo "mamãe-terra".

## **2. Marcas do processo de enunciação e tom dialéctico e coloquial.**

Reivindicando a dignidade do homem cabo-verdiano, os autores "suplementistas" criaram no contexto poético a figura do sujeito enunciador que penetra

---

<sup>233</sup> O.M., "um acto de violência", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p.120.

no mundo verosímil do texto, dialogando com um "tu", destinatário da mensagem verbal, referência do serviçal cabo-verdiano. Dialectiza-se o tom do discurso, quebrando as barreiras da formalidade e, conseqüentemente, proporcionando a aproximação afectiva entre os interlocutores. E esta aproximação concede ao "eu" enunciador o privilégio de aconselhar o seu interlocutor, mas também de mostrar a sua efectiva solidariedade. Desta forma, a intencionalidade torna-se patente, não obstante, não reduz o discurso a mero ideário do seu autor, o que diminuiria grandemente a sua literariedade, nem o sujeito poético representa aquele que lhe deu vida, o autor textual, porque, apesar de ser sua criação, separa-se dele quando se movimenta no mundo textual, consubstanciando a sua própria identidade.

O processo da situação enunciativa ocorre, principalmente, na primeira e segunda pessoas gramaticais. No entanto, na produção de O.S. o discurso em terceira pessoa é um facto facilmente verificável. Pode inferir-se que esta situação atribuiu à poética do *Suplemento Cultural* um tom coloquial e dialéctico. Nos três autores, está presente essa coloquialidade, se bem que em O.M. ela ganhe maior expressividade. Mas não é só o facto de os autores recorrerem à primeira e segunda pessoas gramaticais que faz com que o tom coloquial e dialéctico impere. Juntem-se as frases interrogativas e imperativas, em que as primeiras encerram uma pergunta, e uma questão formulada aguarda sempre uma resposta. Nas frases imperativas, há uma interpelação directa e enérgica de um emissor em relação a um receptor. As produções poéticas onde estejam implícitos estes tipos de elementos, quando a sua construção é harmoniosa e equilibrada, gera uma aproximação entre autor, enquanto emissor da mensagem, e leitor, enquanto receptor da mesma. Da mesma forma, emissor e receptor textuais aproximam-se (quando o receptor textual existe). O tom ganha mais informalidade e a

---

mensagem mais clareza. Imprimindo-se ao texto ético, o texto concreto e empiricamente existente, um tom dialéctico, o autor promove a alternância das funções de linguagem inerentes aos discursos centrados, respectivamente, em primeira e segunda pessoas. Ou seja, nos textos centrados na primeira pessoa, a linguagem tem uma função expressiva ou emotiva, enunciando sentimentos, opiniões, ideias. Os que se apresentam em segunda pessoa e que estão centrados no receptor, anunciam a função apelativa e têm como objectivo aconselhar ou apelar. Num discurso dialéctico, estas características são conjugadas e interagem<sup>234</sup>. O "discurso é um processo"<sup>235</sup>, como referia Benveniste, a que está indissociavelmente ligada a enunciação e que só é possível dentro de uma concreta situação comunicativa. Na poética do *Suplemento Cultural*, a construção textual foi condicionada pela consciência das virtualidades de um discurso argumentativo de cariz dialéctico, e do poder da figura retórica como forma de persuasão ideológico-literária. Os objectivos de denúncia e de consciencialização ficaram robustecidos, através da apresentação de um discurso que respeita as regras da persuasão, pelas características do acto enunciativo.

Tenhamos em análise o poema "o único impossível"<sup>236</sup> de O.M., pois é um exemplo de um enunciado com um forte tom dialéctico. Este começa com uma frase interrogativa, a que se segue uma resposta emotiva. Sucedem-se frases interrogativas que pretendem demonstrar a aberração da pergunta que se formulou e frases declarativas, também com essa função. No desenvolvimento do poema, o esquema é o mesmo. Frases interrogativas e respostas exclamativas são impessoais, uma vez que as questões que são levantadas dizem respeito a todos que as queiram pôr. Assim, a

---

<sup>234</sup> Ideias implícitas da teoria de Benveniste, presentes em Amélia Pais, *Ler por gosto*, 11 programa B, Porto, Areal Editores, Maio de 1994, p. 28.

<sup>235</sup> Émile Benveniste, *Problème de Linguistique Générale*, Gallimard, ?

<sup>236</sup> O.M., "o único impossível", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 11.

presença de pronomes pessoais, identificadores dos interlocutores, só se faz sentir no final do poema com a expressão: "Não me façam rir ...". Considera-se que o tom deste poema é dialéctico porque segue um esquema de pergunta/resposta, próprio de um diálogo. Seguindo a mesma linha de processo, apresentam-se os seguintes enunciados poéticos: "Relógio de sol"<sup>237</sup>, "Vela do Exílio - IV"<sup>238</sup>, "Sabará Passará"<sup>239</sup>, "Prefácio"<sup>240</sup>, "Elegia em sol maior"<sup>241</sup>, "Limpeza psíquica"<sup>242</sup>, "Louvação da Claridade"<sup>243</sup>, "Subitamente a saudade"<sup>244</sup>, de G.M., "flagelados do vento-leste"<sup>245</sup>, "nôs morte"<sup>246</sup>, "lembrança de augusta"<sup>247</sup>, "ontem hoje amanhã"<sup>248</sup>, "processo"<sup>249</sup>, "sonhe"<sup>250</sup>, de O.M.. Faz-se a distinção entre tom dialéctico e tom coloquial, estando no primeiro presente o discurso de dois interlocutores em que um responde a outro em jeito de diálogo. O tom coloquial apresenta o discurso de um emissor que se dirige directamente a um receptor. Por vezes, pressente-se este como estando muito perto. Contudo, não existe manifestação verbal por parte do receptor que prove a sua presença *in loco*. Esta é sugerida, mas não é demonstrada. A maioria dos enunciados da poética do *Suplemento Cultural* apresenta características de coloquialidade, principalmente nos poetas G.M. e O.M.. O.S. preferiu produzir textos onde predomina a terceira pessoa gramatical. Apesar disso, o tom coloquial também está presente. Eis alguns poemas

---

<sup>237</sup> G.M., "Relógio de sol", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 42.

<sup>238</sup> G.M., "Vela do exílio - IV", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p.65 .

<sup>239</sup> G.M., "Sabará Passará", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 74.

<sup>240</sup> G.M., "Prefácio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 83 .

<sup>241</sup> G.M., "Elegia em sol maior", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 94.

<sup>242</sup> G.M., "Limpeza psíquica", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 96.

<sup>243</sup> G.M., "Louvação da Claridade", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 105.

<sup>244</sup> G.M., "Subitamente a saudade", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 110.

<sup>245</sup> O.M., "flagelados do vento-leste", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 13.

<sup>246</sup> O.M., "nôs morte", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 62.

<sup>247</sup> O.M., "lembrança de augusta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 91.

<sup>248</sup> O.M., "ontem hoje amanhã", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 111.

<sup>249</sup> O.M., "processo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 113.

<sup>250</sup> O.M., "sonhe", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p.115.

caracterizados pela sua coloquialidade: "Tê-têia"<sup>251</sup>, "A jornada"<sup>252</sup>, "Um só poema nos seus olhos"<sup>253</sup>, de O.S., "Capitão Ambrózio"<sup>254</sup>, "Logo virão os ventos"<sup>255</sup>, "Fotografia"<sup>256</sup>, "A pedra"<sup>257</sup>, de G.M., "caminha saudade"<sup>258</sup>, "hora"<sup>259</sup>, "queixume"<sup>260</sup>, "nostalgia"<sup>261</sup>, de O.M..

## 2.1. Tempo da enunciação

O tempo da enunciação é o tempo passado que explica os alicerces do passado ("Nasci numa rua sub-alimentada")<sup>262</sup>, presente ("Hora tita tchgå / nhas gente")<sup>263</sup> e futuro ("E das colónias penais / Sorriremos alfim para o brilho das estrelas")<sup>264</sup>. O tempo passado está conotado com o estado dramático do contexto em que vive a população cabo-verdiana. Desenvolvimento lógico de situações passadas é o tempo presente que confirma as ideias colhidas num passado adverso. No entanto, o presente já levanta um pouco o véu no sentido da esperança e da mudança. Por fim, o tempo futuro é o tempo que se subdivide em duas alíneas: a primeira tem a ver com as mudanças que se estão a operar, mudanças necessariamente violentas para que possam atingir o seu fim: o da libertação e felicidade colectiva; a segunda refere-se ao tempo em que as mudanças já foram consumadas, à mais alta realização das aspirações do povo. Então, o quadro que nos é apresentado é de suma felicidade, de solidariedade entre os homens,

---

<sup>251</sup> O. S., "Tê-têia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>252</sup> O. S., "A jornada", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 33.

<sup>253</sup> O. S., "Um só poema nos seus olhos", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 38.

<sup>254</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 51.

<sup>255</sup> G.M., "Logo virão os ventos", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 28.

<sup>256</sup> G.M., "Fotografia", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 86.

<sup>257</sup> G.M., "A pedra", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1993, p. 45.

<sup>258</sup> O.M., "caminha saudade", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 81.

<sup>259</sup> O.M., "hora", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 63.

<sup>260</sup> O.M., "queixume", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 58.

<sup>261</sup> O.M., "nostalgia", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 30.

<sup>262</sup> O.M., "ontem hoje amanhã", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 111.

<sup>263</sup> O.M., "hora", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 63.

de harmonia com a terra. O futuro aparece por estas razões na poética do *Suplemento Cultural* como redentor.

## 2.2. Marcas do discurso e identificação dos interlocutores

Reflectindo o comprometimento do sujeito poético com a luta do povo, surgem os pronomes pessoais sujeito "eu" e "nós". Por vezes, ao mesmo tempo que o enunciador fala pela voz de um "eu", expressa-se também na forma colectiva: "e já ninguém devolve / o que nos foi roubado"<sup>265</sup>. O fruto do roubo atingiu um colectivo e não um "eu" individual. Aliás, o "eu" singular vive em função de um "nós" colectivo. É que, para o sujeito poético, as questões que se levantam têm a ver com os problemas da sociedade "e eu vivo da fome / interrogativamente"<sup>266</sup>. Ora a fome é sentida por quase todo um povo e, por isso, existe a transferência de uma situação geral para o particular. Mais uma vez, quando se manifesta a subjectividade do sujeito da enunciação, esta tem por detrás um drama colectivo, como, por exemplo, no seguinte passo: "'Não insistam mais! / Que me importa o doce / que só a mim me dais? / Nada me separa dos meus companheiros!..."<sup>267</sup>. Apesar de o "eu" poético aparecer singularizado, as características da sua personalidade, a recusa particular em aceitar o doce (visto metaforicamente como a recompensa pela traição), têm objectivos de solidariedade colectiva ("Nada me separa dos meus companheiros!..."). Em "Cantiga da minha ilha"<sup>268</sup>, o sujeito poético enuncia-se como aquele que vai mudar a situação das coisas. O processo da identificação do

---

<sup>264</sup> O. S., "A jornada", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 33.

<sup>265</sup> G.M., "Única dádiva", in Manuel Ferreira, Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano editora, 1ª edição, s.d., p. 218.

<sup>266</sup> *Idem.*

<sup>267</sup> G.M., "Nada nos separa", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano Editora, 1ª edição, s.d., p. 220.

<sup>268</sup> G.M., "Cantiga da minha ilha", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos.*, Plátano editora, 1ª edição, s.d., p. 221.

destinatário da mensagem faz-se através de um discurso dialéctico que encerra frases interrogativas e uma conseqüente resposta. Quando o sujeito poético inicia a pergunta, utiliza o pronome interrogativo "Quem". A resposta dá-se possibilitando a identificação do receptor, através do pronome pessoal: "eu". Realiza-se, então, o reconhecimento espacial: "na ourela fina do mar", ou "numa estrumeira de porcos". Referências temporais fazem-se com complementos circunstanciais de tempo: "'na manhã clara", "em horas certas", ou em expressões sindéticas: "e as noites enrodilhadas".

### **2.3. Estilos enunciativos**

A identificação dos estilos presentes nos planos enunciativos é uma forma de se melhor compreender a génese do discurso dos "suplementistas". Valorizando o estilo avaliativo, os autores, na relação entre o enunciador e a sua referência, acentuavam a segunda ("... João Cabafume / Troço de bananeira nova / tacho ardente de mel")<sup>269</sup>. E a referência era o homem modelar, a mulata bonita, o povo, a Natureza ou elementos etnoculturais cabo-verdianos. Deste modo, o estilo avaliativo contribui para o esclarecimento quanto aos objectivos e a intencionalidade discursiva, objectivos esses, indicadores de uma poética que transcende os interesses particulares e íntimos de um "eu" em direcção a preocupações solidárias de ordem social. Utilizando o estilo emotivo, o autor prova o quanto as questões implícitas nos conteúdos poéticos o tocam, manifestando-se através, por exemplo, de interjeições ("Ah, carnaval assim também nunca tinha havido!")<sup>270</sup>. As marcas demonstrativas da apreciação do enunciador

---

<sup>269</sup> G.M., "João Cabafume", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 91.

<sup>270</sup> O.S., "Rainha", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 24.

relativamente à verdade do discurso, assinala a presença do estilo modelizante ("Devia ser de regresso / devia ser e não é"<sup>271</sup>).

Numa linguagem sóbria e clara, com uma energia inesperada, a irmanação do sujeito poético com as populações cabo-verdianas faz-se sentir através da dicotomia do "eu" com o "nós". Existe, muitas vezes, uma identificação do sujeito poético com o colectivo do povo e, assim, é frequente que se transite de um "eu" inicial para um "nós" e depois se retorne ao "eu". Há, portanto, uma relação profunda entre o poeta e o seu povo. Essa irmanação é conseguida através de processos como a apóstrofe ou frases exclamativas que deixam transparecer toda a emotividade do "eu" poético. Em "solilóquio"<sup>272</sup> o sujeito enunciadador expressa-se deste modo significativo: "ó mar de Cabo Verde!". Neste caso, os dois recursos supracitados estão unidos e produzem uma grande força perlocutória, pois a emotividade que daí advém é enorme. Em "sonho-certeza" há uma conexão entre a apóstrofe e o neologismo expressivo, "sonho-certeza", que origina uma imagem significativa da ideia que se quer transmitir. O verso em causa é: "ó umbrais do sonho-certeza". Aqui o sonho tem uma conotação positiva, uma vez que representa algo de bom que irá acontecer no futuro e, por isso, vai transformar-se numa certeza. Os "umbras" são as portas que vão iniciar todo um processo de que irá resultar a felicidade dos cabo-verdianos. É que para o poeta é possível conquistá-la, pois esta está dependente da vontade de um povo. Mesmo que existam adversidades do ponto de vista climático, geográfico, infertilidade dos solos, estiagem, etc... O povo a colaborar e a interagir poderá superar as dificuldades que o destino criou. Em

---

<sup>271</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 73.

<sup>272</sup> O.M., "solilóquio", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 76.

"pescador"<sup>273</sup>, o poeta utiliza a seguinte apóstrofe: "Ó mar de canal / ca bô vrá bote de pescador". Este recurso deixa implícita a ideia da tragédia experimentada pelos pescadores pobres das ilhas, cujo trabalho é de risco, mas que eles precisam de efectuar para que possam sobreviver. Assim, apela a um elemento natural, o mar, intitulado de canal, pois é a divisória entre as ilhas de São Vicente e de Santo Antão, para que não prejudique a vida humana numa região já tão avassaladoramente lesada por inúmeros factores de vária ordem. E é interessante verificar o apelo do sujeito poético a um elemento da Natureza, dando-lhe um estatuto de interlocutor privilegiado, personificando-o. O processo enunciativo da segunda estrofe faz lembrar o das cantigas de amigo galaico-portuguesas, as marinhas, em que as raparigas se dirigiam ao mar e tornavam-no confidente do seu sofrimento. O destinatário é o mesmo. Ganha força elocutória o discurso, com a apresentação do sujeito poético a dialogar com a Natureza, pois dá mais energia ao processo comunicativo, conseguindo que este ultrapasse os limites da possibilidade lógica, no que diz respeito à verdade, estando, contudo, dentro da baliza do verosímil.

### **3. O espaço na poética do *Suplemento Cultural*.**

O local de que o processo enunciativo fala diz respeito, sobretudo, às ilhas de Cabo Verde, mas também aos destinos de emigração e de exílio. E o contexto cabo-verdiano é referido metonimicamente: "ribeiras por encher"<sup>274</sup>, a "Terra seca"<sup>275</sup>,

---

<sup>273</sup> O.M., "caminho longe", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 80.

<sup>274</sup> G.M., "Pluviómetro", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 11.

<sup>275</sup> G.M., "Brandamente", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 25.

"taberna ao fundo da rua"<sup>276</sup>, "a noite cálida e escura"<sup>277</sup>, a "Estrela da Marinha"<sup>278</sup>, "Nas ruas nos terreiros / por toda a banda"<sup>279</sup>. Mas também através de topónimos: "Ribeira Brava"<sup>280</sup>, "Água do Canal"<sup>281</sup>, "Ponta de Belém"<sup>282</sup>, etc. A localização espacial não se faz somente com características da terra ou com topónimos, ela realiza-se, igualmente, com referências etnoculturais como certas designações de tratamento, "nhô Zé de Canda", "nhô Jom Tolentino"<sup>283</sup>, referências musicais, "música de Morgadim / E marcha de B. Léza"<sup>284</sup>, referências a festividades, carnaval<sup>285</sup>, S. Silvestre (por sinal, resultado do processo aculturativo e com origem em Portugal), ou as festas espontâneas quando da chegada das chuvas ("Choveu / Festa na terra / Festa nas ilhas")<sup>286</sup>, referências culinárias ("Já tem milho pa cachupa / Já tem milho pa cuscus / ... / ... bailes nacionais / Mornas e sambas / mornas e marchas / mornas mornadas")<sup>287</sup>. As profissões das personagens, muitas vezes, também são referências etnográficas quando perspectivadas no seu todo: os catraeiros, os estivadores, os mergulhadores, as prostitutas, os frades sobre-alimentados, o povo sub-alimentado, os comerciantes, os funcionários, etc.

Pistas sobre quem é o locutor e a que espaço é que pertence revelam-se através do bilinguismo. Marcando presença em textos poéticos, o crioulo cabo-verdiano contribui para a localização do espaço referido por eles, por vezes de forma sub-reptícia.

<sup>276</sup> O.S., "Lombo", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 21.

<sup>277</sup> O.S., "Lombo", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 21.

<sup>278</sup> O.S., "Têtiã", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>279</sup> O.M., "chuva em cabo verde", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 44.

<sup>280</sup> G.M., "Casa", in *L.G.*, *Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1993, p. 84.

<sup>281</sup> G.M., "Água de Canal", in *L.G.*, *Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 85.

<sup>282</sup> G.M., "Vela do exílio - IV", in *L.G.*, *Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 65.

<sup>283</sup> O.S., "Rainha", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 24

<sup>284</sup> O.S., "Rainha", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 24

<sup>285</sup> O.S., "Rainha", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 24.

<sup>286</sup> O.M., "chuva em cabo verde", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 44.

<sup>287</sup> O.M., "chuva em cabo verde", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 44.

"Nha Terra"<sup>288</sup> é um registo elucidativo da atribuição ao crioulo de estatuto de língua literária. O sujeito da enunciação surge na primeira pessoa e o discurso poético apresenta-se anaforizado e reiterativo. Considerando que "as línguas são depositárias de pensamentos"<sup>289</sup>, o crioulo presente nos textos literários é uma forma de o autor indicar os elementos que sobressaem na cultura crioula, ou simplesmente o estatuto que ele tem na sociedade cabo-verdiana. A língua de uma região é a manifestação cultural de um povo, possuindo intrinsecamente elementos indiciadores de cultura e pensamento. Com a actualização de uma língua, observa-se a conexão a um ideal ou ponto de vista. Ora, cada ideia depende de um contexto vivencial e ambiental e as línguas, veiculativas de ideias estão balizadas por juízos de valor implementados por situações de experiência de vida.

Apresentam-se dois quadros sinópticos para uma melhor compreensão do papel que desempenha o espaço na poética do *Suplemento Cultural*.

### 3.1. Espaço geográfico no *Suplemento Cultural*.

Espaço Geográfico	Poemas que os indicam
Mindelo (São Vicente)	"mindelo"
Cabo Verde	"chuva em cabo verde", "voltarás serviçal", "liberdade", "liberdade dez", "sonhe", "fome na cabverde", "tempo caboverdiano", "Brandamente", "Vela do Exílio - I", "De noite alguém chora", "Carta de longe", "Casa", "Lembrança do Ambrózio", "Louvação da Claridade"
Cruz de Jom d'ebra (São Vicente)	"Um só poema nos seus olhos"
Ponta-de-Praia (São Vicente)	"ontem hoje amanhã"
Santo Antão (Santo Antão)	"fome na cabverde"

<sup>288</sup> O.S., "Nha terra", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 9.

<sup>289</sup> Cf. O.S., *Consciencialização na literatura caboverdiana*, Casa dos Estudantes do Império, 1963.

Brava (Brava)	"fome na cabverde"
Porto Velho	"Vela do Exílio – II, o banco de ourim", "Vela de Exílio - IV",
Boca da Pistola	"Vela de Exílio - IV"
Pedra de Lume (Sal)	"Vela de Exílio - IV"
Ribeira Brava (São Nicolau)	"Casa", "Vela de Exílio - IV"
Água do Canal (São Nicolau)	"Vela de Exílio - IV", "Mãe"
Ponta de Belém (S. Tiago)	"Vela de Exílio - IV"
Prai Negra (S. Tiago)	"Vela de Exílio - IV"
Fanjã d'Água (Brava)	"Vela de Exílio - IV"
Fanjanzinha (S. Nicolau)	"Vela de Exílio - IV"
Ribeira Bote (São Vicente)	"Vela de Exílio - IV"
Caleijão (S. Nicolau)	"Lembrança do Ambrózio"
Sóncente (São Vicente)	"Um só poema nos seus olhos"
Madêral (São Vicente)	"Têêia"

### 3.2. O espaço da emigração e do exílio

Espaço Geográfico	Alguns poemas que o indicam
S.Tomé	"caminho longe", "a noite de s. tomé", "emigração", "nôs morte", "mindelo", "solilóquio", "mar de canal", "madrugada crioula", "adiado o tempo para amar", "fome na cabverde", "Brandamente", "Caminho longe",
América-Boston	"Carta de longe", "Quadro"
Argentina	"Carta de longe"
Dacar-Senegal	"Carta de longe"
Lisboa	"Em Lisboa com Manecas Duarte, doente"
Sintra	"Em Lisboa com Manecas Duarte, doente"
Moçambique	"Vela do Exílio - I"

Macau	"Carta de longe"
Timor	"Carta de longe"
Venezuela	"Carta de longe", "Têêia"
Goa	"Carta de longe"

#### 4. Personagens

Personagens singulares ou colectivas são referência nos enunciados "suplementistas". Munidos das mesmas características do povo, certas personagens têm, por esse motivo, as funções de personagens tipo, são representativas de grupos sociais. Por exemplo, Tieg<sup>290</sup> simboliza o trabalhador cabo-verdiano irreverente para com a arrogância dos colonizadores na figura dos "marinheiros mondrongos; "Augusta"<sup>291</sup>, as jovens que se tinham de prostituir, devido às dificuldades da vida.; "Têêia"<sup>292</sup>, a bela mulata que era obrigada a partir para as roças para poder sobreviver. Há referência a pessoas do povo, pertencentes ao contexto cabo-verdiano, que foram importantes no relacionamento que tiveram com o sujeito poético, ou que granjearam da sua admiração. Também existem exemplos de uma poesia de foro íntimo na produção poética desta geração. Assim, o sujeito poético expressa o que lhe vai na alma, e geralmente trabalha questões que se relacionam com injustiça social, com o amor que sente por outrem, ou com estados depressivos que se relacionam directamente com o contexto de miséria na sua terra, ou até com situações de amor. Porém, esta ocorrência acontece em menor grau.

As personagens colectivas são apresentadas como vítimas de procedimentos políticos ou adversidades geográficas e climáticas.

<sup>290</sup> O.M., "reis da baía", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 87.

<sup>291</sup> O.M., "lembrança de augusta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 91.

<sup>292</sup> O.S., "Têêia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 35.

As personagens femininas, muitas vezes, surgem individualmente. No entanto, o objectivo é fazer com que o leitor se aperceba que estes casos não são únicos (A maior parte das vezes, não há a individualização de problemas) e que podem ser observados numa perspectiva mais ampla e, portanto, colectiva, e daí o comprometimento do sujeito poético com o seu povo e a sua terra. Por vezes, acontece que os elementos da Natureza ganham o estatuto de personagem, existindo ambivalência a este nível. Podem ter uma perspectiva positiva ou negativa. Lembramo-nos, por exemplo, do *mar de canal*<sup>293</sup> da poética de O.M.. Os elementos da Natureza têm um papel importante nesta poética, pois estão animados e têm uma grande energia endógena que interfere na vida humana.

Eis um quadro sinóptico sobre as personagens e suas características:

<b>Personagens</b>	<b>Características</b>
Augusta	Prostituta jovem. Desconhece-se se terá existido na vida real. A sua situação é representativa de um conjunto de pessoas com a mesma situação social no contexto cabo-verdiano.
Candinha	Personagem vítima da emigração para as roças de S. Tomé.
Lulucha	Rainha do Carnaval. Tem um destino desfavorável não mencionado.
Têtia	Mulher, ausente nas roças de S. Tomé.
Nhô Cacai	Velho cabo-verdiano, desiludido com a realidade da vida e com as possibilidades de mudança que pode trazer a emigração. Conta histórias de temática de emigração de sucesso para enganar a fome dos filhos. Neste aspecto insere-se no grupo social cabo-verdiano tão característico que é o de contador de histórias (lembremo-nos, por exemplo, de nha Rosa Calita, personagem de <i>Chiquinho</i> ).
Belarmino	Emigrante, possuidor de características positivas, morto devido a naufrágio nos mares da Argentina.
Manuel	Personagem possuidora de características positivas, que morreu vítima da fome.
Jul Antône	Marinheiro ou catraeiro. Vítima de naufrágio. Possuidor de características positivas.
Maria da Luz	Personagem "território privilegiado do amor". Mulher que morre e de quem o sujeito poético sente saudades.
João Cabafume	Indivíduo de grande coragem, rei da baía, "Troço de bananeira

<sup>293</sup> O.M., "mar de canal", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 79.

	nova", morreu doente e de fome, mas indominado.
Tiegs	"catraeiro valente", indivíduo especial, que brigava com marinheiros mondrongos.
Dáss	"carregador de cais", indivíduo especial, cujos olhos tinham um brilho único.
Samora Machel	Personagem histórica vista como um exemplo de luta da "África porvindoura", cujas características se caldeiam com a Natureza .
Che	Símbolo de rebeldia contra a opressão.
Manuel Duarte	Intelectual admirado por muitos cabo-verdianos e em particular pelo poeta, através do sujeito poético. Este observa-o como uma parte de Cabo Verde e, por isso, quando está junto dele recorda-se do Arquipélago.
Capitão Ambrózio	Figura mítica para os revolucionários cabo-verdianos, uma vez que encabeçou uma revolta popular contra a fome, tendo como consequência o assalto a um armazém de víveres. Há um aproveitamento da acção desta personagem histórica na poética de G.M..
Sabará	Personagem poética representativa da liderança que irá encabeçar a revolta popular.
Spartacus	Personagem histórica que liderou a revolta dos escravos contra o império romano.
César	Júlio César, imperador romano
Baltasar Lopes	Intelectual e autor cabo-verdiano.
João Lopes	Autor cabo-verdiano pertencente ao grupo <i>Claridade</i> .
Jorge Pedro Barbosa	Poeta cabo-verdiano pertencente ao grupo <i>Claridade</i> .

## 5. Elocução

Existem pontos de convergência, do ponto de vista da elocução, nos textos dos poetas "insubmissos". Interrogações e exclamações são um processo contínuo na poética do *Suplemento Cultural*, orientando o raciocínio e a argumentação. Espontaneidade discursiva torna a comunicação mais acessível e menos informal. Para transmitir o sentir do homem crioulo na pessoa do sujeito poético, os autores fazem uso das exclamações, aliadas a interjeições e vocabulário, pertencente ao campo semântico da emotividade. Frases imperativas sublinham a urgência da acção. O acto elocutório, presente na poética do *Suplemento Cultural*, encerra em si uma grande força anímica,

contrastando com poéticas anteriores, porque a situação contextual determina fortemente a sua força elocutória. Exemplifiquemos com o poema "anti-evasão"<sup>294</sup> de O.M.. Observemos, em primeiro lugar, que se trata de um enunciado poético curto, de doze versos apenas, sendo seis deles constituídos somente por uma palavra. Cinco desses vocábulos são compostos por três sílabas métricas, e um por quatro. Os outros versos não ultrapassam as oito sílabas métricas. Três deles são iguais, pois representam o refrão. Excluindo o título, integram o poema trinta e um termos. Destes, quatro são repetidos três vezes, e um duas. Pretende-se com isto concluir que o texto é, de facto, muito pequeno; transmite, porém, uma mensagem enérgica, tendo a força elocutória um papel determinante para que se capte a intensidade e amplitude discursivas. Através de uma análise do poema, verificamos que é iniciado por verbos de rogo no futuro. Assim, existe uma posição por parte do sujeito enunciadador de imploração a outrem, relativamente a determinada questão. Logo de seguida, dá-se a identificação do motivo da solicitação do sujeito poético, através de uma frase do tipo assertivo negativo: "Não vou para Pasárgada". Esta informação encerra um conjunto de ideias que convém explicitar. Em primeiro lugar, reconhece-se imediatamente o significado da mensagem num prisma denotativo: o sujeito enunciadador não quer ir para Pasárgada. A identificação do lugar está indicada: Pasárgada; esta foi a antiga capital da Pérsia. Os literatos da revista *Claridade*, inspirados nas ideias do poeta brasileiro Manuel Bandeira, consideravam-na um local idílico e afirmavam o seu desejo em partir na sua direcção, pois "em Pasárgada eu saberia onde Deus depositou o meu destino"<sup>295</sup>. A recusa do sujeito em ir para Pasárgada pode ser interpretada como uma reacção às ideias

---

<sup>294</sup> O.M., "anti-evasão", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 25.

<sup>295</sup> Baltasar Lopes, "Itinerário de Pasárgada - IV", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Lisboa, Plátano editora, s.d., p.184.

apelidadas de "evasionistas"<sup>296</sup>, presentes na literatura dos "claridosos". A recusa determinada em ser deslocado para um destino para onde não se pretende ir, deve ser inferida dos seguintes versos: "Atirar-me-ei ao chão / e prenderei nas mãos convulsas / ervas e pedras de sangue". O facto de o sujeito poético atirar-se ao chão e segurar-se ao primeiro elemento que encontra, as ervas, são reflexo da sua determinação em permanecer em solo pátrio. As ervas são elementos que irrompem da terra, endógenas ao solo cabo-verdiano. Outros elementos da Natureza são as pedras. Resultado do caldeamento entre o sujeito poético e a sua terra é a expressão: "ervas e pedras de sangue". Aqui, "sangue" tem também o significado de sofrimento que ele está disposto a suportar para permanecer na sua terra. Seguem-se verbos de significação violenta que, de forma gradual ascendente, reforçam essa determinação. Consequentemente, a força elocutória é de firmeza.

São múltiplos os recursos de que os autores "suplementistas" se servem para comunicarem a sua mensagem poética. Uma ideia perpassa relativa à sua elocução: imprime ao discurso um carácter de energia e de rebeldia. Se o objectivo da poética do *Suplemento Cultural* era dar à poesia um estatuto de transgressão em relação à opressão, naturalmente que a força elocutória tinha de ser de revolta.

O poema acima estudado é um dos muitos exemplos que podemos reportar na poética "suplementista".

## **6. O estilo.**

O estilo deve ser visto como um desvio e coesão textual. Desvio do modelo de linguagem quotidiana e da produção literária anterior e coesão de um conjunto de

---

<sup>296</sup> O.S., in *Consciencialização na literatura caboverdiana*, Casa dos Estudantes do Império, 1963 .

elementos característicos e alicerçantes de uma dada poética. Existem, contudo, alguns aspectos que se podem generalizar, pois são comuns à produção de todos os autores deste grupo.

Um forte lirismo amoroso, saudosista, de apelo à acção para a revolta, de sensualidade, de sensibilidade para com o sofrimento do povo, de descrição social e de aspectos endémicos do Arquipélago perpassa na poética da geração do *Suplemento Cultural*. Parte da temática, converge nos textos dos poetas insubmissos. O discurso poético é envolto numa linguagem adequada, onde os vocábulos de combate surgem com frequência quando se pretende exaltar os espíritos, fazer a concentração dos elementos revolucionários, prestes a brotarem, para a concretização enérgica de uma obra de cariz colectivo. Mas ao mesmo tempo que o discurso ganha contornos de uma força imperativa, fica imbuído também de uma doce suavidade amorosa quando se refere à mulata, às festas populares, à terra.

No entanto, na poética de G.M., estão presentes um grupo de poemas relacionados com a vida privada do poeta, poemas em que o sujeito poético fala do ambiente familiar e dos seus parentes. E nisto ele é inovador, uma vez que nenhum outro autor "insubmisso" trabalha este tema. Um poema de O.M. é iniciado da seguinte forma: "Eu nasci na ponta-de-praia por isso trago dentro de mim todos os mares do mundo"<sup>297</sup>. Esta afirmação, contudo, tem de ser levada para o contexto ficcional poético, pois não corresponde aos dados biográficos do autor. Podemos, pois, sublinhar a originalidade de Mariano dentro do grupo da geração do *Suplemento Cultural*. A temática trabalhada é harmonizada com um estilo adequado que serve a intencionalidade dos poetas.

---

<sup>297</sup> O.M., "poema salgado", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 21.

Os instrumentos de que os autores se servem para materializar a sua mensagem poética, são diversos. A adjectivação e o complemento determinativo, a imagem e a metáfora, por um lado, pois a importância das analogias e da qualificação dos substantivos permitem aos autores entrarem no mundo abstracto das ideias e do sonho, proporcionando aos seus textos uma grande carga lírica. A redundância para enfatizar ideias, o uso do imperativo para sublinhar a veemência e a urgência, e o animismo para salientar a aproximação entre o Homem cabo-verdiano e as condições naturais que o contextualizam, a interrogação para motivar a argumentação interna e externa, a exclamação como forma de fazer transparecer toda a emotividade perante determinadas situações, as reticências para sublinhar que muito mais havia a dizer, ou que há situações na vida real que é impossível descrever com palavras, o tom dialéctico e coloquial, promovendo a clareza e a aproximação entre emissor da mensagem poética e receptor da mesma, são as características mais representativas da poética em estudo.

O jogo de palavras engenhosamente realizado, em que existe um retomar contínuo de vocábulos já registados, por vezes alterados na sua função morfológica, dão um ritmo melodioso aos seus poemas. O animismo estreita o relacionamento entre o Homem cabo-verdiano, a Natureza e a região circundante. Tudo isto provoca a coesão do grupo em termos temáticos e de estilo. É conveniente, porém, salientar que existem igualmente diferenças.

## **7. Estrutura Formal**

Poemas pouco extensos, versos curtos, tom vibrante e enérgico são algumas características fundamentais da poética em estudo. A mensagem poética surge

condensada, mas clara. Este congestionamento semântico precede um desdobramento que acontece após a leitura, ficando o receptor da mensagem com um leque de informação que se estende e que se perfila limpidamente aos seus olhos.

### 7.1. Paralelismo.

Na antiga poética portuguesa trovadoresca, medieval e pré-renascentista, a denominada poesia tradicional era aquela onde abundavam o paralelismo e o refrão. A poesia popular portuguesa ainda hoje apresenta este processo técnico de elaboração lírica. Rima emparelhada e interpolada em estrofes de quatro versos, ou sejam, quadras, um ritmo melodioso, conseguido com o uso da rima e redundâncias, fazem parte da estrutura típica da poesia tradicional portuguesa. Este tipo de estrutura, o paralelismo, surge também nos enunciados poéticos da geração do *Suplemento Cultural*.

O gosto pelas redundâncias, pelas anáforas e pelo paralelismo contribuem para o enraizamento e memorização de ideias chave e servem os objectivos e a intencionalidade do autor. Eis alguns poemas em que o paralelismo está presente organizados num quadro sinóptico:

<b>Expressões que regem o paralelismo presente em alguns poemas do <i>Suplemento Cultural</i></b>	<b>Alguns enunciados poéticos cuja estrutura formal alberga este processo</b>
“Atrás dos ferros da prisão / É preciso ...”	"Lema"
"Rapazes da «Estrela da Marinha» "Um poema..."	"Tê-têia" "Um poema diferente"
"Ninguém..."	"Ninguém pedia nada"
"Se sabedes..." "Que é já..." "Perguntades"	"Chorar de amigo"
"Por..." "Pelo..." "Pela..."	"Balada da paz perdida"

"não me aprisionem os gestos"	"não me aprisionem os gestos"
"Mordaças a um poeta? "E por que não..."	"um único impossível..."
"Quando..."	"pedido de perdão divino"

## 7.2 – Refrão

Outro processo que ocorre na estrutura formal dos poemas desta geração é o refrão. Este e o paralelismo seriam uma importação literária da Europa, assim como a utilização da língua portuguesa na produção literária cabo-verdiana.

Observe-se o quadro sinóptico:

<b>Refrão</b>	<b>Alguns poemas onde se encontra o refrão</b>
"Mordaças a um poeta?"	"o único impossível"
"Longa é a ladeira"	"Única Dádiva"
"Sou eu"	"Cantiga da minha ilha"
"O povo das ilhas quer um poema diferente para o povo das ilhas"	"Um poema diferente"
"De novo nas mãos cintila / a espada do gladiador"	"Filho de Spartacus"
"Sabará passará"	"Sabará passará"
"Não vou para Pasárgada"	"anti-evasão"
"Somos os flagelados do vento-leste"	"flagelados do vento-leste"
"dão co'as cadeiras / dão co'as cadeiras"	"chuva em cabo verde"

Podemos registar que o refrão sofre pequenas alterações em alguns poemas; por exemplo, em "Única Dádiva"<sup>298</sup> modifica-se o refrão inicial "longa é a ladeira" para "longa é a ladeira que a fome alonga" e mais adiante, "longa é a ladeira que a fome alonga / terralonginamente". Em "Cantiga da minha ilha"<sup>299</sup>, transforma-se o inicial "Sou eu" para "Fui eu" e, mais adiante, "Eu".

## 7.2. Desenvolvimento circular

Chamamos desenvolvimento circular ao processo que consiste em iniciar um texto com uma dada estrofe ou versos e terminá-lo com essa mesma estrofe ou versos. Os "poetas insubmissos" utilizam este processo várias vezes, por exemplo, em: "A flor da outra manhã"<sup>300</sup>, "Filho de Spartacus"<sup>301</sup>, "Era necessário"<sup>302</sup>, "poema salgado"<sup>303</sup>; "caminho longe"<sup>304</sup>; "hora tita tchgå nhas gentes"<sup>305</sup>; "um r'bêra pa mar"<sup>306</sup>;

## 7.3. O enjambement

O enjambement é um "Processo rítmico que consiste numa não coincidência da unidade sintáctica e da unidade do verso, como se a frase ou proposição extravasassem a rima e fossem terminar numa das primeiras sílabas do verso seguinte."<sup>307</sup>

---

<sup>298</sup> G.M., "Única dádiva", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano editora, 1ª edição, s.d., p. 218.

<sup>299</sup> G.M., "Cantiga da minha ilha", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano editora, 1ª edição, s.d., p. 221.

<sup>300</sup> G.M., "A flor da outra manhã", in L.G., *Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 38..

<sup>301</sup> G.M., "Filho de Spartacus", in L.G., *Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 50.

<sup>302</sup> G.M., "Era necessário", in L.G., *Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 46.

<sup>303</sup> O.M., "poema salgado", in G.B.M., São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 21.

<sup>304</sup> O.M., "caminho longe", in G.B.M., São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 49.

<sup>305</sup> O.M., "hora", in G.B.M., São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 63.

<sup>306</sup> O.M., "um r'bêra pa mar", in G.B.M., São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 70.

<sup>307</sup> Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Maria Teresa Belo, *Comentar um texto literário*, Lisboa, Editorial Presença, Janeiro de 1990.

Eis alguns poemas onde está presente este processo:

<b>Enjambement</b>	<b>Alguns poemas onde ocorre este processo</b>
Ninguém / pedia fome / Ninguém / esperava choro"	"Ninguém pedia nada"
"Subitamente / o abalo telúrico", "Na lâmpada / das esperanças comuns / o abalo telúrico	"Abalo telúrico"
"Florindo novos destinos / Certos / Perfeitos / Abertos"	"Capitão Ambrózio"
"Luminosos antepassados do futuro / em metal nobre construindo as chaves/ que, / sendo para abrir, / abriram / as submersas portas, o solidário Amor."	"Louvação da Claridade"
"Caminha / caminha / e esmaga / os vermes da podridão"	"caminha saudade"
"ó espírito / que perdeste / o contacto / com a boa estrada"	"a palavra que eu não disse"
"Mordaças / a um poeta?"	"o único impossível"
"Teu sangue / esqueceu-se de continuar vermelho"	"recuperação"
"Terra / calcinada / até à exaustão / da angústia"	"seca"

Os versos não respeitam o esquema sintáctico: sujeito, predicado e complemento directo no mesmo verso.

**7.5 - Mordobre e dobre** são uma constante nos textos poéticos desta geração: "Assim o juiz decidia / em sua mesa sentado / com sua toga togado"<sup>308</sup>, "Desperta. / Despertador já tocou. / Ouviste o que eu disse? / Despertador já tocou. Desperta. / Por que não despertas, / se o despertador já tocou?"<sup>309</sup>, "um braço que se alevanta / e alevantado comove"<sup>310</sup>; todas estas expressões documentando o mordobre. "Devia ser de luz a porta entreaberta / e de paz devia ser este contrato. / Devia ser inteira esta promessa / e

<sup>308</sup> G.M., "A fonte", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 40.

<sup>309</sup> G.M., "Relógio de sol", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 42.

<sup>310</sup> G.M., "Filho de Spartacus", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 50.

de amor devia ser a assinatura."<sup>311</sup>, "Para quê chorar / Se as suas mãos são limpas / ... / Chorar só porque levam / A esperança amachucada / ... / - Não, não vale a pena chorar!"<sup>312</sup>, "Olhos abertos vigilantes / ... / Olhos abertos possessivos / ... / Olhos abertos / - bem abertos - "<sup>313</sup>.

## 8. Recursos morfo-sintáticos

### 8.1. Advérbios de modo em -mente

Na poética do *Suplemento Cultural.*, um dos recursos morfológicos presentes é o advérbio de modo em -mente. Tal acontece nos poemas: "As-Águas (2)" (O.S., *H.G.*, p. 40): "desapontadamente"; "Única dádiva" (G.M., *50 poetas africanos*, de Manuel Ferreira, p. 218): "interrogativamente", "terralonginquamente"; "flagelados do vento-leste" (O.M., *G.B.M.*, p. 13): "fraternalmente" "Teimosamente" e "silenciosamente"; "Tê-têia" (O.S., *H.G.*, p.35): "inconsoladamente"; "tua ausência" (O.M., *G.B.M.*, p. 15): "vagamente"; "ignoto deo" (O.M., *G.B.M.*, p. 16): "silenciosamente" e "ansiosamente"; "Relógio de sol" (G.M., *L.G.*, p.42): "inevitavelmente"; "recuperação" (O.M., *G.B.M.*, p. 17): "suficientemente"; "seca" (O.M., *G.B.M.*, p.19): "espantosamente"; "pedido de perdão divino" (O.M., *G.B.M.*, p. 28): "Humildemente"; "nostalgia" (O.M., *G.B.M.*, p. 30) : "comovidamente"; "no romper de 1958" (O.M., *G.B.M.*, p. 32): "serenamente"; "poema" (O.M., *G.B.M.*, p. 39) : "mornamente"; "mar de canal" (O.M., *G.B.M.*, p. 79): "principalmente"; "lembrança de augusta" (G.M., *G.B.M.*, p. 91): "perfeitamente"; "caboverdianamente" (O.M., *G.B.M.*, p. 105): "caboverdianamente", "loucamente" e "calmamente"; "unidos venceremos" (O.M., *G.B.M.*,

<sup>311</sup> G.M., "Alguém falhou", in *L.G., Lisboa*, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p.30.

<sup>312</sup> O.S., "poema", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 26.

<sup>313</sup> O.M., "olhos abertos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 97.

p. 107): "desesperadamente" e "caboverdianamente"; "urgente" (O.M., *G.B.M.*, p. 109): "lucidamente"; "Tristéza" (O.S., *H.G.*, p. 27): "precisamente"; e "hora grande 1" (O.S., *H.G.*, p. 42): "finalmente".

## 8.2. As frases imperativas

O discurso imperativo é uma das características maiores da poética do *Suplemento*. Elas são o expediente adequado a um espírito caracterizado por uma energia prestes a explodir. Têm a função de apelo contra a apatia, incitamento à luta. É um recurso muito importante na tecitura da obra poética destes autores; mas as frases imperativas também são utilizadas no discurso mais íntimo de cariz amoroso: "Fecha os olhos moça / e deixa que eu contemple assim / na tua pureza de sal..."<sup>314</sup>, no apelo à solidariedade: "Rapazes da «Estrela da Marinha» / (...) / - Venham comigo! / (...) / Vamos levar todas as nossas lágrimas ao mar / para que as roças nos devolvam Têtêia..."<sup>315</sup>, no conselho em jeito de desafio sobre a atitude a ter: "Zomba da morte / quando dobrares a esquina"<sup>316</sup>, ou em tom de alerta: "Cuidado companheiro cuidado / vira a cabeça para o lado / e deixa perderem-se no mar / os oceanos suspeitos"<sup>317</sup>, aconselhando para o caminho a seguir: "Chora. / Faz a viagem de regresso / ao regaço materno"<sup>318</sup>, no incitamento à revolta, tendo como destinatário o serviçal: "Não deixes que tuas pálpebras / amortecem na dor"<sup>319</sup>, motivando para a esperança: "Respira fundo.

---

<sup>314</sup> O.M., "Comunhão", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 22.

<sup>315</sup> O.S., "Têtêia", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 35.

<sup>316</sup> O.M., "desafio", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 38.

<sup>317</sup> O.M., "alerta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 50.

<sup>318</sup> G.M., "Relógio de sol", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 42.

<sup>319</sup> O.M., "volarás serviçal", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 54.

Tu és."<sup>320</sup> a exigência pelo respeito dos cabo-verdianos que sofrem: "Silêncio Cabo-verdianos! / Choram irmãos nossos / nas roças de S. Tomé"<sup>321</sup>, ou em tom de advertência: "Não nos venham dizer depois / que não vos avisámos!".

Em "não me aprisionem os gestos"<sup>322</sup>, o poeta chega a elaborar estrofes cuja base são as frases imperativas: "Levem-me a Lógica / fiquem com a Política / roubem-me a Metafísica / tirem-me a roupa / e deixem-me morrer de fome". Este discurso imperativo numa trajectória ascendente funciona como se se tratasse de um triângulo cujo cume é o verso: "Porém não me aprisionem os gestos". A intenção do autor é transmitir a ideia de que tudo ele pode admitir, menos tirarem-lhe a liberdade. Privarem-no de liberdade pode ter dois sentidos: não ter o direito de pensar e manifestar-se sobre o que pensa, ou impedirem-no de criar arte.

### 8.3. Neologismos

A presença de neologismos é igualmente uma característica forte nos enunciados. Estes podem ser apresentados em advérbios: "cabo-verdianamente"<sup>323</sup>, ou em palavras compostas por justaposição "filhos-de-parida"<sup>324</sup>, "entre-mar-e-céu"<sup>325</sup>, "sonho-certeza"<sup>326</sup>, "saudade-de-mar"<sup>327</sup>, "Terra-Longe"<sup>328</sup>, "até-que-enfim"<sup>329</sup>, "olhos-

---

<sup>320</sup> G.M., "Logo mais vem a manhana", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 15.

<sup>321</sup> O.M., "emigração", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 56.

<sup>322</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>323</sup> O.M., "cabo-verdianamente", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 105.

<sup>324</sup> O.S., "Mantenha", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 17.

<sup>325</sup> O.S., "A rua do mar", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 18.

<sup>326</sup> O.M., "sonho certeza", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 77.

<sup>327</sup> O.M., "teus olhos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 31.

<sup>328</sup> O.M., "alerta", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 5049.

<sup>329</sup> O.M., "brinquedo de luxo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. .

anseios"<sup>330</sup>, "*olhos-brasas*"<sup>331</sup>, "eu-adulto"<sup>332</sup>, "eu-criança"<sup>333</sup>, "meninas-de-vida"<sup>334</sup>; ou por derivação: "desesperança"<sup>335</sup>; "consolação"<sup>336</sup>, etc.

#### 8.4. Substantivos abstractos

Os substantivos abstractos que se multiplicam nos textos dos autores "insubmissos" pertencem principalmente ao campo semântico do sofrimento: "dor", "tristeza", "sofrimento", "morte", e da felicidade: "alegria", "felicidade", "amor", "vida". Eles apresentam-se ao longo de toda a poética em estudo e são utilizados com frequência por todos os autores. O confronto entre os dois intensificam a ideia da amargura e a necessidade de num futuro o homem cabo-verdiano atingir a sua dignidade e, conseqüentemente, felicidade.

#### 8.5. Adjectivos

Os adjectivos têm grande expressividade e com os complementos determinativos concorrem numa caracterização mais profunda dos substantivos. Eis alguns sintagmas onde estão implícitos adjectivos expressivos: o adjectivo parturiente: "As nuvens não são passíveis de operações cesareâneas"<sup>337</sup>, o que qualifica sentimentos humanos a

---

<sup>330</sup> O.M., "poema", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 49.

<sup>331</sup> O.M., "poema", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 49.

<sup>332</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>333</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>334</sup> O.M., "mindelo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 73.

<sup>335</sup> O.M., "desesperança", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 42.

<sup>336</sup> O.M., "consolação", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p.52.

<sup>337</sup> G.M., "Pluviómetro", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 11.

objectos inanimados: "Limpa-se o fundo inquieto dos pluviómetros"<sup>338</sup>, aquele com estatuto de neologismo: "Eu esperava / uma rosa filorinda"<sup>339</sup>, o adjectivo com função de reprovação social: "Que falta ainda ver ao corpo leiloado?"<sup>340</sup>, aquele que qualifica o acto de morrer como uma necessidade e, por isso, consciencializador: "A morte imperturbável"<sup>341</sup>, "onde os poetas / saudarão a morte lúcida"<sup>342</sup>, a dupla adjectivação: "E agora quem me resvala / da sombra húmida e fria?"<sup>343</sup>, o que alberga a esperança: "Na porvindoura memória",<sup>344</sup> o adjectivo com valor de autoridade repressiva: "Idear-te / é ofertar-me carícias proibidas"<sup>345</sup>, "não dobres os joelhos sem que bata / a hora crioula a assomar"<sup>346</sup>, "Centelhas indiscretas na abóbada da noite / As estrelas são testemunhas vívidas / De soluços oprimidos..."<sup>347</sup>.

## 8.6. Verbos no gerúndio

Para conseguir transmitir uma ideia de constante movimento, os poetas fizeram uso de verbos no gerúndio. A ideia de movimento revela a intensa actividade das forças que pretendem a mudança, a preparação para que esta tenha lugar, ou mesmo a<sup>348</sup> concretização efectiva das transformações necessárias. E, no seguimento desta ideia, o poeta ordena; "Destrava-te garganta / deixa / romper o soluço / rio / raivoso / rebentando / comportas / libertando / o meu espanto"<sup>349</sup>, "Guiando os passos guiando /

<sup>338</sup> G.M., "Pluviómetro", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 11.

<sup>339</sup> G.M., "Eclipse", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 34.

<sup>340</sup> G.M., "Eclipse", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 34.

<sup>341</sup> G.M., "Abalo telúrico", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 36.

<sup>342</sup> O.M., "caminha audade", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 81.

<sup>343</sup> G.M., "Sonhos em sepultura", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 49.

<sup>344</sup> G.M., "Sonhos em sepultura", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 49.

<sup>345</sup> O.M., "minha dor", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 36.

<sup>346</sup> O.M., "desânimo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 83.

<sup>347</sup> O.S., "Lombo", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 21.

<sup>348</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 51.

<sup>349</sup> O.M., "desde quando", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 75.

Nos olhos livres luzindo / Inquieta e livre luzindo / Luzindo a negra bandeira"; mas também exprime uma circunstância verbal de modo. "Os homens são restos flutuando / Na rua suja de derrotas... / Seus braços destroçados / São mastros sem bandeiras/ Bailando na calema das horas" <sup>350</sup>.

## 8.7. Sintaxe

### 8.7.1. Complementos determinativos

Os complementos determinativos são uma realidade na poética do *Suplemento Cultural*. A sua função é a realização de uma descrição mais pormenorizada do "quadro" textual. Juntamente com os adjectivos, participam na pormenorização do contexto envolvente da mensagem poética. Por vezes, entram no campo do imaginário, concorrendo para a metaforização do discurso. Em "Hora grande 1"<sup>351</sup>; o determinativo surge como recurso de um processo metafórico: "Os náufragos / Do lago da nossa quietação"; reitera-se o espaço regional da seguinte forma: "O mar sairá / Das nossas ilhas / Das nossas ruas / Das nossas casas / Das nossas almas.... Em "A flor da outra manhã"<sup>352</sup>, tem função metafórica, de informação e caracterização complementar a expressão: "Eu sou o filho primeiro / da flor da outra manhã.". E em "teus olhos"<sup>353</sup> tem intuito de adjectivo e complemento de sentido no passo: "Para lá do mistério / do seu brilho superficial" e "estrelas / e os horizontes de sargaços". Muitos mais exemplos poderiam ser referidos, pois nos textos dos autores "suplementistas" o complemento determinativo ocorre em abundância..

---

<sup>350</sup> O.S., "A rua do mar", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p.18.

<sup>351</sup> O.S., "Hora grande 1", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 42.

<sup>352</sup> G.M., "A flor da outra manhã", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 38.

<sup>353</sup> O.M., "teus olhos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 31.

### 8.7.2. O papel das partículas adversativas

As frases adversativas, muitas vezes, encerram a ideia de uma mudança em termos comportamentais, de situação, e têm uma forte componente temporal. Em "Manhe"<sup>354</sup> a adversativa sublinha a oposição entre o gesto habitual e a falta de razão lógica para que ele continuasse a ser realizado: "As suas mamas secaram / Mas o menino ficou preso ao gesto / De buscar o pão nas suas entranhas"; em "Tristéza"<sup>355</sup> a adversativa tem função explicativa: "E o Estado lhe paga... / Mas nisso não está a sua tristéza"; "Capitão Ambrózio"<sup>356</sup> é um texto que nos fala da miséria de um povo, mas também da revolta que se deu e da esperança do futuro dar corpo a uma mudança. Em dado passo, o sujeito poético afirma: "Pesada e fria é a noite / Injusta e amarga é a fome / Mas vai na frente o Ambrózio / e há promessas de luz / para além da negra bandeira". Neste sintagma, a adversativa tem a função de esperança positiva na mudança da situação precária do povo das ilhas. "aviso"<sup>357</sup> é um enunciado poético em que a adversativa tem precisamente o intuito de alertar, pois o tempo futuro trará alteração aos acontecimentos: "Mas depois / Não nos venham dizer / que não vos avisámos!..."

## 9. Recursos estilísticos (aspectos fónicos)

### 9.1. Musicalidade

---

<sup>354</sup> O.S., "Manhe ", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p. 19.

<sup>355</sup> O.S., "Tristéza ", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p. 27.

<sup>356</sup> G.M., "Capitão Ambrózio", in *L.G.*, *Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição,1993, p. 51

<sup>357</sup> O.M., "aviso", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 57.

Um dos imperativos da poética em estudo é a musicalidade. Como preocupação dos elementos do *Suplemento Cultural*, apresentava-se a afirmação do elemento africano na cultura e sociedade cabo-verdianas, daí, a importância de reafirmá-lo em vários aspectos, e os aspectos fónicos dos poemas podiam prestar-se a esse objectivo. Possuía papel fundamental a conjugação de ritmo, repetições e forma. A música é um elemento endógeno das populações negras, e qualquer sugestão musical leva as populações a agitarem-se em movimentos dolentes ou frenéticos de forma ritmada. Esta situação ocorre a vários níveis; por exemplo, quando o povo efectua um trabalho duro, uma canção afasta o cansaço, quando ocorre um velório ou funeral, melopeias sentidas acompanham a última viagem do morto; em manifestações religiosas, o povo dança e canta. Muitas vezes, o ritmo usado assemelha-se ao movimento implícito na imagem: "antigas vozes pressagas /no mastro que vai e vem"<sup>358</sup>. A alternância de versos longos com curtos: "- Que homem é aquele que lá vem que lá vem? / É um capitão que vem meu irmão. / As ondas do mar / São altas são altas"<sup>359</sup>.

## 9.2. Anáfora e aliteração

Outros recursos estilísticos sonoros, igualmente cruciais na produção poética dos "suplementistas", são a anáfora e a aliteração. Relativamente à primeira, tem um papel fundamental, pois reitera certas ideias chave que os poetas pretendiam transmitir. O gosto por estruturas paralelísticas, associado ao uso da anáfora e da redundância deve-se ao facto de o autor pretender tornar o seu discurso mais persuasivo e a mensagem mais enfatizada e, portanto, mais fácil de ser assimilada. A expressividade da linguagem

---

<sup>358</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 73.

<sup>359</sup> G.M., "Sabará Passará", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 74.

gerada pela anáfora é grande, uma vez que este recurso é rico em sublinhar estados de alma, a desmascarar situações, a chamar a atenção para variadas questões, dando-lhes realce, muitas vezes, de uma forma simbólica e esteticamente aprazível. É, igualmente, uma maneira de afirmação regional, através da repetição de elementos etnoculturais, como sejam o mar, os ventos ou a terra. E é isso mesmo que acontece nos poemas "Hora grande 1"<sup>360</sup> ou "solilóquio"<sup>361</sup>, em que o mar é o elemento nuclear de todo o poema. É à sua volta que o texto poético se constrói e ganha forma. A presença deste elemento da Natureza é, como se sabe, importantíssimo na vida do dia-a-dia do cabo-verdiano, influenciando-o directa ou indirectamente, estimulando-o a partir, promovendo o sentimento da saudade, tão característico das gentes do Arquipélago, e contribuindo para o peso da insularidade. Ele é paisagem permanente, mas também recurso económico, porto de chegada, mas também de partida para o emigrante serviçal e para outros emigrantes com um estatuto superior. Origina sentimentos opostos, positivos e negativos, revela-se fonte de amor, mas também de ódio. No poema "solilóquio"<sup>362</sup>, há referências ao que acima foi dito. Só num verso é que o vocábulo "mar" não surge no início; anáfora e antítese dominam o panorama estilístico. O mar é "brabo", mas ao mesmo tempo é "manso". Tanto é "esperança de longe" como "saudade de regresso"; mar é "riso de menino", porém também é "lágrima de velho". Todas estas antíteses têm um único destinatário: o mar, que aparece anaforizado em todos os versos do texto poético.

---

<sup>360</sup> O.S., "Hora grande 1", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 42.

<sup>361</sup> O.M., "solilóquio", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 31.

<sup>362</sup> O.M., "solilóquio", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 31.

Outras vezes, a anáfora é utilizada para reiterar a recusa do sujeito enunciador em trair o seu próprio povo ("Não, amigos, já vos disse não! /Mais uma vez minha resposta é / Não! / não insistam mais!")<sup>363</sup>.

Eis alguns dos muitos poemas onde está presente um discurso anaforizado:

Sintagma anaforizado	Alguns poemas onde está presente
"Atrás dos ferros da prisão / É preciso ..."	"Lema"
"Rapazes da «Estrela da Marinha» / Se vocês ainda se lembram de Têêia"	"Têêia"
"Lá vem nhô Cacaí"	"Quadro"
"Hoje ..."	"Amanhã cantarei"
"Caminho ..."	"Caminho longe"
"Não perco noites"	"A flor da outra manhã"
"ês..." "nha..."	"dstine"
"Dez..."	"liberdade dez"
"és a cidade..."	"mindelo"

A anáfora, em conjunto com os efeitos da aliteração, dá musicalidade adequada e ritmo conveniente à representação linguística do movimento marítimo. Uma sonoridade expressiva na produção literária é uma preocupação dos autores do *Suplemento Cultural* que, como se sabe, defendem a preservação e valorização do elemento africano na cultura cabo-verdiana. Ora, a música tem um desempenho preponderante no mundo africano. Este recurso é uma forma de reiterar essa característica no seio da poética "suplementista". Anáfora interage com aliteração, conforme se disse, para se atingir a musicalidade pretendida. Em "Hora grande 1"<sup>364</sup> temos a aliteração em sibilante: "O mar sairá / Das nossas ilhas / Das nossas ruas / Das nossas casas / Das nossas almas ... ". Em "solilóquio"<sup>365</sup>, a aliteração em m tem como objectivo enfatizar a ideia de mar. Assim: "Mar manso / Mar vagas de medo / (...) / Mar

<sup>363</sup> G.M., "Nada nos separa", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano editora, 1ª edição,s.d., p. 221.

<sup>364</sup> O.S., "Hora grande 1", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo,1962, p. 42.

<sup>365</sup> O.M., "solilóquio ", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 76..

riso de menino / Mar lágrima de velho / (...) / Mar bom e amigo / Mar mau e zangado / Mar morte de povo / (...) / Mar Morna / Mar mar".

G.M. será, talvez, o poeta do *Suplemento Cultural* que utiliza a aliteração com mais recorrência. Este recurso alicerça muitos enunciados. Como exemplo, gostaríamos de expor algumas passagens de "Denúncia elementar"<sup>366</sup>: "Eles já chegaram. / A banca já foi montada. / Fáceis os desígnios / na Pátria atormentada" - aliteração em sibilante e em nasais sonoras - "Dez, vinte, trinta, / depois quarenta, / depois mais. / E nas outras ilhas aturdidas / abriram sucursais." - aliteração da oclusiva linguodental sonora d e de sibilantes -, acompanhada de enumeração. Em "Cantiga da minha ilha"<sup>367</sup> temos o exemplo: "Quem tem os passos metidos / em horas certas marcadas / e tem os olhos truncados / e as noites enrodilhadas / nos dias que nunca viu?"; em "Caminho longe"<sup>368</sup>: aliteração em labiodentais ("Longa é a ladeira"); em "Carta de longe"<sup>369</sup>: aliteração em vibrante ("eram quarenta e só quatro / em Cabo Verde ficaram").

### 9.3. Recursos estilísticos (figuras de estilo e de retórica)

#### 9.3.1. Antítese

Os poetas "suplementistas" tomam mão de outros recursos que acompanharão o desenvolvimento das suas obras. para caracterizar as linhas ideológicas que as norteiam. Assim, não é de estranhar o uso da antítese para dar corpo à ideia de oposição entre dois elementos, sendo esta situação o gérmen da poética dos autores do *Suplemento Cultural*. A antítese sintetiza o confronto explorado/explorador: "sub-alimentados"/"sobre-

<sup>366</sup> G.M., "Denúncia elementar", in L.G., Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 17.

<sup>367</sup> G.M., "Cantiga da minha ilha", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos*, Plátano Editora, 1ª edição, s.d., p. 221.

<sup>368</sup> G.M., "Caminho longe", in L.G., Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 73.

alimentados"<sup>370</sup>; sublinha o que é moralmente correcto: "Não devia ter sangue / não devia, mas tem."<sup>371</sup>, a oposição "fogo"/"frio"<sup>372</sup>, "gelo"/"ardente"<sup>373</sup>, "amor"/"sangue"<sup>374</sup>; mas também é muito utilizada no jogo de palavras: "A mão vazia vem cheia"<sup>375</sup>, "Nos braços dela, sem ela"<sup>376</sup> e "não perco noites, ganho madrugadas"<sup>377</sup>, e está representada igualmente para dar ênfase ao contraste poder político-económico/povo cabo-verdiano pobre, nas emoções amorosas que provocam sentimentos contrários, no contraste entre solidariedade/repressão, abundância/fome, etc. A força da antítese é importantíssima na poética dos "suplementistas" (principalmente em G.M e O.M., em O.S. não tem expressão) e encaixa-se bem na mensagem que estes autores pretendem transmitir ao leitor.

### 9.3.2. Hipérbole

A hipérbole apresenta-se como uma realidade no discurso poético "suplementista"; é utilizada para sublinhar o absurdo de determinadas atitudes, geralmente repressivas. Em "um único impossível"<sup>378</sup>, o autor cria imagens hiperbólicas para vincar a impossibilidade de fazer calar um poeta e, talvez generalizando, um artista. A repressão seria inócua pois "Era mais fácil / Engolir o mar /

---

<sup>369</sup> G.M., "Carta de longe", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 71.

<sup>370</sup> O.M., "ontem hoje amanhã", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 111.

<sup>371</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 73.

<sup>372</sup> O.M., "afirmar", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 102.

<sup>373</sup> O.M., "afirmar", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 102.

<sup>374</sup> O.M., "cabo-verdianamente", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 105.

<sup>375</sup> G.M., "Ladeira de Passo-Amor", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 37.

<sup>376</sup> G.M., "A flor da outra manhã", in *L.G., Lisboa*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 38.

<sup>377</sup> *Idem.*

<sup>378</sup> O.M., "um único impossível", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 11.

Extinguir o brilho aos astros / (...) / Parar o vento"; o poema é gerado tendo como alicerces fundamentais a hipérbole com o intuito de reiterar a ideia de que a produção artística é um fenómeno que nenhuma força, por mais robusta e opressora que seja, consegue parar. Na mesma linha de pensamento, em "aviso"<sup>379</sup>, o sujeito poético afirma: "Podem humilhá-los / mil vezes massacrá-los / matá-los de mil mortes", porém, a inversão da situação política terá lugar e, por esse motivo, o sujeito poético remata: "Mas depois / não nos venham dizer / que não vos avisámos!...". Com a intenção de sublinhar a ideia de que é preciso sofrer para depois renascer com força redobrada: "As tuas feridas foram cosidas / com mais de cem mil pontos, / sendo cada ponto final / o princípio de outro ponto."<sup>380</sup>. Por vezes, a hipérbole é utilizada para sublinhar a injustiça dos homens: "Quem foi vendido mil vezes / mais de mil vezes matado / milhões de vezes troçado?"<sup>381</sup>.

### 9.3.3. Imagem

A imagem é outro recurso de que os poetas fazem uso para alicerçar as ideias implícitas nos seus poemas. Através dela, podemos facilmente verificar o lirismo intrínseco na poética do *Suplemento Cultural*. Ela contribui para criar um contexto lírico indiscutível que leva o leitor a uma viagem pelo imaginário. E esta situação põe de parte a ideia de que autores comprometidos politicamente apresentam textos pobres, do ponto de vista literário. A imagem é um dos recursos que mais concorre para a literariedade

---

<sup>379</sup> O.M., "aviso", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 57.

<sup>380</sup> G.M., "Limpeza psíquica", in *L.G.*, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 96.

<sup>381</sup> ?

dos textos destes autores. Em "Filho de Spartacus"<sup>382</sup> a imagem surge nos seguintes versos: "Um duro estremecimento / nos alicerces do mundo; / um braço que se levanta / e levantado comove / um sol encouraçando / os elmos que se avermelham". Em "não me aprisionem os gestos"<sup>383</sup>, surge um enunciado sustentado por imagens sugestivas. Logo na segunda estrofe, encontramos um forte exemplo do que afirmámos: "'Ainda sonho cavalgadas de estrelas / e danças lúbricas de flores / e jardins suspensos de ouro / e crianças aladas a brincar / e gargalhadas de prata.'" (o polissíndeto e a enumeração têm aqui um papel fundamental). O mundo da imaginação entra pelos olhos dentro do leitor para sublinhar a necessidade de liberdade. E que expressão mais representativa deste facto do que: "crianças aladas a brincar"?

#### 9.3.4. Interrogação retórica

A interrogação é uma figura de estilo quando tem uma função retórica, ou seja, quando se efectua uma pergunta e não se espera uma resposta, mas há um intuito de expor uma ideia. Esse processo é a base de todo o enunciado de "Poema"<sup>384</sup> ou de "porquê?"<sup>385</sup>. O poema de Onésimo é regido por duas frases interrogativas: Para quê chorar...?". As frases interrogativas poderiam ser substituídas pela exclamativa que também está presente no enunciado: "- Não, não vale a pena chorar!". No enunciado poético de Ovídio, a interrogação inicia-se já no título do poema. Todas as estrofes são introduzidas pela expressão: "Por que seria". **O enunciado é constituído por três frases, que representam três estrofes.** O texto, assim, é suportado por estas figuras de retórica;

---

<sup>382</sup> G.M., "Filho de Spartacus", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 50.

<sup>383</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9.

<sup>384</sup> O.S., "Poema", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 26.

<sup>385</sup> O.M., "porquê?", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 43.

estas têm a função de explicar a razão dos acontecimentos misteriosos que ocorreram: a face resplandecente da personagem observada, o motivo pelo qual ela foi sonhada e o surgimento de uma aurora de flores. Além disso, como se disse acima, a interrogação é um expediente importante para o autor que procura uma aproximação com o seu leitor e com quem ele pretende dialogar, criando-se uma atmosfera mais propícia para a conjugação de ideias e sentimentos colectivos. É uma forma de interpelação à consciência do leitor. "E que diria o meu eu-adulto / ao meu eu-criança / - o único afinal - / que sabe viver em sonho e poesia?"<sup>386</sup>. Esta frase interrogativa tem grande expressividade e sugere os diálogos íntimos que temos connosco próprios e a nossa personalidade heteronímica. Relega-nos em direcção à ideia de que a criança é possuidora da capacidade de sonhar e de viver a poesia. Aqui, sonhar significa percorrer as "planícies do mundo imaginário" que muitas vezes é legitimado pela arte poética. Por isso, considera-se que a criança tem os requisitos necessários para possuir esses privilégios.

#### **9.3.4. Metáfora**

É a ponte entre o real e o imaginário e possibilita ao discurso ser encarado com maior profundidade. Concede-lhe uma capacidade mágica de comunicar o que flui na alma do poeta. Tal facto já era admitido há dois mil anos por Aristóteles, tanto na sua obra *Poética*<sup>387</sup>, como na *Retórica*<sup>388</sup>. A linguagem ganha novos contornos expressivos quando o poeta afirma a miséria humana num quadro social: "Os homens são restos

---

<sup>386</sup> O.M., "não me aprisionem os gestos", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 9

<sup>387</sup> Aristóteles, *Poética*, Lisboa, Guimarães Editores, 1964.

flutuando / Na rua suja de derrotas..."<sup>389</sup>; a sua determinação em ser solidário com o seu povo está presente na seguinte expressão: "Que importa o doce / que só a mim me dais? / Nada me separa dos meus companheiros!..."<sup>390</sup>; ou a comunhão entre Homem e Natureza: "Os meus gestos têm a sugestão do mar / o mistério das ondas do mar / a comunicabilidade do mar"<sup>391</sup> Em "Pluviómetro"<sup>392</sup> o sujeito poético diz-nos que "O povo traça a medida dos seus passos pluviometricamente". Com estes versos quer transmitir a importância das chuvas em Cabo Verde e a influência e dependência da vida no Arquipélago desta situação. Chuva revela-se como a unidade de medida da existência de um povo. Mais à frente, salienta que "As nuvens não são passíveis de operações cesareanas.", significando que são observadas pelas populações, são apetecíveis aos seus olhos, pois são sinal de água. No entanto, tarda em chover, e a imaginação do sujeito poético leva-o a sonhar através da metáfora parturiente "cesareanas". A analogia querera significar que seria bom obrigar as nuvens a largar chuva, como os médicos forçam os bebés a nascer através de uma operação cesariana. Em "João Cabafume"<sup>393</sup> o sujeito poético diz-nos: "Recordo a tua vida João Cabafume. / Troço da bananeira nova / tacho ardente de mel / cantiga de pardal jardim!". A metaforização do enunciado tem a ver com o esforço do autor em criar uma imagem de um homem que teve a pureza da Natureza e daí a ligação com elementos que em teoria deveriam pertencer a outro campo semântico: "bananeira", "mel" (elementos

---

<sup>388</sup> Aristóteles, *Retórica*, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do nascimento Pena, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Estudos Gerais, série universitária, Clássicos de Filosofia, 1998;

<sup>389</sup> O.S., "A rua do mar", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962, p. 18.

<sup>390</sup> G.M., "Nada nos separa", in Manuel Ferreira, *50 poetas africanos.*, Lisboa, Plátano editora, 1ª edição, 1989, p. 221.

<sup>391</sup> O.M., "?", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. ?

<sup>392</sup> G.M., "Pluviómetro", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 11.

<sup>393</sup> G.M., "João Cabafume", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 91.

alimentícios do Arquipélago) e o neologismo "jardinol". João Cabafume foi um homem do povo e teve a pureza e alegria das coisas naturais, e por isso o autor compara-o a uma cantiga; mas melopeia alegre e despreocupada de pardal. E assim, não se poderia fazer um elogio maior ao destinatário da mensagem poética.

Por vezes, o valor conotativo e plurissignificativo da linguagem pode levar leitores menos preparados a cometer erros de análise. Mas a metáfora, só por si, é já um contributo importante para a literatura, porque exige, da parte do leitor, operações de raciocínio esse raciocínio funciona como uma ponte que liga o mundo real e objectivo ao mundo imaginário e subjectivo. Quem realiza ou analisa uma obra literária é instado, continuamente, a fazer analogias e, portanto, ganha capacidade de relacionar diversos aspectos da realidade objectiva e subjectiva.

### **9.3.6. Enumeração**

A sua presença é importante na descrição do contexto geográfico, da personagem referida, dos sentimentos do sujeito poético, na descrição do futuro. Tem assim um papel fundamental para a visualização do mundo textual. A enumeração é outro processo que contribui para o ritmo poético: "Tinha Guiné Moçambique / Angola veio e depois / Macau Timor Venezuela / Goa Brasil S. Tomé"<sup>394</sup>, "Que ainda há vida / Que ainda há luz / Que ainda há qualquer coisa"<sup>395</sup>, "Quando melhor arfar o mar / o céu for mais azul / a lua menos leviana"<sup>396</sup>.

---

<sup>394</sup> G.M., "Carta de longe ", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 71.

<sup>395</sup> O.S., "Praia de Bote", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 11.

<sup>396</sup> O.M., "adiado o tempo para amar", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 96.

### 9.3.7. Animismo

O animismo ocorre principalmente quando há referência à Natureza e ao Homem: "Floresta e árvore / árvore e floresta / fruto e semente, semente e fruto, / marimba de mais de cem mil vozes"<sup>397</sup>, "Eu sou o filho primeiro / da flor da outra manhã"<sup>398</sup>. Porém, também é utilizado em certos objectos que possuem um papel simbólico, importante na mensagem poética que se pretende transmitir: "A boca daquele botequim / É a boca escancarada da cidade"<sup>399</sup>, "E na cintura fina / das ilhas / dançando rondam / pluviómetros. / Bailam de ronda e alargam / a seca cintura das ilhas."<sup>400</sup>

## 10. Diferenças entre os autores do *Suplemento Cultural*.

O.S. é o teorizador mais radical no seio do grupo, aquele que lança as sementes da discórdia entre os autores da modernidade, o mais preocupado em fazer a reivindicação rático-cultural. "Um poema diferente"<sup>401</sup> será, talvez, o texto mais representativo na poética do *Suplemento Cultural*, no que diz respeito à demonstração da opção ideológica do autor quanto às origens africanas na cultura, sociedade e formação de Cabo Verde. Neste poema, há a defesa do elemento africano como fundamental em termos sócio-culturais no Arquipélago. O poeta é o teorizador do anti-evasionismo e do anti-escapismo. Contrastando com o discurso teórico-energico, observamos uma prática poética suave, onde se reflecte a tristeza e solidariedade com o seu povo. Quatro ou cinco poemas, no entanto, rompem com este tom discursivo

<sup>397</sup> G.M., "Elegia em sol maior", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 94.

<sup>398</sup> G.M., "A flor da outra manhã", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 38.

<sup>399</sup> O.S., "A porta daquele botequim", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 16.

<sup>400</sup> G.M., "Pluviómetro", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 11.

<sup>401</sup> O.S., "Um poema diferente", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 34.

ameno, ganhando a energia dos enunciados reivindicativos. "Jornada"<sup>402</sup> revela-se como um dos poemas que mais se evidencia a esse nível.

Em termos formais, destaca-se o uso das reticências. Note-se que dos vinte e nove poemas presentes em *H.G.*, apenas quatro não apresentam este tipo de pontuação. Esta é, portanto, uma das características mais marcantes na poética de O.S.. As frases exclamativas estão presentes para expressar, naturalmente, a dor provocada no sujeito poético pelo presenciar do sofrimento de um povo, ou mesmo o calvário experimentado por esse mesmo povo. Aliás, em alguns poemas, o sujeito da enunciação aparece mesclado com o colectivo e dirige-se ao leitor intitulado-se "nós".

O tom dialogante é muito mais raro do que nos outros autores "suplementistas", predominando o discurso na terceira pessoa gramatical.

Poética marcada por textos breves, dos vinte e nove poemas apresentados em *H.G.*, quatro são compostos por uma estrofe apenas. São exemplo do que acabámos de dizer os poemas: "Nha Terra"<sup>403</sup>, com uma estrofe de seis versos curtos, "Abalada"<sup>404</sup>, com uma estrofe composta por seis versos médios, "Contraste"<sup>405</sup> composta por quatro versos médios e "Um poema diferente"<sup>406</sup>. Este texto tem uma só estrofe, se bem que esta seja composta por vinte e um longos versos.

Poemas com duas estrofes são: "Cenário"<sup>407</sup>, "Solidão"<sup>408</sup>, "Jornada"<sup>409</sup>, "As-Águas-2"<sup>410</sup> (este com um dito introdutório antes) e "Hora Grande 2"<sup>411</sup>. A maior parte dos restantes poemas, apesar de terem um número de estrofes superior, nem por isso

---

<sup>402</sup> O.S., "A jornada", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 33.

<sup>403</sup> O.S., "Nha terra", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 9.

<sup>404</sup> O.S., "Abalada", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 15.

<sup>405</sup> O.S., "Contraste", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 22.

<sup>406</sup> O.S., "Um poema diferente", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 34.

<sup>407</sup> O.S., "Cenário", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 20.

<sup>408</sup> O.S., "Solidão", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 23.

<sup>409</sup> O.S., "Jornada", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 33.

<sup>410</sup> O.S., "As-águas 2", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 40.

<sup>411</sup> O.S., "Hora grande 2", in *H.G.*, Nova Lisboa (Huambo), Colecção Bailundo, 1962, p. 43.

deixam de ser textos curtos. As frases exclamativas, juntamente com as reticências, predominam. Note-se que a utilização de frases interrogativas é muito menor do que na produção poética dos outros autores "insubmissos".

Em relação às outras duas estudadas, a poética de G.M., caracterizada por um discurso metaforizado, exige da parte do hermeneuta um maior esforço de análise e de raciocínio. O uso constante de anástrofes, a liberdade discursiva e uma maior transgressão em relação às regras da sintaxe contribuem para esta situação. Dos três, é o que apresenta um tipo de linguagem mais repousado. Diverge também dos seus companheiros no jogo de palavras ("nada perdi porque nada ganhei"<sup>412</sup>, "plantas miúdas que a água / daquela fonte já dita / em sua levada levava"<sup>413</sup>, onde, por vezes está presente a função metalinguística da linguagem: "Crepúsculo. / Sol ausente! /.../ Solidão é palavra / derivada de sol."<sup>414</sup>, na actualização de uma poética de cunho familiar, num maior individualismo temático. O processo de inversão frásica, em que um verso se inicia com uma dada estrutura que é invertida no verso seguinte, ou ainda, no mesmo verso, é também uma novidade frequente em G.M. É o que acontece em "Elegia em sol maior"<sup>415</sup>: "Floresta e árvore / árvore e floresta / fruto e semente, semente e fruto".

Seria, dos três, o autor mais comedido, menos radical, mais convergente. Por exemplo, apesar de discordar com algumas perspectivas defendidas pelos "claridosos" (discorda, por exemplo, da ideia implícita na denominação de Cabo Verde como "Portugal Crioulo"<sup>416</sup>, defendendo a importância negro-africana na sociedade

---

<sup>412</sup> G.M., "Relógio de sol", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 42.

<sup>413</sup> G.M., "A fonte", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 40.

<sup>414</sup> G.M., "Relógio de sol", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 42.

<sup>415</sup> G.M., "Elegia em sol maior", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Coleção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 94.

<sup>416</sup> Artigo de Pedro Sousa Lobo na revista *Claridade*, nº 9, São Vicente, editor Joaquim Tolentino, Propriedade do grupo "Claridade", composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, Dezembro de 1960;

crioula)<sup>417</sup>, nunca terá entrado em polémica com os mesmos, elogiando-os sempre no seu papel de impulsionadores de uma literatura renovada e de um novo pensamento nas Ilhas). O zeugma: "Subitamente / o abalo telúrico / A morte imperturbável. / em teus olhos / a interrogação. / Explosivo / o silêncio.", "Na lâmpada das esperanças comuns / o abalo telúrico"<sup>418</sup>, "Ladeira grande. / Ladeira de Passo-Amor. / De noite cumpridas mágoas / cumpridas sem Brancaflor."<sup>419</sup>, "Perfeito o corpo. O mar em torno."<sup>420</sup>; e a anástrofe: "Que suave dedilhando nas noites de calmaria / de ressaca em ressaca seu violão gemia", "Do Ambrózio que entre estiagens / e súbitas humilhações / reconstruído buscava / e buscando se engrandecia / inteira resposta que fosse / a dignidade e a vida"<sup>421</sup>, "e no pensamento a velha / interrogação se envolvia"<sup>422</sup>, "Enquanto se me enredava / no ouvido a estranha história"<sup>423</sup> são recursos que ocorrem mais na obra de G.M.. Por vezes, a expressão verbal ganha um cunho de originalidade quando ocorre a utilização dos verbos "ser" e "dever". O primeiro teria a ver com a afirmação enfatizada do cabo-verdiano, a reivindicação da dignidade do homem das Ilhas ("Respira fundo: tu és / Conclama os ventos: tu és")<sup>424</sup> ou apontar os culpados de certas situações, ("funcionários zelosos cumpridores / Estes são.")<sup>425</sup>. O segundo tem uma função moral-pedagógica. Moral, porque é uma maneira de indicar o erro da situação; pedagógica, porque ensina o caminho a percorrer ("Deviam nascer flores / nos campos chorados em

---

<sup>417</sup> Esta situação ocorre, por exemplo, em "G:M., in "A mestiçagem: seu papel na formação da sociedade caboverdiana", *Suplemento Cultural* da revista *Cabo Verde: Boletim de Propaganda e Informação*, Praia, Outubro de 1958, pp. 11-24.

<sup>418</sup> G.M., "Abalo telúrico", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 36.

<sup>419</sup> G.M., "Ladeira de Passo-Amor", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 37.

<sup>420</sup> G.M., "?", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. ?.

<sup>421</sup> G.M., "Lembrança de Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 98.

<sup>422</sup> G.M., "Lembrança de Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 98.

<sup>423</sup> G.M., "Lembranças de Ambrózio", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 98.

<sup>424</sup> G.M., "Logo mais vem a manhana", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 15.

comum / Deviam ter nascido / e não nasceram"<sup>426</sup>, "Não devia ter sangue / não devia, mas tem", "Devia sorrir de outro modo / o Cristo que vai de pé", "Devia ser de regresso / devia ser e não é"<sup>427</sup>.

O.M. seria o autor com uma filosofia mais pragmática, com um discurso mais frontal, mas também com um lirismo sensual mais representativo. Preocupou-se em transmitir poeticamente as suas ideias, a sua perspectiva da vida crioula, a sua sensibilidade perante a realidade empírica, a sua subjectividade, a profundidade da sua alma. E concluímos que a sua personalidade possuía duas vertentes: um espírito revolucionário, a consciência de que era necessário que as mudanças se operassem, uma idiossincrasia de cariz amoroso, a paixão pela terra, pela vida no Arquipélago, pela mulher crioula. E se a grande paixão pela terra é sintomática em todos os poetas insubmissos" em igual intensidade, julgamos que a temática do amor erótico é mais relevante em Martins, pois surge nos seus textos com maior frequência. Espelhando a sua poética um discurso com uma forte energia revolucionária, não será de estranhar que as frases imperativas percorressem frequentemente os seus textos, ganhando o discurso grande intensidade elocutória. Repare-se que Benveniste defendia que num discurso poético centrado no receptor, uma das suas marcas características era o modo verbal imperativo, função da linguagem apelativa, com o intuito de persuadir<sup>428</sup>; assim se explica o gosto pela apóstrofe: "Gentes!"<sup>429</sup>, "Tiegs"<sup>430</sup>, "Ó mar de canal"<sup>431</sup>,

---

<sup>425</sup> G.M., "Denúncia elementar", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 18.

<sup>426</sup> G.M., "Alguém Falhou", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 30.

<sup>427</sup> G.M., "Caminho longe", in *L.G.*, Lisboa, Lisboa, Vega, Colecção Palavra Africana, 1ª edição, 1993, p. 73.

<sup>428</sup> Émile Benveniste defendia que o discurso centrado na segunda pessoa, marcado pela função apelativa tinha o objectivo de persuadir, aconselhar, apelar, Amélia Pinto Pais, *Ler por gosto II programa B*, Areal Editores, p. 28.

<sup>429</sup> O.M., "?", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. ?.

<sup>430</sup> O.M., "reis da baía", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 87.

<sup>431</sup> O.M., "pescador", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 80.

"Amigo"<sup>432</sup>, "Ó meu coração"<sup>433</sup>. Dos três, é o que recorreu mais ao discurso dialéctico. A utilização de minúsculas é também uma realidade estilística na sua poética. A interpretação deste recurso pode ter a ver com a necessidade de destacar certos vocábulos e ideias que surgem, raramente, em maiúsculas.

## Conclusão

Os objectivos primeiros da produção poética "suplementista" eram fazer a representação verbalizada do contexto social, cultural e ambiental do Arquipélago cabo-verdiano e as implicações deste nos poetas "insubmissos". Atribui-se a esta literatura uma função pedagógica-didáctica, pois pretendia consciencializar, denunciar, indicar o caminho a percorrer para a mudança. Caracterizada pelo discurso rebelde, a poesia não deixou de trabalhar um dos elementos que mais se destaca na idiossincrasia cabo-verdiana: a sensualidade, o amor erotizado, os sentimentos mais profundos de ligação ao Homem e à terra.

Estes objectivos originaram uma inflexão no rumo que a literatura estava a levar, até àquela altura, se bem que, no essencial, a poética do *Suplemento Cultural* tenha sido um projecto de continuidade das bases literárias lançadas pelo grupo *Claridade*, nos anos 30. Isso não impediu que se operassem alterações a vários níveis.

---

<sup>432</sup> O.M., "canta amigo", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 53. 80.

<sup>433</sup> O.M., "apalavra que eu não disse", in *G.B.M.*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998, p. 33

O grupo passou a tratar temáticas que até então não tinham sido trabalhadas, ou tinham sido perspectivadas de outra forma, não com tanta frequência e com um tom menos incisivo. Referimo-nos aos temas da emigração para S. Tomé, da responsabilização em discurso directo do explorador e do colonizador pelas dificuldades sociais e de sobrevivência do cabo-verdiano e, por fim, ao tema do amor, trabalhado de forma mais erotizada ou, pelo menos, centrado na valorização do corpo. A inovação temática obrigou à renovação estético-estilística, à enunciação poética pensada noutros termos, à necessidade de um discurso e de uma linguagem diferente e, conseqüente, com uma força elocutória adequada ao novo estilo. Subjazia à inovação literária uma ideologia nova, resultado de um período histórico-político em transformação.

A isotopia de certos vocábulos de significado social, político, coadunava-se com a intencionalidade dos autores. Vocábulos do campo semântico da dor, com intenção de denúncia, de revolta, com intuídos de sacudir consciências, tornaram-se frequentes nesta poética, ganhando o discurso, mais energia, e a elocução mais força.

Escolhendo um tom coloquial e dialéctico para o seu discurso, os autores promoveram a aproximação dos interlocutores do processo de comunicação literária, não só em termos emotivos, como de ideias. O discurso passou a realizar-se mais em primeira e segunda pessoas.

Divergindo no estilo, contudo, pode verificar-se pontos de convergência entre os diferentes autores, nomeadamente, a importância que todos eles dão à musicalidade nos seus textos, socorrendo-se, para esse fim, de vários recursos fónico-rítmicos, como a aliteração, a anáfora, a repetição de palavras, a epanáfora, o processo de dobre e mordobre.

Paralelismo e refrão são estruturas formais que contribuem para a musicalidade da mensagem, pois têm uma função de redundância, demonstrando a assimilação da cultura portuguesa por parte destes autores, uma vez que estes elementos formais são típicos da poética portuguesa mais genuína. Contudo, muitos são os poemas cujas estruturas formais não obedecem a regras fixas, como acontece na poética modernista. Apresentam-se ritmos inconstantes, com versos com medidas diferentes e estrofes com poucos versos, alternando com outras com muitos. Há estrofes que têm um só verso e, por vezes, uma só palavra. Estas medidas alternam, pois estão de acordo com o fluir do pensamento e com a emotividade dos seus autores. A rima também está presente, principalmente na poética de G.M.

No campo da morfologia, os verbos têm, por vezes, uma função moralizadora. Verbos, substantivos e adjectivos tiveram uma selecção criteriosa para dotar de energia o discurso apresentado. A presença de neologismos é também um facto na poética em estudo; alguns deles têm uma relação estreita com o Arquipélago; outros têm expressividade e contribuem para o refinamento lírico. O neologismo expressivo e regional não diz só respeito ao substantivo, mas também ao advérbio e ao adjectivo. O neologismo constituído por justaposição é uma constante, principalmente na poética de O.M.. A combinação de dois substantivos unidos pelo hífen ganha uma maior energia e riqueza sémica. Os advérbios de modo com o sufixo -mente são empregues de forma engenhosa e adequadamente e, quando caldeados com verbos no gerúndio, sublinham a ideia de prolongamento e continuidade. Os adjectivos têm também um grande potencial significativo, uma vez que em conjugação com o substantivo que qualificam permitem um voo pelo mundo imaginário e assim uma maior profundidade da mensagem transmitida.

Em termos semânticos, verifica-se um discurso propositadamente redundante, visando a insistência em palavras nucleares para promover a memorização do que elas representam por parte do leitor-receptor da mensagem. É um dos artifícios literários mais comuns no "edifício poético" construído. As repetições podem surgir em ordem anafórica, epanafórica, mas também em metábole, ou seja, elas repetem-se mas por uma ordem diferente. A ideia de harmonia entre Homem e Natureza, ou Homem e elementos do contexto etnocultural cabo-verdiano, faz-se através do animismo e da metáfora. Ao dar-se "vida" a esses elementos, o poeta destaca-os e chama a atenção à qualificação deles, dentro do mundo da unidade cabo-verdiana. O lirismo dos poetas exige a presença da metáfora e da imagem, pois estas figuras são essenciais no transporte para o mundo do imaginário, imprescindível para quem pretende realizar poesia, pois é um instrumento que concede profundidade ao tema trabalhado. Olhando para a imagem como uma sucessão de metáforas, os poetas fazem um enquadramento lírico que se mescla com referências à realidade do contexto cabo-verdiano. A tentativa de retratar a realidade, através de um processo mimético (nunca conseguido, porque é impossível reproduzir a realidade no papel, mas apenas projectar uma imagem linguística e literária, sugerindo-a) está presente e elucida o leitor relativamente à primazia da poética dos poetas "suplementistas". Certos vocábulos são referências regionais e toponímicas que concorrem com recursos que nos direccionam para o mundo imaginário. Assim, há duas perspectivas que se alternam e entrecruzam, uma referente à realidade empírica objectiva e outra ao mundo profundo das ideias e do sonho. A interpelação a um "tu" que tem como destinatário o povo cabo-verdiano, ou os opressores colonialistas, é uma constante, e para materializar esta intenção, os autores fizeram uso da apóstrofe. A enumeração é também uma das figuras mais recorrentes no

seio da poética do *Suplemento Cultural*, talvez pelo facto de ajudar a montar o "puzzle" poético e ter uma função descritiva, contribuindo para exhibir o panorama regional. A enumeração transforma-se em gradação quando os poetas pretendem manifestar o aumento do grau de intensidade emotiva. A oposição de ideias, de comportamentos, de posições na hierarquia social, de estados de espírito e estados sociais levaram os "suplementistas" a recorrerem à antítese. As diferenças sociais são demonstradas na função deste recurso. A simbologia contribui para complementar esta ideia de oposições baseada no contexto sócio-económico das Ilhas. A noite tem uma conotação negativa e representativa do obscurantismo político e está em franca oposição à madrugada, o elemento regenerador do contexto cabo-verdiano. A antítese, obrigatoriamente teria de surgir, pois uma das facetas da ideologia "suplementista" é precisamente combater as disparidades de situações entre o povo sofredor e explorado e o colonizador rico e explorador. A poesia destes autores tem como elemento central esse conflito. Podemos dizer que os textos são gerados pelo clima antitético que era a génese da sociedade crioula. Outros recursos são utilizados, como são os casos da hipérbole, o zeugma, a metonímia, a anástrofe, a comparação, as frases interrogativas retóricas, etc. Porém, as supracitadas são as que têm mais saliência e eficácia.

Em termos sintácticos, pode referir-se certas construções inspiradas no crioulo. O papel da anástrofe tem alguma relevância. Certos poemas apresentam sintagmas que são separados do seu núcleo. Isto teria mesmo de ser assim, devido à presença de versos muito curtos, chegando-se, inclusivamente, a apresentar um vocábulo em cada verso. Evidentemente que, perante uma situação deste género, há frases que só têm a sua complementaridade em versos posteriores. Repare-se no seguinte passo do poema *Nada nos separa\** de G.M.: "Eu, por mim / devolverei ao mar / os sonhos verdes". O sujeito

da frase está no primeiro verso, o segundo tem atinente o predicado e o complemento indirecto, e o terceiro o complemento directo. A razão deste processo, tão comum entre os poetas do *Suplemento Cultural*, tem a ver com a intenção destes em chamar a atenção para os assuntos que estão a trabalhar e haver uma contenção não só vocabular, mas também semântica, e daí a necessidade de uma estrutura formal e sintáctica que se coadunasse com esta ideia. A sintaxe, assim, interage com a forma para que o conteúdo se realce.

Fez-se uso de frases exclamativas para sublinhar a emotividade do sujeito poético em relação ao "quadro" vivencial presente no contexto das ilhas. Por vezes, só existe esta pontuação para reiterar toda a carga emotiva implícita no texto. As frases interrogativas têm também uma função importante, uma vez que viabilizam o diálogo e os benefícios que este cria num texto que se quer próximo do leitor, pois tem uma função persuasiva e com o diálogo e coloquialidade tornam o discurso mais acessível e menos informal. O sujeito poético, ao dirigir-se a um "tu" abstracto, ou não, consubstancia a aproximação com o receptor da mensagem poética. As frases imperativas têm uma função determinante: ora servem para apelar à reacção contra o que está errado, ora aconselham o destinatário no caminho que se deve percorrer. O imperativo é uma das características maiores desta poética, principalmente em O.M. e G.M.. As reticências são também um artifício usado pelos "suplementistas"; subjaz a ideia de que muito mais há para dizer e que o discurso fica muito aquém do que se pretende transmitir. Noutras situações, são utilizadas para sugerir "quadros" emotivos. O.S. usou deste recurso em grande parte da sua poética, precisamente para sublinhar a ideia de que a situação de Cabo Verde é algo tão fortemente sentido que as palavras

serão sempre poucas para falar de uma realidade tão complexa e profunda. Não obstante, foi um recurso que colaborou para dar ao texto poético um forte estigma lírico.

A situação enunciativa ocorre na sua maior parte na primeira pessoa, mas também na terceira e segunda, respectivamente segundo a importância. Por vezes muda, começando na primeira e acabando na terceira ou vice-versa, iniciando na segunda e finalizando na primeira, etc. O facto de acontecer a enunciação em primeira pessoa como a predominante significa que existe um envolvimento voluntário e empenhado do eu-poético nos assuntos trabalhados. Por vezes, ele não será mais do que o porta voz do autor, a posição deste perante o panorama do Arquipélago. Quando o "eu" se transforma em "nós", representa os laços estreitos entre o sujeito poético e o seu povo, devido ao facto de ele se comprometer na mesma luta. Outras vezes, ele dirige-se a um "tu". O destinatário da sua mensagem é, a maior parte das vezes, o povo. Muitas vezes, é também a mulher amada. Geralmente, a mensagem consiste num veemente conselho, que, por vezes, ganha o estatuto de ordem para que as populações se ergam para combater o inimigo. Outras vezes, o sujeito enunciativo descreve a situação das gentes crioulas, não deixando de utilizar uma linguagem colonial e referindo-se sempre a um "tu". Ele mostra-se solidário com ele e promete-lhe melhores dias. Existe, também, o enunciado em segunda pessoa para se falar de um indivíduo que se destacou pela sua coragem ou por outras razões. Eles são um exemplo a seguir. Mas referências a amigos e a familiares também têm lugar. Geralmente, a enunciação em terceira pessoa é utilizada para fazer uma descrição de acontecimentos sociais e políticos, de injustiças e sofrimentos. A coloquialidade é algo que ocorre em quase toda a poética do *Suplemento Cultural*. Muitas são as marcas de coloquialidade presentes nos textos, nomeadamente, os pronomes pessoais formas de sujeito, pronomes pessoais formas de complemento

directo, pronomes pessoais formas de complemento circunstancial, os pronomes e determinantes possessivos, todos eles nas primeiras e segundas pessoas do singular e plural, as interjeições, que espelham diversos tipos de emoções e sentimentos do sujeito enunciador, as formas verbais nas primeiras e segundas pessoas do singular e do plural, a apóstrofe, etc. O tom coloquial está quase sempre presente e interfere para quebrar as barreiras e obstáculos entre poeta e leitor. Por vezes, o tom coloquial do discurso transforma-se em dialéctico e aí o texto ganha ainda mais, no que diz respeito aos laços de comunicação entre a mensagem, o sujeito poético, instrumento do seu criador e o leitor. A dialéctica deixa de parte a informalidade e promove operações de raciocínio que percorrem o caminho do conhecimento. E assim, o autor tenta induzir o leitor a chegar a uma ideia. Aparentemente, há uma via que se percorre entre autor, a mensagem e o leitor para se chegar à descoberta de uma verdade, e esta situação faz com que o leitor se sinta iluminado, pois atingiu o cume do processo em que estava empenhado, conjuntamente com os dados do enunciado. Ele sente-se como se estivesse presente na mensagem e evolui conjuntamente com as personagens envolvidas. A dialéctica é um processo de argumentação muito rico e os seus efeitos muito persuasivos.

## Bibliografia

### **Bibliografia Activa:**

"Acto Colonial, decreto nº 18.570 de 8 de Julho de 1930, *Diário do Governo*, 1ª Série, nº 156, p.1313-1318.

Anónimo, "A Imprensa em Cabo-Verde", Comemoração do cinquentenário da "Claridade".

Carvalho, Alberto, "A Ficção de Baltasar Lopes, contributo para a Originalidade da literatura cabo-verdiana" (tese de doutoramento), Lisboa, 1998.

Carvalho, Alberto, *Prefácio*, in *Falucho Acorado*, de Manuel Lopes.

Carvalho, Alberto, "Emergência do discurso da agressividade na poesia caboverdiana", *África, Literatura, Arte e Cultura*, nº 14, 2ª série, Ano 9, Lisboa, Ago-Set/1996, p. 19-25.

Cerrone, Federico, *Cabo Verde, Cruzamento do Atlântico Sul*, Edição Rádio Nova, Mindelo, S. Vicente, Outubro de 1998.

"Claridade", nº 9, Propriedade do grupo "Claridade", editor Joaquim Tolentino, composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, S. Vicente, Dezembro de 1960.

*C(K)ultura*, Revista semestral, Ano 1, nº1, Setembro de 1997;

Cultura e Espectáculos, "G.M.: escritor-juiz que «julgou» Silva Pais e a PIDE"; (artigo de jornal, desconhecendo-se qual seja pois não vem referido).

Duarte, Manuel, "Caboverdianidade e Africanidade", in *Vértice*, XII, nº 134, Coimbra, 1954, p. 639-644.

Ferreira, Manuel, *50 Poetas Africanos*, Lisboa, Plátano Editora, 1ª edição, s.d..

Ferreira, Manuel, *Hora di Bai*, Mem Martins, Europa-América, 1987.

Ferreira, Manuel, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa, volume 1, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986.

Ferreira, Manuel, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume I, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 6 da colecção, 1986;

Ferreira, Manuel, *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, volume II, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, volume 7 da colecção, 1986;

Ferreira, Manuel, *No Reino de Caliban*, Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa I, Cabo Verde e Guiné-Bissau, organização, selecção, prefácio e notas de Manuel ferreira, Seara Nova, 1975, Lisboa;

Ferreira, Manuel, *O discurso no percurso africano I*, Lisboa, Plátano, 1989.

Filho, João Lopes, *Alguns aspectos da CLARIDADE à luz da Etnologia*, Seminário sobre a cultura e literatura caboverdiana"; Mindelo, Novembro de 1986.

França, Arnaldo, *Notas sobre Poesia e Ficção Cabo-verdianas*, Praia, Centro de Informação e Turismo, 1962.

Hamilton, Russel G., *Literaturas Africanas Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Edições 70, Lisboa, Biblioteca de Estudos Africanos, 1984.

Hanras, Marie Christine, *A literatura caboverdiana vista dos Açores (Através de Manuel Lopes e Pedro Silveira)*, Seminário sobre o Cinquentenário da Claridade, 1986, Mindelo.

Laban, Michel, *Cabo Verde. Encontro com os escritores*, 2volumes, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992.

Laranjeira, Pires, *A negritude africana de língua portuguesa*, Porto, Afrontamento, 1995.

- Laranjeira, Pires, *Literatura Calibanesca*, Porto, Edições Afrontamento, 1985.
- Laranjeira, Pires, "Introdução", in *Mensagem - Boletim da Casa dos Estudantes do Império* - 1º volume, Editor ALAC, 1996.
- Lessa, Almerindo, e Ruffié, Jacques, *Seroantropologia das Ilhas de Cabo Verde - Mesa Redonda sobre O Homem Cabo-verdiano, Estudos Ensaios e Documentos*, nº 32, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1960.
- Lobo, Pedro de Sousa, "A originalidade humana de Cabo Verde", in *Claridade*, nº 9, Propriedade do grupo "Claridade", editor Joaquim Tolentino, composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, S. Vicente, Dezembro de 1960, p. 64-68.
- Lopes, Baltasar, *Cabo Verde Visto Por Gilberto Freyre*, apontamentos lidos ao microfone de Rádio Barlavento, Imprensa Nacional, divisão de propaganda, Praia, 1956.
- Lopes, Baltasar, *Chiquinho*, Lisboa, Círculo dos Leitores, s.d.
- Mariano, Gabriel, "A mestiçagem, seu papel na formação da sociedade caboverdiana", in *Suplemento Cultural*, da revista *Cabo verde: Boletim de Propaganda e Informação*, nº 109, Praia, 1958, p. 11-24.
- Mariano, Gabriel, *Ladeira Grande, Vega*, Coleção Palavra Africana, 1993.
- Mariano, Gabriel, *Poemas* (inéditos), caderno oferecido a O.M., 1950.
- Martins, Ovídio, *Caminhada*, Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1962.
- Martins, Ovídio, *Gritarei Berrarei Matarei Não Vou Para Pasárgada*, São Vicente, Instituto de Promoção Cultural, 2ª edição, Março de 1998;
- Martins, Ovídio, *Gritarei Berrarei Matarei Não Vou Para Pasárgada.*, B. P. 1906 - Rotterdam, Edições Caboverdianidade, colecção Anti-evasão, dirigida por Onésimo Silveira. e H. Bettencourt Santos, 1973;
- Martins, Ovídio, *Independência*, Praia, Instituto Cabo-verdiano do Livro, Dezembro de 1983.
- Massa, Jean Michel, *Unidade e diversidade na literatura caboverdiana de hoje*, Seminário do Cinquentenário da Claridade, 1986, Mindelo;
- Monteiro, Félix, *Cantigas de Ana Procópio*, in *Claridade*, nº 9, Propriedade do grupo "Claridade", editor Joaquim Tolentino, composto e impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade, Lda, S. Vicente, Dezembro de 1960, p. 15-23.

Pacheco, Maria Cristina, "Prefácio", in Mariano, Gabriel, *Vida e Morte de João Cabafume*, Veja, Coleção Palavra Africana, 1989, p. 9-19.

Silva, Baltasar Lopes, *Chiquinho*, Círculo do Leitores, Lda, 1972.

Silva, Baltasar Lopes, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

Silveira, Onésimo, Nova Lisboa (Huambo), Coleção Bailundo, 1962.

Silveira, Onésimo, "Consciencialização na Literatura Caboverdiana", Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963.

"Suplemento Cultural, Boletim de propaganda e Informação", publicação da Imprensa Nacional, Praia - Outubro - 1958;

Santos, Maria Elsa Rodrigues dos, *Não ser / Ser em Jorge Barbosa*, Seminário sobre o Cinquentenário da Claridade, 1986, Mindelo;

Oliveira, José Osório, *As Ilhas Portuguesas de Cabo Verde*, Coleção Educativa, Série E, número 3;

Vieira, Henrique Lubrano de Santa Rita, "Nova versão da revolta dos escravos em 1835", 18 de Outubro de 1986, para o simpósio do Cinquentenário da "Claridade".

Monteiro, César, *Texto Edição da CEI*, Casa dos Estudantes do Império.

### **Teoria da Literatura:**

Amora, Antônio Soares, "Introdução à Teoria da Literatura", São Paulo, Editora Cultrix., s.d.

Carmo, Mário, Dias, M. Carlos, *Introdução ao Texto Literário*, Lisboa, Didáctica Editora, 3ª edição, s.d.

Flórido, José e Luís, Manuel Duarte, *Da Teoria da Literatura à Expressão Criadora*, Porto, Porto Editora, s.d.

Silva, Vitor Manuel Aguiar, *Teoria da Literatura*, Livraria Almedina, Coimbra, volume I, 8ª edição, 1988;

Yllera, Alicia, *Estilística, Poética e Semiótica Literária*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979.

## **Bibliografia Passiva de apoio**

### **1. Crítica e Historiografia Literária**

Belo, Maria Teresa, Figueiredo, Maria Jorge Vilar, *Comentar um Texto Literário*, Editorial Presença, 3ª edição, 1990;

Buescu, Maria Leonor Carvalhão, *Apontamentos de Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 3ª edição, 1980;

Carvalho, Amorim de, *Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, Edições 70, 1974.

Coelho, Jacinto do Prado, *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes Editores, 2ª edição, Dezembro de 1977.

Coelho, Jacinto do Prado, *Problemática da História Literária*, Ática, Lisboa, 1961;

Dionísio, Eduarda, Silva, Margarida Carneiro, Domingos, Helena, *O outro Lado do Texto*, Lisboa, O Armazém das Letras Limitada, 2ª edição, 1977.

Ferreira, Maria Ema Tarracha, *Textos Literários do Século XIX*. I Volume, Lisboa, Editorial Aster, 1968.

Guimarães, Fernando, *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, Editorial Nova Limitada, 1969;

Nogueira, Franco, *Jornal de Crítica Literária*, Lisboa, Livraria Portugália, 1954.

Oliveira, Luís Amaro de, in *Viagens na minha Terra*, de Almeida Garret, Edição Didáctica para o Ensino Secundário, Porto Editora, 1977;

Pais, Amélia Pinto, *Ler por gosto 11 Programa B*, Porto, Areal Editores, 1994.

Thoorens, Léon, *Panorama des Littératures, Pays musulmans - Afrique noire - Israel 7*, marabout université, 1966.

Saraiva, António José, Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*.

## **2. Linguística:**

Benveniste, Émile, *Problèmes de linguistique générale*, vol I e II, Paris, Gallimard, 1974.

Ducrot, Oswald, Todorov, Tzvetan, "Dicionário das Ciências da Linguagem", edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho, Publicações D. Quixote;

Fonseca, Fernanda Irene, Fonseca, Joaquim, *Pragmática linguística e Ensino do Português*, Livraria Almedina, Coimbra, 1977;

Genouvrier, Emile, Peytard, Jean, *Linguística e Ensino do português*", Livraria Almedina, Coimbra, 1973;

Leroy, Maurice, *As Grandes Correntes da Linguística Moderna*, São Paulo, Editôra Cultrix, 1967.

Martinet, Andre, *Éléments de Linguistique Générale*, Paris, Armand Colin, 1974.

Mounin, Georges, *Introdução à Linguística*, Lisboa, 3ª edição, XX XXI.

Saussurre, Ferdinand, *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1972

Teyssier, Paul, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982.

## **Bibliografia vária**

### **1. Almanques e jornais**

*Almanaque Abril 1978*, São Paulo, Brasil, 1978.

*Almanaque Mundial 1978*, Panamá, Editorial América, 1978.

Diário de Notícias, *Mil Anos Pessoas Famosas*, 2003;

Expresso, *1000 Figuras do Século XX*, Edição comemorativa do nº 1000 do Expresso, 28 de Dezembro de 1991;

### **2. Filosofia e Cultura Clássica**

Aristóteles, *Retórica*, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do nascimento Pena, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Estudos Gerais, série universitária, Clássicos de Filosofia, 1998;

Aristóteles, *Poética*, Lisboa, Guimarães Editores, 1964.

Pereira, Maria Helena da Rocha, *Helade*, Antologia da Cultura Grega, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 4ª edição, 1982.

Robinson, Dave, Groves, Judy, *Filosofia para principiantes*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1999;

### **3. História e Geografia Humana**

Capela, José, *Escravidão, a empresa de saque, o abolicionismo (1810-1875)*, Afrontamento/Porto, colecção "As Armas e os Varões", s.d.;

Marques, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, Lisboa, Volume II, Palas Editores, 1976.

Derrau, Max, *Geografia Humana I*, Lisboa, Editorial Presença, Livraria Martins Fontes, Biblioteca de Estudos Universitários, nº7, s.d.

### **4. Dicionários e gramáticas**

Costa, J. Almeida, Melo, A. Sampaio e, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 6ª edição, s.d.

Ferreira, A. Gomes, Figueiredo, J. Nunes de, *Compêndio de Gramática Portuguesa*, 2ª edição, Porto Editora Lda, 1973;

Ferreira, A. Gomes, Figueiredo, J. Nunes de, *Gramática Portuguesa*, Porto Editora, 1995

Figueiredo, Eunice Barbieri de, Figueiredo, Olívia Maria, *Itinerário Gramatical*, Porto Editora, 1998;

### **Crítica Literária:**

Belo, Maria Teresa, Figueiredo, Maria Jorge Vilar, *Comentar um Texto Literário*, Editorial Presença, 3ª edição, 1990;

Buescu, Maria Leonor Carvalhão, *Apontamentos de Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 3ª edição, 1980;

Carvalho, Amorim de, *Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, Edições 70, 1974.

Coelho, Jacinto do Prado, *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes Editores, 2ª edição, Dezembro de 1977.

Coelho, Jacinto do Prado, *Problemática da História Literária*, Ática, Lisboa, 1961;

Dionísio, Eduarda, Silva, Margarida Carneiro, Domingos, Helena, *O outro Lado do Texto*, Lisboa, O Armazém das Letras Limitada, 2ª edição, 1977.

Ferreira, Maria Ema Tarracha, *Textos Literários do Século XIX. I Volume*, Lisboa, Editorial Aster, 1968.

Guimarães, Fernando, *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, Editorial Nova Limitada, 1969;

Nogueira, Franco, *Jornal de Crítica Literária*, Lisboa, Livraria Portugália, 1954.

Oliveira, Luís Amaro de, in *Viagens na minha Terra*, de Almeida Garret, Edição Didáctica para o Ensino Secundário, Porto Editora, 1977;

Pais, Amélia Pinto, *Ler por gosto 11 Programa B*, Porto, Areal Editores, 1994.  
Thoorens, Léon, *Panorama des Littératures, Pays musulmans - Afrique noire - Israel 7*, marabout université, 1966.

Saraiva, António José, Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*.

### **Linguística:**

Benveniste, Émile, *Problèmes de linguistique générale*, vol I e II, Paris, Gallimard, 1974.

Ducrot, Oswald, Todorov, Tzvetan, "Dicionário das Ciências da Linguagem", edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho, Publicações D. Quixote;

Fonseca, Fernanda Irene, Fonseca, Joaquim, *Pragmática linguística e Ensino do Português*, Livraria Almedina, Coimbra, 1977;

Genouvrier, Emile, Peytard, Jean, *Linguística e Ensino do português*", Livraria Almedina, Coimbra, 1973;

Leroy, Maurice, *As Grandes Correntes da Linguística Moderna*, São Paulo, Editôra Cultrix, 1967.

Martinet, Andre, *Éléments de Linguistique Générale*, Paris, Armand Colin, 1974.

Mounin, Georges, *Introdução à Linguística*, Lisboa, 3ª edição, XX XXI.

Saussure, Ferdinand, *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1972

Teyssier, Paul, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982.

